

Lília Soares Miranda Santos

**SOBRE A AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA
NOMINAL NO PORTUGUÊS FALADO EM
PEDRO LEOPOLDO - MG:
UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eunice Maria das Dores Nicolau.

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2010**



FIGURA 1 - Estação ferroviária de Pedro Leopoldo que deu origem ao nome desse município.
Fonte: Acervo pessoal.

Dissertação defendida por Lília Soares Miranda Santos em 04 de novembro de 2010 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Professoras:

Prof.^a Dr.^a Eunice Maria das Dores Nicolau - UFMG
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Ana Paula Antunes Rocha - UFOP

Prof.^a Dr.^a. Márcia Cristina de Brito Rumeu - UFMG

Dedico este trabalho aos meus pais – Benedito e Maria das Dores – e aos meus: filhos Beto, Nem e Leca, de quem muito me orgulho.

*Cada grande passo da Ciência foi precedido por
uma nova audácia da imaginação.*
John Dewey

AGRADECIMENTOS

A Deus, presente em todos os momentos da minha vida.

À Professora Doutora Eunice Maria das Dores Nicolau, pela orientação, paciência, dedicação e ensinamentos.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pela força em todos os momentos da minha vida e por me ensinarem a trilhar o caminho do Bem, lutando sem desrespeitar o outro.

Aos meus irmãos: Leila, Bete, Onei, Eunei, Eliana, Eliete, Oziel e Dalvinha, pela união e apoio, sempre que necessário.

Às minhas amigas Rosana, Regina, Sônia e Dona América, pela dedicação, pelo carinho e pelo apoio inquestionável, sempre que solicitado.

Aos meus filhos – Roberto, Alberto e Leandro –, simplesmente por existirem e terem modificado minha vida.

Ao meu companheiro José Geraldo, pelo apoio, carinho, incentivo e companhia constante.

Ao meu amigo José Euríalo, pela colaboração técnica, pela paciência, pelas palavras de incentivo e por sua amizade.

Aos informantes que me receberam em suas casas e me trataram com muito carinho, permitindo que eu executasse meu trabalho com sucesso.

Aos meus professores do Mestrado – Maria Cândida Seabra, Seung-Hwa Lee, Lorenzo Vitral, Evelyne Dogliane, Maria Antonieta Cohen –, pelos valiosos ensinamentos.

Aos meus professores de Graduação da Fundação Educacional Monsenhor Messias - Sete Lagoas e, principalmente, ao professor Valdemar Carlos de Deus, que serviu de inspiração para esta carreira.

Aos meus colegas, professores e funcionários da Escola Estadual Imaculada Conceição, pelas palavras de incentivo e apoio.

À Diretora, Lúcia Helena, e à vice-diretora Edna Lana e ao vice-diretor Mário, pelo apoio e pela paciência pelas vezes em que precisei me atrasar para o trabalho ou dele sair mais cedo.

Aos meus alunos da Escola Estadual Imaculada Conceição, pela motivação a prosseguir os estudos.

À Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, pelo apoio ao me conceder afastamento para este curso.

A todos aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para a execução deste trabalho acadêmico.

RESUMO

Neste estudo, analisamos a variável linguística constituída pela ausência e pela presença de concordância entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal (SN) na fala de Pedro Leopoldo/Minas Gerais, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994) e, ainda, em estudos de POPLACK (1980), que analisou o Espanhol de Porto Rico; GUY (1981), que analisou o espanhol de Porto Rico e o português brasileiro (PB); BRAGA (1977) e SCHERRE (1988, 1996), que analisam a concordância nominal no PB. A partir desses estudos, assumimos que a variável linguística objeto da análise aqui proposta é condicionada por grupos de fatores linguísticos (elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN: classe gramatical; elemento não-nuclear do SN: posição, elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de flexão de plural) e fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade e grupo social). A análise orienta-se pelas seguintes hipóteses: (i) os moradores de Pedro Leopoldo usam mais frequentemente o SN constituído de elementos entre os quais se verifica ausência de concordância (ACN) do que o SN constituído de elementos que se harmonizam em relação ao número; (ii) na fala dessa comunidade, a variável em estudo apresenta características que evidenciam uma mudança em progresso nos termos de Labov (1972). Considerando essas hipóteses, realizamos uma análise quantitativa de um *corpus* de língua falada constituído por dados extraídos de 27 (vinte e sete) entrevistas sociolinguísticas realizadas utilizando-se uma amostra composta de pessoas de três diferentes grupos sociais (classes alta, média e baixa) e distribuídas em três faixas etárias (jovem, de 17 a 23 anos; adulto, de 40 a 47 anos; idoso, acima de 60 anos). Esses informantes foram selecionados considerando-se, também, diferentes níveis de escolaridade: Ensino Fundamental (completo ou não), Ensino Médio (completo ou não) e Ensino Superior (completo ou não). Das entrevistas que fizemos com os 27 informantes selecionados, extraímos 1.297 SNs, dentre os quais, 164 contendo dois elementos não-nucleares (de modo que 1.461 *tokens* foram submetidos a uma análise quantitativa, realizada com a utilização do programa VARBRUL. Os resultados obtidos através dessa análise mostraram que a ACN ocorre em 759 casos, ou seja, 52% dos dados analisados – o que significa, portanto, que a primeira hipótese que norteia esse trabalho é confirmada. Em relação aos nove grupos de fatores inicialmente considerados, cinco foram apontados como tendo atuação significativa sobre o comportamento da variável em estudo, e, dentre os fatores contidos nesses grupos, mostraram-se favorecedores da ACN – elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de flexão de plural; sexo, escolaridade, e grupo social dos informantes. Os resultados quantitativos nos permitiram concluir que a variável em estudo não representa um caso de mudança em progresso, mas, caracteriza-se como um caso de variável estável – isso significa que a segunda hipótese, acima, foi refutada, confirmando, dessa forma, as conclusões dos estudos anteriores de que, no PB, a variação na concordância nominal está definitivamente internalizada na mente dos falantes.

ABSTRACT

In this study we analyze the linguistic variable constituted by the absence and presence of agreement between the inflectional elements of the noun phrase (NP) in the speech of Pedro Leopoldo / Minas Gerais, Brazil, based on theoretical and methodological assumptions of the Theory of Language Variation and Change (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), and in studies by Poplack (1980), who analyzed the Puerto Rican Spanish; GUY (1981), who analyzed the Puerto Rican Spanish and the Brazilian Portuguese (BP), Braga (1977) and Scherre (1988, 1996), who examined concord in BP. Based on these studies, we assume that the variable taken as object of linguistic analysis here is conditioned by linguistic groups of factors (NP core element: location; NP core element: grammatical class; NP non-nuclear: position; NP non-nuclear element: grammatical class; non-nuclear part of the NP: presence and absence of plural inflexion), and also by extralinguistic factors (gender, age, education and social group). The analysis is guided by these hypotheses: (i) inhabitants of Pedro Leopoldo use more often the NP constituted by elements among which there is no noun agreement instead of the NP composed by elements that harmonize themselves as to number; (ii) in the speech of this community, the target variable presents characteristics that show evidence of a change in progress in terms of Labov (1972). Given these assumptions, we conducted a quantitative analysis of a corpus of spoken language data from 27 (twenty seven) sociolinguistic interviews with a sample of speakers from three different social groups (medium, and low classes) divided into three age groups (young - 17 to 23 years; adult - 40-47 years; aged - above 60 years). These informants were selected considering their different levels of education: Primary Education (complete or not), High School (complete or not), and Higher Education (complete or not). Of the interviews with those 27 informants 1,297 NFs were selected; among them, 164 containing two non-nuclear elements (so that 1,461 tokens were subjected to quantitative analysis through the VARBRUL program). The results obtained showed that absence of concord in noun (ACN) occurs in 759 cases, or 52% of the analyzed data - which therefore means that the first hypothesis that guides this work is confirmed. Concerning the nine groups of factors initially taken, five of them were pointed out as having significant influence on the behavior of the target variable, and among the factors of these groups, the following factors were benefiting the ACN – non-nuclear element of the NP: grammatical class, non-nuclear part of the NP: presence and absence of plural inflexion, gender, education, and social group of the informants. The quantitative results allow us to conclude that the target variable does not represent a change in progress at all, but it is characterized as a case of stable variable - this means that the second hypothesis above was rejected, confirming thus the conclusions of previous studies that states that in PB the linguistic variation related to concord is definitely internalized in the minds of speakers.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 2: A REGRA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	15
2.1. Preliminares.....	15
2.2. Da obrigatoriedade da concordância nominal.....	16
2.3. Ausência de concordância nominal: resultado de atuação de regra variável.....	19
CAPÍTULO 3: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
3.1. A teoria da variação e mudança linguística.....	35
3.2. A comunidade de fala: conceitos e delimitação.....	38
3.2.1. Pedro Leopoldo - Região Metropolitana de BH/MG.....	40
3.2.2. O quadro social dos informantes da comunidade pesquisada.....	46
3.3. Hipóteses e objetivos.....	50
3.3.1. Objetivos.....	51
3.3.1.1. Objetivos gerais.....	51
3.3.1.2. Objetivos específicos.....	52
3.4. As variáveis e os grupos de fatores.....	52
3.4.1. Dos fatores linguísticos e extralinguísticos.....	53
3.4.2. As variáveis sociais na caracterização dos processos de variação e mudança.....	59
3.5. Procedimentos metodológicos.....	64
3.5.1. A constituição da amostra.....	64
3.5.2. Coleta de dados.....	66
3.5.3. Tratamento dos dados.....	68
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS DADOS.....	71
4.1. Da interpretação dos resultados quantitativos.....	71
4.2. Resultados iniciais.....	73
4.3. Atuação dos fatores estruturais.....	74
4.3.1. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical.....	74
4.3.2. Elemento não-nuclear: Ausência e presença de flexão de plural.....	82
4.3.3. Cruzamento entre elemento nuclear e não-nuclear posição e classe gramatical.....	84
4.3.4. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical posição em relação ao elemento nuclear.....	86
4.4. Atuação dos fatores não-estruturais.....	89
4.4.1. Sexo.....	89
4.4.2. A influência do nível de escolaridade.....	92
4.4.3. A influência do grupo social.....	94
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXO I.....	107
ANEXO II.....	109

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Parallel Effect of Position in NP on Plural marking.....	23
TABELA 2 – Distribuição dos dados dos falantes adultos em função da classe gramatical e da posição dos elementos no SN.....	25
TABELA 3 – Distribuição das classes gramaticais não-nucleares em função da posição e da relação com o núcleo.....	27
TABELA 4 – A ausência de CN nos nove grupos de fatores.....	74
TABELA 5 – A ausência de CN segundo a classe gramatical dos elementos não nucleares.....	76
TABELA 6 – Distribuição dos dados em função da classe gramatical e da posição dos elementos nucleares no SN.....	78
TABELA 7 – Distribuição dos dados em função da classe gramatical e da posição dos elementos não-nucleares no SN.....	80
TABELA 8 – Ausência de CN segundo a presença e ausência de flexão de plural.....	84
TABELA 9: Distribuição dos dados em função da flexão de plural nos elementos nucleares e não-nucleares relacionados segundo a classe gramatical e posição no SN.....	85
TABELA 10: Distribuição dos dados em função da flexão de plural nos elementos não-nucleares e nucleares relacionados de acordo com a posição do SN.....	86
TABELA11 - Distribuição das classes gramaticais não-nucleares em função da posição e da relação com o núcleo.....	88
TABELA 12- A ausência de CN segundo o sexo	91
TABELA 13- A ausência de CN segundo o sexo nas amostras do Rio de Janeiro, Rio Branco e Pedro Leopoldo.....	92
TABELA 14- A ausência de CN considerando o sexo e a faixa etária.....	92
TABELA 15- A ausência de CN segundo o nível de escolaridade.....	93
TABELA 16- A ausência de CN considerando o nível de nível de escolaridade e a faixa etária.....	94
TABELA 17- A influência do grupo social	96
TABELA 18- A ausência de CN considerando o grupo social e o nível de escolaridade.....	97

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Algumas características dos informantes considerados nesse estudo.....	51
QUADRO 2 – Categorização dos fatores em função do elemento nuclear: posição no SN.....	56
QUADRO 3 – Categorização dos fatores em função do elemento nuclear do SN classe gramatical.....	57
QUADRO 4 – Categorização dos fatores em função do elemento nuclear do presença/ausência de flexão no	58
QUADRO 5 – Categorização dos fatores em função do elemento não-nuclear do SN: posição.....	58
QUADRO 6 – Categorização dos fatores em função do elemento não-nuclear do SN classe gramatical.....	60
QUADRO 7A- As variáveis dependentes.....	64
QUADRO 7B –As variáveis independentes.....	65
QUADRO 8 - Características sociais dos falantes considerados nesse estudo.....	67

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – A ausência de CN segundo a classe gramatical do elemento não-nuclear.....	76
GRÁFICO 2 – Cruzamento entre classe gramatical e posição dos elementos nucleares.....	79
GRÁFICO 3- Cruzamento entre a classe gramatical e posição dos elementos não- nucleares.....	81
GRÁFICO 4--A ausência de CN segundo a ausência e a presença de flexão plural nos elementos não- nucleares.....	84
GRÁFICO 5- A ausência de CN segundo o sexo.....	91
GRÁFICO 6 – A ausência de CN segundo o nível de escolaridade.....	94
GRÁFICO 7 – A ausência de CN segundo o grupo social do informante.....	96

CAPÍTULO 1:

INTRODUÇÃO

Neste estudo, analisamos a variável linguística constituída da presença e da ausência de concordância nominal entre os elementos do sintagma nominal (SN) na fala de Pedro Leopoldo/Minas Gerais, com base nos pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994).

Essa proposta se justifica pelo seguinte: (a) a língua portuguesa apresenta mecanismos de flexão de gênero, de número e de pessoa; (b) de acordo com a Gramática Tradicional, a sintaxe de concordância faz com que determinadas palavras se harmonizem, nas suas flexões, com as palavras de que dependem na frase; (c) segundo CUNHA & CINTRA (1985), a concordância nominal ocorre quando há harmonia das palavras com os substantivos ao quais se vinculam; (d) porém, ao lado da presença de concordância nominal de número, o português falado no Brasil (doravante, PB) apresenta casos em que essa concordância deixa de ser feita – ou seja, no PB, há evidências da ausência de concordância nominal de número (doravante, ACN), que vem sendo objeto de estudos tanto dialetológicos quanto sociolinguistas.

Entre os trabalhos realizados por sociolinguistas, merecem destaque os de: POPLACK (1980), que analisa a concordância nominal no espanhol de Porto Rico; GUY (1981), que focaliza o fenômeno no espanhol de Porto Rico e no PB; BRAGA (1977) e SCHERRE (1988, 1996), que analisam a concordância nominal no PB – o primeiro, utilizando dados de sete falantes de classe média baixa do Triângulo Mineiro, e, o segundo, dados extraídos do *Corpus Censo* – Rio de Janeiro. Nesses estudos, três variáveis estruturais têm se mostrado muito importantes: (i) a posição linear que o elemento ocupa no SN; (ii) a classe gramatical do elemento; e (iii) a natureza das marcas precedentes.

O objetivo deste estudo é testar estas quatro hipóteses:

1ª) Ao lado da presença de concordância, a ACN de número plural entre os elementos do SN está ocorrendo na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais;

2ª) Essa variação, no PB, com base nos estudos anteriores, supracitados, é condicionada pelos fatores estruturais – elemento nuclear: posição no SN, a classe gramatical do elemento nuclear; elemento não-nuclear: posição no SN, classe gramatical do elemento e

presença/ausência de flexão de plural; e, pelos fatores não-estruturais: sexo, faixa etária, grupo social, escolaridade;

3ª) o uso dessa variável no Português falado em Pedro Leopoldo, é uma variável que se caracteriza como mudança em progresso, nos termos de LABOV (1972);

4ª) os moradores dessa comunidade usam mais a variante não-padrão e esse uso é mais frequente entre as pessoas com menos grau de escolaridade, e, pessoas pertencentes ao grupo social baixo (C).

Partindo dessas hipóteses, realizamos um estudo quantitativo baseado em *corpus* de língua falada, obtido por meio de entrevistas sociolinguísticas e utilizando uma amostra constituída por pessoas dos grupos sociais alto (A), médio(B) e baixo(C), distribuídas em três faixas etárias, a saber: (G1) = J de 17 a 23 anos; (G2) = A de 40 a 47 anos; (G3) = I acima de 60 anos; além disso, os informantes foram selecionados considerando-se diferentes níveis de escolaridade: (F) Ensino Fundamental – (completo, ou não); (M) Ensino Médio (completo, ou não); (S) Ensino Superior (completo, ou não).

Os dados foram submetidos a análise quantitativa, utilizando-se o conjunto de programas computacionais VARBRUL (SANKOFF, 1988; ROUSSEAU & SANKOFF, 1978; PINTZUK, 1988). Os resultados dessa análise orientam uma análise quantitativa do comportamento da variável, objeto do presente estudo.

A pesquisa é apresentada, nesta dissertação, estruturada em quatro capítulos, além deste introdutório. No Capítulo 2, sintetizamos estudos sobre a concordância nominal sob a perspectiva tradicional, e, ainda, diversos estudos do fenômeno já realizados sob a perspectiva variacionista. No Capítulo 3, explicitamos os pressupostos teórico-metodológicos adotados e apresentamos as características da comunidade pesquisada, bem como o quadro social da sua população; nesse capítulo, incluímos os objetivos e as hipóteses que fundamentaram a pesquisa. Em seguida, estabelecemos as variáveis e os grupos de fatores considerados na análise. No Capítulo 4, apresentamos os resultados da análise quantitativa dos dados, focalizando os grupos de fatores apontados como significativos e os fatores relevantes para a explicação da frequência mais elevada da ACN no SN. No Capítulo 5, apresentamos as conclusões obtidas por meio dos resultados quantitativos e tecemos algumas reflexões acerca da relação entre o problema estudado e as hipóteses que orientaram a pesquisa.

CAPÍTULO 2:

A REGRA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PB

2.1. Preliminares

A língua portuguesa apresenta mecanismos gramaticais de flexão de gênero, de número e de pessoa. De acordo com a Gramática Tradicional (GT), a sintaxe de concordância faz com que determinadas palavras se harmonizem, nas suas flexões, com as palavras de que dependem na frase. Segundo Cunha & Cintra (1985), a concordância pode ser verbal ou nominal, dependendo dos elementos envolvidos nessa relação: a concordância verbal ocorre quando o verbo se harmoniza em número e pessoa com o sujeito (exs.: *O técnico escalou o time. Os técnicos escalaram os times.*); a concordância nominal ocorre quando há harmonia das palavras com os substantivos aos quais se vinculam (exs.: *Dois pequenos goles de vinho e um calçado certo deixam qualquer mulher...*).

Mas, ao lado da presença de concordância nominal de número, o português falado no Brasil apresenta casos em que essa concordância deixa de ser feita – ou seja, no PB, há evidências da ACN de número, que vem sendo objeto de estudos tanto dialetológicos quanto sociolinguistas. Entre os trabalhos realizados pelos dialetólogos, podem ser destacados: Amaral (1976) - São Paulo; Monteiro (1933) - Rio de Janeiro; Marroquim (1945) - Alagoas e Pernambuco; Melo (1946) - em várias regiões do Brasil; Nascentes (1953) - Rio de Janeiro. Entre os trabalhos realizados por sociolinguistas, merecem destaque: Poplack (1980), que analisa a concordância nominal no espanhol de Porto Rico; Guy (1981b), que focaliza o fenômeno no espanhol de Porto Rico e no PB; Braga (1977) e Scherre (1988, 1996), que analisam a concordância nominal no PB – o primeiro, utilizando dados de 7 (sete) falantes de classe média baixa do Triângulo Mineiro e, a segunda, dados extraídos do *Corpus Censo* - Rio de Janeiro.¹

¹ *Corpus Censo* do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), grupo de pesquisa vinculado ao Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Esse banco de dados é constituído por 64 (sessenta e quatro) gravações de 60 (sessenta) minutos cada com 64 (sessenta e quatro) informantes, estratificados em função dos anos de escolarização (de 1 a 4 anos, de 5 a 8 anos; e de 9 a 11 anos), da faixa etária (7/14 anos; 15/26; 26/49 e acima de 49 anos), e do sexo (feminino e masculino). (cf. SCHERRE, 1996).

2.2. Da Obrigatoriedade da Concordância Nominal

As normas relativas à concordância nominal de número em Português, consensualmente apresentadas nas gramáticas, são explicitadas neste capítulo, considerando-se apenas alguns autores mais representativos; a essa explicitação se seguirá a síntese dos estudos variacionistas anteriormente mencionados.

Conforme Melo (1978):

A concordância nominal é a que se faz do adjetivo atributivo ou predicativo – com o substantivo a que se refere: *casa branca; menino delicado; laranjas maduras; estes homens são honestos*, “considero válidas as razões apresentadas”. Desnecessário é acrescentar que a concordância nominal se estende também com o artigo, os possessivos, os demonstrativos, os indefinidos, que tudo são determinantes do nome substantivo. (MELO, 1978 p. 222)

Além dos casos comuns acima citados, Melo (1978, p. 232) aponta a concordância de alguns casos especiais, quais sejam:

1. quando o adjetivo precede dois ou mais substantivos, geralmente concorda com o mais próximo (ex.: *parece se não de todo desfalecida a natureza, pelo menos presa de penoso entorpecimento, perdidos o alento e as forças.*) (Visconde de Taunay, *Céus e Terras*, p. 43);

2. estando posposto o adjetivo, pode concordar com o mais próximo. (ex.: *Manifesto e portentoso sinal do ardente amor às perfeições e amabilidade divina.*) (Bernardes, *Luz e Calor*, apud LP, p. 145);

3. quando dois ou mais substantivos coordenados têm a si referido um determinante, pode este só explicitar-se antes do primeiro nome e subentender-se junto aos mais. (ex.: *no meio da confusão que produzira por toda parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros e na donzela.*) (Herculano, *Eurico*, p. 199); e

4. sobre a concordância do adjetivo predicativo, Melo (1978, p. 233) ressalta que: a tendência geral é o adjetivo acompanhar o número do

verbo e o gênero do substantivo mais próximo, principalmente quando há anteposição do concordante. (ex. *não se almoça hoje nessa casa, onde está metido o Senhor Visconde e a Piedade?*) (Camilo, *O filho natural*, apud Mário Barreto, Novos, p. 190).

Rocha Lima (2005, p. 305-306), por sua vez, estabelece que a concordância do adjetivo com o substantivo faz-se consoante os seguintes preceitos gerais: a) caso o adjetivo modifique um só substantivo, este tomará o gênero e o número deste. (ex.: *homem alto, mulher alta, homens altos, mulheres altas*); e b) se houver vários substantivos, de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode ir para o masculino plural ou concordar apenas com o substantivo mais próximo. Rocha Lima observa, ainda, que, no caso acima:

- a) que essa escolha está sujeita às exigências da eufonia e da clareza e subordina-se, principalmente, à intenção do autor. (ex.: *O pai e a mãe extremosos, ou extremosa*); conforme adjetivo se refira a ambas as pessoas, pai e mãe, ou *especialmente à mãe*;
- b) o caso do adjetivo preceder os substantivos, far-se-á concordância com o primeiro destes. (ex.: *Boa hora e local escolheste!*);
- c) ainda as mesmas condições são seguidas quando, os substantivos são de gêneros e números variados. (ex.: *Agastamentos e ameaças fingidas ou fingidos prontos, lamentações e mágoas dolorosas ou dolorosos propósitos e tentativas malogradas*).

Rocha Lima (2005, p. 306), finalmente recomenda:

Desde que haja mais de um substantivo, a regra estritamente lógica é a concordância do adjetivo com todos os substantivos, observando-se a primazia do masculino sobre o feminino, e a do plural sobre o singular. Mas os princípios da eufonia e da clareza não raro, impõe a concordância com o substantivo mais próximo. (ROCHA LIMA, 2005, p. 305-306)

A Concordância Nominal, segundo Bechara (2004) pode ser de palavra para palavra ou de palavra para sentido. Assim, considerando-se o primeiro caso:

1 – Na estrutura em que há uma só palavra determinada, a(s) palavra(s) determinante(s) deve(m) se harmonizar, em gênero e número, com tal palavra (ex.: *eu amo a noite solitária e muda.*). Cabe observar que, no caso em que há uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo neste último caso, facultativa a repetição do artigo; em geral, isso ocorre com estruturas contendo adjetivos de nacionalidade (exs.: *as literaturas brasileira e portuguesa*; *a literatura brasileira e portuguesa*; ou *a literatura brasileira e a portuguesa*):

2 – Na estrutura em que há mais de uma palavra determinada, deve-se observar o gênero dessas palavras, porque:

- a) se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima (ex.: *A língua e (a) literatura portuguesas* ou *A língua e (a) literatura portuguesa*; e
- b) se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará, em gênero e número, com a mais próxima (ex.: *Vinha todo coberto de **negro**: negros e elmo, a couraça e o saio / como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais antigos*).

No que diz respeito à concordância de palavra para sentido, conforme o referido autor, a palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a forma da palavra determinada, para levar em consideração apenas o sentido em que essa se aplica (ex.: *o (vinho) **champanha**, o (rio) **Amazonas***) e, entre os diversos casos dessa concordância pelo sentido, figuram os seguintes:

- 1º) as expressões de tratamento do tipo de V. Ex^a, V. S^a (ex.: *atencioso (referindo-se a homem)*; *atenciosa (referindo-se a mulher)*);

2º) a expressão **a gente** aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala (ex.: *pergunta a gente a si próprio quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter ...*);

3º) o termo determinado representado por um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes (ex.: *Acocorada em torno, nus, a negralhada miúda, de dois a oito anos*); e

4º) a palavra determinada no singular e, mais adiante, o determinante no plural, em virtude de se subentender aquela no plural (ex.: *não compres livro somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos*).

2.3. Ausência de Concordância Nominal: Resultado de Atuação de Regra Variável

Nos estudos sociolinguistas, a regra de concordância nominal entre os elementos flexionais do sintagma nominal é tratada como uma regra variável; ou seja, uma regra que ora se aplica, ora deixa de se aplicar, em decorrência de atuação (positiva ou negativa) de determinados grupos de fatores. Entre esses grupos de fatores, três, de caráter linguístico, têm se mostrado importantes:

- 1) A posição linear que o elemento ocupa no SN (ex: *primeira posição – as perna toda marcada; segunda posição – todas as casas*);
- 2) A classe gramatical do elemento (ex.: *substantivo – problemas assim maiores; quantificador – todos os anos*); e
- 3) A natureza das marcas precedentes (ex: *numerais – passou QUINZE dias, passou QUINZE dias, ele foi lá no bar; presença de marca formal na primeira posição – porque ele traziam BOIS mais bravo.)*

Braga (1977), dando prosseguimento a estudo anterior (BRAGA & SCHERRE, 1976) e adotando o modelo sociolinguístico proposto por Labov (1972) analisa esse fenômeno – a concordância nominal entre os elementos flexionáveis no SN, considerado como regra variável no PB – na fala de sete moradores do Triângulo Mineiro, todos da mesma faixa etária (de 15 a 20 anos), pertencentes às classes sociais média e baixa, com escolarização de Ensino Fundamental e Ensino Médio incompletos. A autora considera a possibilidade de o fenômeno estudado refletir influência de quatro variáveis linguísticas (presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado; natureza fonológica do contexto seguinte; posição que o elemento ocupa no SN; grau de saliência fônica na oposição singular/plural) e duas variáveis extralinguísticas (grau de formalismo da gravação e classe social dos falantes). Os resultados relativos à atuação desses fatores linguísticos e extralinguísticos encontrados nessa análise são apresentados a seguir:

1 - quanto à variável presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado, a variante elemento anterior não-flexionado apresenta maior chance de aplicação da regra de concordância de número no SN do que a variante elemento anterior flexionado;

2 - a respeito do grupo de fatores natureza fonológica do contexto, Braga (1977, p. 81) conclui levantando a seguinte hipótese: “é provável que, além do contexto fonológico seguinte, deva-se considerar a natureza fonológica do contexto imediatamente anterior ao /S/ e posição da sílaba tônica no elemento considerado, ao se estudar o cancelamento do morfema de plural”.

3 - quanto à variável linguística posição linear do elemento no SN, denominada distância, a autora concluiu que: “os falantes da classe baixa e média apresentam uma probabilidade mais elevada na aplicação da regra na primeira posição com um declínio progressivo nas segunda, terceira, quarta e quinta posições” (BRAGA, 1977, p. 58-59); e

4 – no que se refere ao grupo de fatores saliência fônica, obedecendo a escala de diferenciação material fônica em quatro níveis (inserção de -S e mudança silábica; inserção de -ES em palavras terminadas em R; inserção de -S em palavras de plural regular; inserção de -ES em palavras terminam em -S), Braga (1977, p. 75) mostra que: os resultados desse estudo com os falantes de classe média estão de acordo com o princípio saliência; ou seja, as formas mais salientes e, conseqüentemente, mais perceptíveis, são mais marcadas que as menos salientes, entre os falantes da classe média. Já os falantes da classe baixa não tiveram o mesmo desempenho, apresentando apenas uma oposição binária; ou seja, inserção de -S em

itens terminados em -S, desfavorecendo a aplicação da regra de plural nos demais itens da escala de diferenciação material fônica.

O grupo de fatores grau de formalismo, conforme Braga (1977), não exerceu forte influência nos falantes da classe baixa, tendo sido mais relevantes os resultados da classe média. De acordo com essa pesquisadora, há uma considerável distância, em termos estatísticos, entre os valores obtidos pela classe média, em relação aos da classe baixa; ou seja, os falantes da classe média apresentam desempenho linguístico que se aproxima mais da norma de prestígio do que os falantes da classe socioeconômica baixa.

Poplack (1980), ao estudar o cancelamento do -s plural no Espanhol de Porto Rico, analisou 6.349 dados obtidos em situações de interação informal e de entrevistas gravadas de dezoito falantes adultos, sendo quatorze residentes em um único bloco de imigrantes do Norte da Filadélfia. A autora analisa a possível atuação de três fatores sobre o comportamento da variável (posição linear, classe gramatical e marcas precedentes), observando o efeito deles por meio da atuação: (1) da classe gramatical; e do (2) cruzamento entre marcas precedentes e posição. Ao analisar esse grupo de fatores, a autora tem por objetivo examinar o fenômeno redundância (característica da forma de marcar o plural no espanhol padrão), medindo seu efeito em função da posição que o elemento ocupa no SN. Levanta, então, a seguinte hipótese: presença de marca de plural antes do dado favorece a retenção da marca naquele dado, enquanto a ausência de uma marca precedente favorece o cancelamento.

De acordo com os resultados obtidos:

A - em relação ao fator classe gramatical, os adjetivos (.69) favorecem o apagamento de marcas de plural, enquanto os determinantes (.26) favorecem sua retenção.

B - Quanto ao fator cruzamento entre marcas precedentes e posição, Poplack (1980) conclui que as marcas de plural tendem a ser retidas, quando ocorre o mesmo com as marcas precedentes, e essa retenção ocorre também por estar na primeira posição. A referida autora ressalta que o efeito diferencial no cancelamento é devido à presença de uma marca imediatamente precedente; ou seja, OS, SS, e S continuam desfavorecendo o cancelamento (.40 e .44 respectivamente), enquanto O e SO favorecem-no. O contexto mais favorecedor para cancelamento de marcas é precisamente quando as duas marcas precedentes já tenham sido canceladas. Ela interpreta esses resultados como “contra-funcionais”, observando que esses são exatamente os opostos encontrados por Braga (1977) e Guy (1978) quanto ao Português do Brasil (PB).

Já Guy (1981b), partindo dos resultados obtidos em trabalhos anteriores (POPLACK, 1977; GUY, 1978) – o primeiro utilizando dados do Espanhol de Porto Rico e o

segundo, dados do seu próprio trabalho sobre o PB –, compara os resultados dos grupos de fatores (classe gramatical, estudado por Poplack, e o efeito do fator posição do elemento no SN, estudado por ele). Estabelece uma relação entre esses fatores e sugere uma equivalência entre a influência dos determinantes ou da primeira posição; dos substantivos ou da segunda posição; dos adjetivos ou da terceira posição. Assim, ele conclui que o efeito do fator classe em função do fator posição é “virtualmente idêntico”, exceto na primeira posição do SN. Guy apresenta uma tabela (v. Tabela 1) contendo a probabilidade da presença de marca de plural nas três posições dos trabalhos citados acima (tradução nossa).

Língua	Posição no SN		
	Determinante	Substantivo	Adjetivo
Espanhol de Porto Rico (Poplack, 1977)	.74	.43	.31
Português do PB (Guy 1978)	1ª posição	2ª posição	3ª posição
	.93	.43	.34

TABELA 1 - Parallel Effect of Position in NP on Plural marking.
 Fonte: GUY, 1981, p. 90.

Scherre realizou diversos estudos sobre a concordância nominal no PB. Destacamos, aqui, Scherre (1996), que trata da “influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português”; nesse trabalho, a autora analisa esse fenômeno arregimentando contribuições de vários autores: Cedegrem (1973) e Poplack (1980), no Espanhol; Braga (1977) e Guy (1981b), no PB, com amostras de fala, considerando que as marcas formais de plural puderam ser encontradas:

1 – em todos os elementos do SN (*os nossos direitos, os meus pais; essas coisas todas*);

2 – em alguns de seus elementos (*essas coisas toda, do meus colegas; as condições financeira*);

3 – em apenas um de seus elementos (*a perna tem feita, aquelas empada bem grandinha, essas coisa toda*);

4 – em SNs sem nenhuma marca formal explícita de plural, exemplo: quando o primeiro elemento é um numeral cardinal (*sete salário mínimo*); e

5 – quando há um SN complexo com carga semântica de plural (*uma porção de peixinho colorido*) que determinaria a marca formal de plural nos elementos do SN encaixado.

As construções analisadas pela referida autora foram extraídas do banco de dados do *Corpus Censo*. Esse banco de dados é constituído por 11.086 (onze mil e oitenta e seis) dados extraídos de entrevistas de 48 (quarenta e oito) falantes adultos.

Scherre (1996), discordando da correlação sugerida por Guy (1981b), desenvolve uma abordagem analítica que considera esses três fatores (posição linear, classe gramatical, marcas precedentes) separadamente, e, procurando verificar todas as suas interrelações, propõe uma análise que considera esses três fatores transformados em apenas dois, quais sejam: 1) relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição linear dos elementos nucleares no SN; e 2) marcas precedentes em função da posição.

Com objetivo de buscar explicação para o efeito do fator classe, apresentada por Guy (1981b), em função do fator posição, Scherre (1996, p. 48) apresenta uma tabela (v. Tabela 2) com a distribuição dos dados, os quais demonstram as razões de sua discordância.

CLASSE	POSIÇÃO			TOTAL
	Primeira	Segunda	Terceira	
Substantivo	153/161 = 95% Ex.: <i>problemas</i> <i>assim maiores</i>	2.777/5.196 = 53% Ex.: <i>essas carne</i> <i>congelada</i>	317/514 = 62% Ex.: <i>das otas</i> <i>famílias</i>	3247/5871
Categoria substantivada	Não ocorre	60/93 = 65% Ex.: <i>trabalha uma,</i> <i>as outras fica</i>	16/23 = 70% Ex.: <i>as coisas</i> <i>boas e as ruins...</i>	76/116
Pronome Pessoal 3ª Pessoa	12/12 = 100% Ex.: <i>delas todas</i>	27/33 = 82% Ex.: <i>de todos eles</i>	xxxx Ex.: <i>todos ele</i>	39/45
Adjetivo	47/48 = 98% Ex.: <i>novas escolas</i>	125/163 = 77% Ex.: <i>as boas ações</i>	125/307 = 41% Ex.: <i>uma casinha</i> <i>bunitinha.</i>	297/518
Quantificador	133/133 = 100% Ex.: <i>todos os anos</i>	3/7 = 43% Ex.: <i>; eles todo</i>	22/108 = 20% Ex.: <i>aquelas</i> <i>cruzinha toda</i>	158/248
Possessivo	184/184 = 100% Ex.: <i>suas tias</i>	130/135 = 96% Ex.: <i>no meus filhos</i>	2/12 = 17% Ex.: <i>uns colega</i> <i>meu...</i>	316/331
Demais classes não-nucleares	3701/3802 = 97%	141/151 = 93%	3/4 = 75%	3845/3953
TOTAL	4230/4340 = 97%	3263/5778 = 56%	485/968 = 50%	7978/11086

TABELA 2 - Distribuição dos dados dos falantes adultos em função da classe gramatical e da posição dos elementos no SN.
Fonte: Scherre, 1996, p. 48.

Scherre (1996) mostra que, de acordo com os resultados quantitativos por ela obtidos:

1. a terceira posição não é ocupada apenas pelos adjetivos: 31% (307/968) são adjetivos, mas 53% (514/968) dos casos de terceira posição são substantivos;
2. há um grande número de adjetivos na segunda posição 31% (163/518), percentual também significativamente alto para ser ignorado, apesar de o número de adjetivos da segunda posição (163) ser bastante pequeno em relação ao número de substantivos nessa mesma posição (5196), mas não o é em relação ao número de adjetivos de todas as posições (518);

3. os substantivos têm mais chances de serem marcados na terceira (62%) do que na segunda posição (53%), ao contrário dos adjetivos, que se apresentam mais marcados na segunda (77%) do que na terceira posição (41%); e que

4. os possessivos e os demais elementos não-nucleares também ocorrem na segunda posição, com índices de marcas bem mais altos (97% e 93%, respectivamente) do que os substantivos nessa mesma posição (53%). Verifica-se, ainda, que qualquer classe gramatical que ocupe a primeira posição tende a ser muito marcada.

Então, com base nos fatos observados acima, a autora verifica que tomar classe por posição ou posição por classe implica encobrir regularidades linguísticas importantes. Assim, ela propõe a introdução de uma nova abordagem analítica que dê conta da relação entre essas duas variáveis, considerando que:

1. as classes gramaticais não-nucleares que ocorrem na primeira posição são todas antepostas ao núcleo do SN;
2. as da segunda posição são predominantemente antepostas ao núcleo do SN; e
3. as classes não-nucleares da terceira posição são predominantemente pospostas ao núcleo do SN.

Para essa análise, a autora apresenta uma tabela (v. Tabela 3, a seguir) com as classes não-nucleares distribuídas em função da posição linear que ocupam no SN e em função da relação de anteposição ou de posposição do núcleo do SN.

CLASSE E POSIÇÃO	Anteposto	Posposto
Adjetivo na 1ª posição (<i>novas escolas</i>)	47/48 = 98%	Não ocorre
Adjetivo na 2ª posição (<i>as boas ações/coisas lindas</i>)	36/39 = 92%	89/124 = 72%
Adjetivo na 3ª posição (<i>uma casinha bonitinha</i>)	Não ocorre	127/307 = 40%
Quantificador na 1ª posição (<i>todos os anos</i>)	133/133 = 100%	Não ocorre
Quantificador na 2ª posição (<i>eles todo</i>)	Não ocorre	3/7 = 43%
Quantificador na 3ª posição (<i>aquelas cruzinha toda</i>)	Não ocorre	22/108 = 20%
Possessivo na 1ª posição (<i>suas tias</i>)	184/184 = 100%	Não ocorre
Possessivo na 2ª posição (<i>os meus filhos/colegas minhas</i>)	127/130 = 98%	3/7 = 43%
Possessivo na 3ª posição (<i>uns colegas meu</i>)	Não ocorre	2/12 = 17%
Demais elementos não-nucl. 1ª pos. (<i>alguns meses/determinados pontos</i>)	3791/3802 = 97%	Não ocorre
Demais elementos não-nucl. 2ª pos. (<i>todos os anos/eles mesmo</i>)	141/148 = 95%	0/3 = 0%
Demais elementos não-nucl. 3ª pos. (<i>do meus próprios filhos</i>)	1/1 = 100%	2/3 = 66%

TABELA 3: Distribuição das Classes Gramaticais não-nucleares em função da posição e da Relação com o Núcleo.
Fonte: Scherre, 1996 p. 51.

De acordo com os resultados obtidos por Scherre, em relação às classes não-nucleares, foi possível observar que:

- 1) todos os elementos antepostos ao núcleo do SN, independente da posição que ocupam no SN, são muito marcados; ou seja, o menor percentual é de 91%; e que
- 2) relativamente aos antepostos, todos os elementos pospostos ao núcleo do SN são menos marcados.

A autora considera que a relação entre a classe gramatical e a posição, em relação aos elementos não-nucleares, deve ser vista por meio da distribuição desses elementos ao redor do núcleo, sem importar nem a classe nem a posição linear, mas sim a distribuição da classe não-nuclear em relação ao centro do SN.

Segundo Scherre, surge uma segunda questão: a posição linear isolada mostra-se importante apenas com relação aos elementos nucleares do SN; isso é interessante, à medida que é possível verificar-se que: 1) categorias substantivadas se comportam, em termos de hierarquia, da mesma forma que os próprios substantivos; ou seja, são mais marcados na terceira do que na segunda posição; e 2) pronomes pessoais, embora apresentem percentagens de marcas de plural mais altas do que os substantivos evidenciam, como aqueles, maior número de marcas na primeira do que na segunda posição, conforme dados da Tabela 3.

Assim, ela propõe transformar os dois fatores sob discussão em um só, denominado: relação entre os elementos do SN. Dessa análise, conclui que:

1) as classes não-nucleares antepostas são mais marcadas do que as pospostas; ou seja, não é o adjetivo que é pouco marcado, mas o adjetivo posposto. Nem é o quantificador que é muito marcado, mas o quantificador anteposto, razão pela qual, segundo Scherre, afirmar que a primeira posição do SN é mais marcada não é, portanto, adequado; e que

2) os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições: na primeira e na terceira, são sempre mais marcados do que na segunda; dessa forma, ela refuta as conclusões de que o substantivo é uma das classes gramaticais menos marcadas, embora Poplack (1980) já afirmasse que o substantivo tendia a ser mais marcado na primeira posição.

O fator marcas precedentes e posição linear, segundo Scherre, foi considerado por estudiosos que analisaram a concordância nominal no PB e por Poplack (1980), para o Espanhol, conforme apresentado acima. O objetivo da autora é retomar esse fator de forma análoga à de Poplack (1980) e mostrar que o Português Brasileiro e o Espanhol apresentam mais semelhanças do que diferenças. Assim, analisa esse fator para o Português do Brasil e verifica que ele não foi analisado adequadamente, porque os estudos realizados apresentam resultados não interpretados; ou seja, exibem explicações *ad hoc* e diferentes, para resultados idênticos. Para essa análise, Scherre subdividiu-o em nove fatores e os exemplos apresentados por ela são destacados da forma apresentada abaixo, onde o dado em análise está sublinhado e o contexto precedente, que constitui o fator condicionante, encontra-se grafado com letras maiúsculas. Esses fatores são apresentados a seguir, com exemplificações.

O primeiro fator – ausência – refere-se à ausência de qualquer constituinte do SN precedendo o dado da primeira posição (os fregueses, do meus tio).

O segundo fator – zero formal na primeira posição – é constituído pelos casos da primeira posição não formalmente marcados (dO meus tios; FILHOTINHO novos; TANTA gargalhadas).

O fator três é constituído por numerais (e apenas numerais) da primeira posição (TRÊS capítulos; NOVE núcleos formados; DEZ sinhoras lá sentada; DOIS risco verde).

O fator quatro – presença de marca formal na primeira posição – agrupa todos os casos de marcas formais de plural em elementos da primeira posição precedendo, imediatamente, os dados da segunda posição (OS fregueses; UNS troço; OS meus quatro filhos; AS perna toda marcada; NOTAS melhores).

Os fatores cinco e seis dizem respeito às estruturas inseridas num sintagma proposicional dentro de um SN semanticamente plural.

O fator cinco – núcleo semântico e presença de marca formal – engloba estes casos: (a) de núcleo nominal mais alto com marca formal de plural (MILHÕES de coisas); e (b) os casos de núcleo nominal, com ou sem marca formal de plural, acompanhado de marca no primeiro elemento do SN em análise (UM GRUPO DE CRIANÇAS abandonadas; UMA SÉRIE DE OUTRAS coisas).

O fator seis – núcleo semântico e ausência de marca formal – abarca (a) as ocorrências de núcleo nominal mais alto sem marca formal de plural (UMA PORÇÃO DE carro; UM GRUPO DE crianças abandonadas); e (b) as ocorrências de núcleo nominal sem marca formal de plural seguido de ausência de marca no primeiro elemento do SN sob análise (UMA PORÇÃO DE COISA interessante).

O fator sete — presença de marcas formais a partir da primeira posição — envolve a presença de duas ou mais marcas formais de plural precedendo o segmento analisado na terceira, quarta ou quinta posição (AS MAIORES privações; AS PARTIDAS TODAS iguais).

O fator oito – mistura de marcas – engloba todos os casos de presença de pelo menos uma marca formal de plural precedendo o elemento nominal analisado, não mediada por zero em elemento que admite marca (dO MEUS tios; NOVE NÚCLEOS formados), os demais casos deste fator (DEZ SINHORAS LÁ sentada; AQUELAS PESSOAS ASSIM BEM esquisitinha) seguem o mesmo princípio.

O fator nove – zero formal a partir da primeira posição – pode ser caracterizado nos seguintes termos: entre a última marca formal e o elemento analisado tem de haver,

necessariamente, um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por um numeral ou por um modificador (UMAS BORRACHA grande; DOIS RISCO verde; AS PERNA TODA marcada; AS CASA MAIS antiga).

De acordo com os resultados obtidos dessa análise, Scherre conclui que: à exceção dos fatores ausência fora do SN e zero na primeira posição, que favorecem, respectivamente, marcas na primeira e na segunda posição, todos os demais fatores a levam a uma conclusão consistente de que: “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. O núcleo semântico formalmente marcado (MILHARES DE coisas) ou seguido de marca formal (UMA SÉRIE DE OUTRAS coisas); (UMA PORÇÃO DE CRIANÇAS abandonadas) favorece a inserção de marca formal no segmento analisado (0,74), como núcleo semântico formalmente não-marcado (UMA PORÇÃO DE coisa) ou seguido de um elemento não formalmente marcado (UMA PORÇÃO DE PEIXINHO colorido) favorece a forma zero seguinte (0,41). Dessa forma, segundo ela, não são necessárias explicações *ad hoc*.

Por fim, Scherre conclui que o fator posição isolada dos fatores marcas precedentes e da classe gramatical não dá conta do fenômeno linguístico em estudo, na sua totalidade. Dessa forma, corrobora sua hipótese de que a melhor análise para esse fenômeno é, portanto, a que considera esses três fatores agrupados em dois: 1) marcas precedentes em função da posição; e 2) relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN. Scherre considera essa análise melhor, porque dá conta de descrever, mais adequadamente, a influência dos fatores classe gramatical, posição e marcas precedentes transformados em dois, por meio do cruzamento entre eles.

A concordância nominal também é focalizada por Carvalho (1997), que busca verificar se a concordância de número no SN na língua falada, na área urbana de Rio Branco, no Acre, comporta-se como sincronicamente variável. Além disso, demonstrar se a oposição presença/ausência de marcas formais de plural nos elementos do SN correlaciona-se com um elenco de variáveis linguísticas: posição do elemento no SN, classe gramatical, marcas precedentes, contexto fonético e fonológico seguinte, assim como saliência fônica, subdividida em três dimensões: processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares, números de sílabas dos itens lexicais singulares. Quanto às variáveis sociais, a autora analisa: sexo, grau de escolarização e grau de formalismo do discurso, e analisa amostras de fala de 24 informantes, sendo 12 do sexo masculino e 12 do feminino, pertencentes à mesma faixa etária (20 a 35 anos), a classe social de baixa renda, e distribuídos em três graus de escolarização: analfabetos, de 1ª à 4ª e de 5ª à 8ª séries.

De acordo com os resultados por ela obtidos, a saliência fônica, cujo pressuposto básico é o de que “as formas mais salientes” e, por isso mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes. Por outro lado, quanto à dimensão tonicidade, analisada isoladamente, a autora conclui que não é eficaz para refletir a realidade linguística dos fatos, uma vez que os resultados apresentam discrepância entre os índices percentuais e os pesos relativos, indicando, segundo ela, má-distribuição dos dados. Quanto à dimensão número de sílabas do item lexical singular, sua pesquisa corrobora sua hipótese de que os itens lexicais com mais de duas sílabas têm mais chance de receber marca de plural do que os dissílabos e os monossílabos. Assim, afirma que o princípio da saliência fônica atua mais fortemente sobre a dimensão processos morfofonológicos de formação de plural.

Já o desempenho das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes, de acordo com Carvalho (1997), mostra-se bastante interrelacionado. A variável posição, analisada isoladamente, evidencia que a primeira posição é quase categoricamente marcada, ocorrendo um decréscimo muito acentuado na segunda posição, corroborando, assim, hipóteses dos estudos anteriores. A classe gramatical, em relação à posição dos elementos no SN, demonstra que os determinantes são mais marcados nas duas posições e o processo comparativo entre os adjetivos e substantivos revela que os primeiros são ligeiramente mais marcados que os segundos, nas duas posições.

Quanto à variável marcas precedentes, de acordo com os resultados, a autora aponta inexistência de correlação com a inserção de marcas formais de plural no SN. Ela ressalta que essa variável não foi considerada estatisticamente relevante para o estudo da concordância de número no SN. Além disso, ela considera que o cruzamento das variáveis posição com tonicidade, número de sílaba, classe gramatical e marcas precedentes apresentam resultados bastante interessantes, evidenciando uma tendência de que a marca formal de plural ocorre no primeiro elemento do SN, talvez, devido à relevância para o processamento da informação. Em se tratando da variável contexto fonético/fonológico seguinte, verificou-se que ela não foi selecionada pelo programa.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, Carvalho (1997) verificou que a variável grau de escolarização correlaciona-se fortemente com o fenômeno estudado, porquanto à medida que se eleva o grau de escolaridade do informante, mais chance ele tem de aplicar a regra da norma de maior prestígio social. Além disso, constatou que a regra ora estudada funciona de modo consistente em cada subgrupo de informantes, considerando que os percentuais exibidos por esses subgrupos são quase homogêneos. Segundo Carvalho (1997), as raras exceções observadas parecem se explicar pelos diferentes papéis sociais que o

informante desempenha na sociedade. A variável sexo, de acordo com os seus resultados, não confirma sua hipótese de que as mulheres se aproximam mais da norma culta do que os homens, uma vez que esses demonstram maior propensão para o uso das formas consideradas mais “corretas” do que as mulheres, ressaltando que tal resultado está relacionado, provavelmente, ao engajamento deles no mercado ocupacional.

Esse mesmo assunto – a ausência de concordância nominal – foi retomado por Andrade (2003), com a utilização de dados de informantes de Tubarão, Sul de Santa Catarina, e de São Borja, Rio Grande do Sul. Os dados desse último município foram extraídos do Banco de Dados de fala do Projeto VARSUL,² e os dados de Tubarão (SC) constituem amostras de textos orais cedidas pelo PROCOTEXTOS/AMUREL.

Andrade (2003) utilizou dados de 24 informantes, sendo 12 de Tubarão e 12 de São Borja, considerando as variáveis idade (A e B), sexo (F e M) e escolaridade (PRI, GIN, COL). Os grupos de fatores linguísticos analisados nesse seu estudo foram: posição elementos no SN, classe gramatical dos elementos, relação com o núcleo do SN, marcas precedentes, processo morfofonológicos de formação de plural, tonicidade dos itens, e graus dos substantivos e adjetivos. Os fatores extralinguísticos, por sua vez, foram estes: idade, nível de escolaridade, sexo e cidade.

Com relação ao cruzamento de posição linear com classe gramatical, Andrade conclui que a primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção da marca formal de plural, ocorrendo uma queda brusca, em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer, de forma decrescente, a presença de marca formal de plural no SN. Contudo, Andrade aponta uma exceção que contraria sua hipótese, bem como resultados de estudos anteriores: “quando a segunda posição é ocupada por artigos e demonstrativos, esta irá favorecer mais a aplicação da regra que a primeira posição ocupada por esta mesma classe gramatical” (2003, p. 107), ressaltando que isso só ocorre com essa classe gramatical. Os substantivos na primeira posição favorecem mais a aplicação da regra do que os próprios determinantes na primeira posição, já os adjetivos desfavorecem a aplicação da regra em qualquer posição. Quanto à variável saliência fônica, a autora considera que essa foi bastante relevante nesse estudo, uma vez que alguns plurais irregulares favoreceram mais a aplicação da regra que os plurais regulares.

Já quanto à variável marcas precedentes, Andrade corrobora sua hipótese e as de trabalhos anteriores, ao constatar que marcas levam a marcas e zeros levam a zero,

² Projeto VARSUL - Variação Linguística Urbana da Região Sul (UFSC); e, os dados de Tubarão (SC), PROCOTEXTOS/AMUREL - Projeto de Coleta de Texto de Informantes da AMUREL.

ressaltando que mais marcas de uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta. De acordo com os resultados do grupo de fatores relação com o núcleo, comprova que todos os elementos antepostos ao núcleo do SN são muito marcados. Em contrapartida, os elementos pospostos são pouco marcados. O grau do substantivo, os aumentativos e os diminutivos, por terem um traço informal, são menos marcados do que o grau normal. Em relação à classe gramatical os substantivos quando aparecem na primeira posição do SN, possuem PR maior que os determinantes na primeira posição, ao contrário da classe dos adjetivos, que desfavorece a aplicação da regra. A tonicidade dos itens, assim como a análise da posição dos itens no SN, separadamente, não foram relevantes para esse estudo.

De acordo com Andrade, a variável extralinguística escolaridade foi bastante significativa nesse estudo, concluindo que a presença [s] é, de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes. Quanto à variável sexo, as mulheres marcaram mais o plural do que os homens, na cidade de Tubarão (SC); já em São Borja (RS), as mulheres e os homens o marcaram igualmente. O grupo de fatores idade não foi relevante, nesse estudo.

Com base nos resultados, ela demonstra que, corroborando os trabalhos de Scherre (1988) e de Fernandes (1996), os condicionamentos da aplicação da regra de concordância de número, de acordo com a norma padrão, pouco diferem nas cidades estudadas, sendo, de certa forma, uniformes, no Português do Brasil.

Wagner (2004), partindo dos resultados obtidos em trabalhos anteriores (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996 e ANDRADE, 2003) e utilizando três amostras de textos: 1) textos orais informais. 2) textos orais formais. 3) textos escritos de informantes de etnia cabocla de Caçador (SC), faz uma análise do comportamento da concordância nominal de número nesse município. As variáveis linguísticas controladas nesse estudo foram: posição linear, classe gramatical, relação com o núcleo, saliência fônica e tonicidade dos itens; e, as extralinguísticas: sexo, idade, escolaridade.

Para essa autora, a variável relação com o núcleo, em todos os textos, a classe não-nuclear na primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção do morfema de número, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer, de forma decrescente, a presença de aplicação da regra no SN. A autora ressalta que 88% dos falantes idosos usam os SNs de modo ‘econômico’; ou seja, no máximo dois elementos e com aplicação da regra apenas no primeiro deles. Quanto ao fator ‘classe nuclear 2ª posição’, os resultados das amostras dos textos espontâneos e escritos não foram relevantes, concluindo a pesquisadora que o formalismo escolar não influenciou no percentual dessas

amostras, sendo mais marcado em textos não-espontâneos (63%). Relativamente à variável saliência fônica, de acordo com os resultados, os plurais regulares favorecem mais a aplicação da regra do que os plurais irregulares, havendo uma aproximação dos resultados entre os textos orais espontâneos e escritos. A autora observa, ainda, que a aplicação da regra em textos orais não-espontâneos (69%) contraria sua hipótese, uma vez que ela esperava que, devido ao grau de escolaridade, isso não ocorresse.

Com relação à variável classe gramatical, a autora verifica que, nos sintagmas, houve maior presença de morfema de número nos artigos e demonstrativos indefinidos, concluindo que isso acontece por ocuparem a primeira posição no SN. O substantivo desfavorece a aplicação da regra da variável. Dessa forma, conclui que tanto os substantivos quanto a categoria substantivada têm menos morfemas de número que os determinantes, por aparecerem com mais frequência nas segundas e terceiras posições.

Quanto à variável sexo, de acordo com os resultados, a autora conclui que a aplicação da regra não se mostrou significativa, contrariando sua hipótese de que as mulheres marcariam mais, por serem mais sensíveis às formas linguísticas de prestígio. O controle da variável escolaridade, nesse estudo, entre os idosos, não se mostrou significativo, ressaltando-se que os informantes de textos orais não-espontâneos mostraram que, mesmo tendo pós-graduação, utilizam-se de um percentual significativo de apagamento de morfema de número nos SNs analisados. Quanto à variável idade, a Wagner afirma que, ao confrontarem-se os dados dos informantes de textos espontâneos e escritos, verifica-se que não há diferença relativa no percentual, porque o mais novo utiliza-se 21% de não-aplicação da regra e, o mais velho, de 0%, o que corrobora estudos anteriores; ou seja, atesta que a distribuição etária, considerando-se todos os falantes, continua a se mostrar levemente curvilínea.

Enfim, Wagner, ao descrever e analisar textos orais de informantes da etnia cabocla da região de Caçador, Santa Catarina, e ao testar as hipóteses de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Andrade (2003), confirma a sua hipótese de que o meio social influencia a língua materna e reafirma o que as demais pesquisadoras da área afirmam: a posição linear é um fator muito importante para a concordância nominal: os primeiros elementos da posição no SN são mais favoráveis à aplicação da regra e o posposto ao núcleo do SN apresenta menor retenção de número.

Concluimos que, diante do registro dos trabalhos apresentados acima, é possível observar que o fenômeno da variação de concordância de número no PB não está restrito a uma região específica e que há estudos similares, relativos a outras línguas, realizados em outros países. Apesar de considerarem os mesmos fatores linguísticos; ou seja – posição

linear, classe gramatical e marcas precedentes –, esses estudos apresentam conclusões diversas. Assim, para melhor compreensão dos fatos que representam inovação no Português do Brasil, é de suma importância o estudo dessa variação na fala de membros de comunidades além das já pesquisadas.

CAPÍTULO 3:

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, adotamos os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos fornecidos pela Teoria da Variação e Mudança Linguística, propostos por (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994), os quais serão explicitados abaixo. Este capítulo inclui, também, o conceito e a delimitação de comunidade de fala, bem como a descrição da comunidade a ser pesquisada – Pedro Leopoldo, juntamente com o quadro social dos informantes desse município. A seguir, incluímos as hipóteses e os objetivos que norteiam este trabalho. Finalizando, explicitamos, de forma clara, as variáveis e os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

3.1. A Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança, surge a partir da década 1960, com os estudos de Labov e de Weinreich, Labov & Herzog (1968), visando descrever a variação e mudança linguísticas, levando em conta o contexto social de produção, procurando observar o uso da língua dentro de uma comunidade de fala – “membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 1972, p. 192) –, e usando um modo de análise quantitativo dos dados obtidos, baseado na fala espontânea dos membros da comunidade em estudo; ou seja, do vernáculo – estilo em que o mínimo de atenção é prestado, pelo falante, no momento da fala, conforme Labov (1972, p. 208).

Rompendo com correntes anteriores (Estruturalismo e Gerativismo), que analisavam a língua como uma estrutura homogênea, resultante da aplicação de regras categóricas, passível de ser estudada fora de seu contexto social, esse novo modelo teórico-metodológico permitiu uma nova abordagem, mostrando a variação sistemática motivada por pressões sociais e linguísticas e postulando que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico.

Assim, a partir dessa nova forma de análise, Labov mostrou a possibilidade de se analisar e de se descrever o uso das variáveis linguísticas pelos indivíduos, em uma determinada comunidade de fala, e mostrou, também, que é a heterogeneidade, governada por regras variáveis, que permite ao sistema linguístico manter-se em funcionamento, mesmo nos períodos de mudança linguística.

Em termos metodológicos, a Sociolinguística Variacionista busca descrever e explicar o processo de variação e mudança, considerando os fatores estruturais ou linguísticos e os fatores não-estruturais ou extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, etc.), identificando fatores que influenciam a escolha de uma ou outra variante e mostrando que a regularidade da variação é sistemática e governada por um conjunto de regras não categóricas, mas variáveis. Nessa perspectiva, a língua é constituída por um conjunto de fenômenos não estritamente linguísticos, mas também extralinguísticos, que participam ativamente da aplicação de uma regra, favorecendo-a ou desfavorecendo-a.

Nesse construto teórico, para Labov, uma regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso e se modelar à inferência de fatores linguísticos e extralinguísticos, considerando que as formas linguísticas alternantes são chamadas de variantes; ou seja, as diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, ou com o mesmo sentido referencial. Segundo LABOV (1972), para um fenômeno ser considerado variável, há dois requisitos: manutenção de significado e possibilidade de ocorrência num mesmo contexto.

A Sociolinguística Variacionista, com isso, abriu novas perspectivas para o estudo histórico, operando com o conceito de mudança em progresso e procurando sistematizá-lo. Essa mudança se divide em dois eixos: tempo aparente e tempo real.

O primeiro eixo, segundo Labov (1972), é o da possibilidade de se fazer uma investigação sociolinguística distribuindo-se os falantes por diferentes faixas etárias (ex.: pessoas jovens, de meia-idade e velhos). Dessa forma, os dados podem revelar, claramente, uma correlação entre idade e uso de determinadas variantes. Tal fato pode estar assinalando apenas uma característica linguística própria de cada grupo etário, que é adotada pelo falante e, posteriormente, é abandonada, à medida que ele vai passando de uma faixa de idade para outra. Por outro lado, segundo Labov, a predominância de uma variante entre os mais jovens e a sua pouca ocorrência entre os mais velhos pode estar indicando uma mudança em progresso; ou seja, que uma das variantes está sendo abandonada em favor de outra.

Quanto ao outro eixo – tempo real –, em que as frequências de ocorrência ligam-se à noção de prestígio, Labov (1972) preconiza que, ao identificar uma situação de mudança

em progresso, o pesquisador deve completar suas observações, voltando no tempo para obter dados, em textos, em levantamentos dialetológicos e/ou comentários dos gramáticos. A partir desses dados, é possível desvelar as características do processo histórico visualizado no corte sincrônico, fazendo-se, em seguida, o encaixamento da mudança na estrutura geral da língua.

Em síntese, a teoria proposta por Weinreich, Labov & Herzog (1968) fornece pressupostos teórico-metodológicos que orientam a coleta e a análise de dados de diversas pesquisas e, nessa perspectiva, assume a língua como um sistema heterogêneo e, portanto, sujeito a variação, razão pela qual não pode ser analisada isoladamente, sem se levar em conta o contexto social no qual se processa; ou seja, o aspecto humano da língua deve ser valorizado pela Linguística. Além disso, essa variação e seus condicionamentos podem representar uma mudança em progresso ou constituir uma variável estável.

Diante das posições ressaltadas acima, adotamos, nesta dissertação, esse modelo teórico; portanto, partimos dos seguintes pressupostos teóricos labovianos:

- 1 – A língua é heterogênea e, portanto, sujeita a variação, não podendo esta ser analisada sem se levar em conta o contexto social no qual está inserida, valorizando-se, dessa forma, o aspecto humano;
- 2 – A variação linguística é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos; e
- 3 – Essa variação pode representar uma mudança em progresso ou se caracterizar como uma variável estável.

Para tratamento quantitativo dos dados, utilizamos um conjunto de programas computacionais apropriados (SANKOFF, 1977; 1988; ROUSSEAU & SANKOFF, 1978; NARO & VOTRE, 1980, PINTZUK, 1988) que fornece, como produto final, pesos relativos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores considerados, bem como a seleção desses grupos em função da sua relevância para a variação do fenômeno analisado. Os pesos relativos atribuídos a eles indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes; neste estudo: a ausência e presença de flexão de número entre os elementos do sintagma nominal.

3.2 - A Comunidade de Fala: Conceitos e Delimitação.

Esta sessão trata da noção laboviana de comunidade de fala. Para tanto, inicialmente, realizamos um resgate sucinto das definições de comunidade de fala, segundo alguns pesquisadores sociolinguísticos. Na sequência, apresentamos a ideia de Labov sobre a comunidade de fala, que se define, principalmente, em torno do compartilhamento de atitudes em relação à língua e, em segundo plano, do compartilhamento de regras gramaticais semelhantes. Considerando a questão do nível de consciência dos falantes, o primeiro aspecto da definição implica que os indivíduos têm consciência da língua e, por isso, compartilham atitudes em relação a ela; já o segundo aspecto envolve certo grau de inconsciência, posto que os indivíduos estão submetidos à estrutura linguística.

Segundo alguns pesquisadores sociolinguísticos – entre eles, Gumperz (1996, p. 362) – o início da Sociolinguística moderna é marcado pelo reconhecimento de que a correlação entre aspectos linguísticos e forças sociais e políticas deve considerar a comunidade de fala, tida como “o ponto inicial da análise, ao invés do foco em línguas ou dialetos”. Para a Sociolinguística, portanto, a comunidade de fala, e não o indivíduo ou a língua, é a unidade de estudo. Além disso, o autor aponta para a diversidade própria da comunidade de fala, uma vez que esta se constitui por uma variedade de redes de socialização, às quais se associam padrões de uso e interpretação linguísticos. Contudo, ele reforça o papel das redes sociais como unidades de análise, ao invés da comunidade de fala.

Dell Hymes (1972 *apud* FIGUEROA, 1994, p. 57) define essa comunidade de fala como “uma comunidade que compartilha regras para a conduta e interpretação da fala, e regras para a interpretação de, pelo menos, uma variedade linguística”. Ambas as condições são necessárias. Ele também prioriza aspectos sociais, em detrimento de linguísticos, na delimitação desse conceito, defende a heterogeneidade da comunidade de fala e admite que um indivíduo pode participar de diferentes comunidades de fala, o que torna a relação entre o indivíduo e a comunidade bastante fluida.

Além dos aspectos sociais envolvidas na delimitação da unidade de análise, a conceituação de comunidade de fala recai, também, sobre aspectos individuais; ou seja, o sujeito pode, conscientemente, escolher o grupo com o qual se identificar. De acordo com LePage (*apud* LABOV, 2001, p. 27):

cada indivíduo cria o sistema para seu comportamento verbal de forma que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou grupos com o(s) qual (quais), de tempo em tempos, ele possa querer se identificar, na extensão em que: a) ele possa identificar os grupos; b) ele tenha tanta oportunidade como habilidade em observar e analisar seus sistemas comportamentais; c) sua motivação é suficientemente forte para impeli-lo à escolha e para adaptar seu comportamento.

Guy (2001), por sua vez, considera que a comunidade de fala se constitui a partir de três critérios, quais sejam: (i) os falantes devem compartilhar traços linguísticos que sejam diferentes de outros grupos; (ii) devem ter uma frequência de comunicação alta entre si; e (iii) devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Para esse linguista, os limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais e não, simplesmente, de diferenças nas frequências de uso de determinada variável.

De acordo com a conceituação laboviana, a definição de língua deve levar em conta, necessariamente, o contexto social, o que implica atribuir à língua uma função comunicativa. E é como um sistema evolutivo e heterogêneo que a língua – como estrutura –, com seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, que deve ser analisada, sem ser desvinculada do contexto social de uma certa comunidade de fala. Dessa maneira, o objeto da Linguística deve ser “o instrumento de comunicação utilizado pela comunidade de fala” (LABOV, 1972, p. 187), considerando-se que “pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua” (LABOV, 1972, p. 3).

De acordo com o referido autor, porém, apenas explicitar a vinculação entre língua e comunidade de fala não é suficiente; é preciso compreender quais as fronteiras que delimitam o pertencimento de um indivíduo a uma certa comunidade de fala, e não a outra. Ele considera que as fronteiras são postas mediante dois aspectos: um deles, no nível consciente, e, o outro, no inconsciente. Quanto ao nível consciente, os falantes compartilham atitudes e valores semelhantes, em relação à língua, já que a comunidade de fala “é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua” (LABOV, 1972, p. 158). Tais normas são apreendidas pelo pesquisador mediante o valor que os falantes de uma certa comunidade de fala atribuem a elas, sendo que, normalmente, ao grupo de prestígio – cuja fala é dominante na escola, no trabalho, na mídia, etc. – são vinculados valores positivos, estando o nível que o falante tem sobre determinada variável associado à classificação dos elementos variantes da língua face à avaliação social a que está sujeito.

Ainda de acordo com Labov (1972), além de valores conscientes em relação à língua, os falantes de uma comunidade de fala compartilham, inconscientemente, aspectos essenciais do sistema linguístico – as suas regras gramaticais –, sendo que os indivíduos adquirem tal sistema sem que possam escolher falar deste ou daquele jeito. Labov acredita que “estes julgamentos sobre a língua podem ser medidos por técnicas” (1972, p. 248).

Ao considerar esses dois níveis envolvidos na delimitação da comunidade de fala, Labov ressalta que “uma comunidade de fala não pode ser concebida com um grupo de falantes que utiliza as mesmas formas, ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas em relação à língua” (1972, p. 158). Dessa forma, é possível observar que ele prioriza o caráter de consciência das atitudes dos falantes em relação às normas gramaticais compartilhadas pelo grupo, para caracterizar a sua comunidade de fala.

Nesta pesquisa, propomo-nos a analisar dados coletados com base em dados de fala de moradores da cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Ex-distrito de Santa Luzia, elevado à condição de município em 27 de janeiro de 1924, e à de cidade, no ano seguinte, Pedro Leopoldo, atualmente, tem população estimada de 63.095 habitantes, e está situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH, 46 quilômetros a Noroeste da capital mineira, ligando-se a essa pelas rodovias estaduais denominadas MG-010 e MG-424. Para melhor esclarecimento, realizamos uma descrição de alguns aspectos geográficos, históricos, econômicos e socioculturais que permeiam os falantes dessa comunidade.

3.2.1 – Pedro Leopoldo – Região Metropolitana de BH/MG

A região atual desse município foi habitada por populações pré-históricas, conforme informações publicadas em revistas de divulgação científica.³ Nos últimos anos, um dos rostos mais conhecidos daí é o de uma antiga senhora chamada Luzia (nome dado em referência a uma cidade próxima, Santa Luzia). Trata-se de imagem reconstituída a partir de um crânio encontrado na caverna Lapa Vermelha IV, em 1974/1975, por Anette Laming-Emperaire, arqueóloga francesa coordenadora da missão franco-brasileira que realizou escavações na região de Lagoa Santa. A idade do crânio de Luzia foi estimada entre 11 mil e 11,5 mil anos, o que faz dele, até o momento, o fóssil humano mais antigo descoberto nas

³ POWELL, J. F.; NEVES, W. A.. Craniofacial morphology of the first Americans: Pattern and Process in the peopling of the New World. *Yearbook of Physical Anthropology*, n. 42, p. 153-188, 1999.

Américas. Ao ser desenterrada de um abrigo calcário, à profundidade de mais de 11 (onze) metros abaixo da superfície da gruta, Luzia acabaria transformando o município de Pedro Leopoldo no berço do mais antigo esqueleto humano encontrado em todo o continente americano e inseriu a região no centro de uma das mais destacadas controvérsias da Arqueologia contemporânea: a questão das origens do Homem no continente americano.

Assim como a região de Pedro Leopoldo teve uma rica pré-história, a cidade e o município também têm histórias interessantes. De acordo com Marcos Lobato Martins (2006), segundo estudos realizados sobre as formas de ocupação dessa região, a partir das últimas décadas do século XVII bandeiras paulistas encontraram ouro e pedras preciosas na porção central de Minas Gerais, tendo início, então, rápido processo de ocupação do território mineiro. Uma dessas bandeiras, liderada por Fernão Dias Paes Leme, é associada ao momento inicial do povoamento colonial da região onde se situa o atual município de Pedro Leopoldo. Sua ocupação, porém, só se iniciou, efetivamente, quando habitantes de Pompéu se transferiram para a Quinta do Sumidouro (atualmente, logradouro do distrito de Fidalgo, de Pedro Leopoldo), local que se constitui, hoje, em importante registro histórico em que se encontram as históricas construções da casa do bandeirante Fernão Dias Paes Leme (FIG. 2) e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, erguida por volta de 1750 (FIG. 3), uma das primeiras do Estado, cujo altar tem talhas atribuídas a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.



FIGURA 2 - Casa Fernão Dias Localizada na Quinta do Sumidouro, distrito de Pedro Leopoldo.



FIGURA 3 - Capela de Nossa Senhora do Rosário, localizada na Quinta do Sumidouro, distrito de Pedro Leopoldo.
Fonte: Acervo pessoal.

A formação desse município se deu a partir do surgimento de dois marcos em torno dos quais a cidade se desenvolveu: a Fábrica de Tecidos (1895) e a Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil (1895). Após a instalação de uma fábrica têxtil na Cachoeira dos Macacos, Antônio Alves Ferreira da Silva, em visita a essa localidade, então conhecida como Cachoeira das Três Moças, visando adquiri-la e ali instalar uma outra fábrica têxtil, realiza seu desejo e, em 1893, inicia as obras que foram concluídas em 1895, quando foi inaugurada a indústria. Nessa ocasião, também, foi inaugurada a estação ferroviária da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1895, situada a poucos metros da área dessa fábrica, do outro lado do Ribeirão da Mata. Tal estação recebeu o nome de Pedro Leopoldo, em homenagem ao engenheiro Pedro Leopoldo da Silveira, que morreu meses antes, em Sabará, e que havia sido o responsável pelo trecho da ferrovia entre Santa Luzia e Capitão Eduardo. Progressivamente, o nome da estação passou a substituir o de Cachoeira das Três Moças, na designação da localidade.

A construção da Fazenda Modelo, em 1918, pelo Governo Federal, e implantação das indústrias cimenteiras, em 1950 a 1970, modificaram o perfil econômico dessa cidade, tornando a sua economia uma das mais desenvolvidas da região.

Portanto, devido à reduzida dimensão do mercado de trabalho local, a Fábrica de Tecidos foi, durante as décadas de 1920 a 1940, a principal fonte de empregos da cidade. Da conjugação de iniciativas e esforços do industrial Juventino Dias e do Sr. Theotônio Baptista de Freitas - respectivamente, fabricante de cal em Pedro Leopoldo e proprietário da Fazenda

Manoel Carlos, onde a cimenteira foi instalada – nasceu a Companhia de Cimento Portland CAUÊ (hoje, Camargo Corrêa Cimentos).

Nos últimos anos do século passado, o crescimento da população desse município foi expressivo, embora não espetacular. As taxas anuais de crescimento da população ficaram situadas abaixo da média da Região Metropolitana de Belo Horizonte, de forma que o município pôde, em boa medida, absorver os novos contingentes populacionais sem maiores traumas. Entre os anos de 1973 e 1985, antigas áreas de pastos na periferia da sede municipal e na Lagoa de Santo Antônio foram loteadas, surgindo, dessa forma, muitos bairros novos, alguns deles hoje bastantes populosos.

O impulso para esse crescimento urbano veio, principalmente, da implantação da fábrica de Cimento Nacional de Minas S.A. - CIMINAS (hoje, HOLCIM), que começou a ser construída em 1971, numa área na Fazenda Várzea Alegre. Tratava-se, na época, de um projeto industrial enorme: a maior fábrica de cimento do País. A CIMINAS atraiu para Pedro Leopoldo muitos novos moradores e, desde a época de sua construção, provocou uma explosão dos preços de aluguéis na cidade. O comércio e os serviços receberam forte estímulo e os negócios imobiliários tiveram lucratividade aumentada.

Simultaneamente à instalação da CIMINAS, o município foi integrado à Região Metropolitana de Belo Horizonte, de fato e por lei (Lei Complementar Federal n.º 14/73). As distâncias relativas foram bastante encurtadas, com a inauguração da Via Expressa Norte-Sul. Atualmente chamada Rodovia Américo Giannetti, a MG-424 facilitou os fluxos e as trocas com a capital. A partir de meados dos anos 1970, um grande número de jovens pedroleopoldenses passou a estudar e/ou trabalhar em Belo Horizonte. A construção do Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins, a poucos quilômetros da cidade, foi outro evento que simbolizou a definitiva integração de Pedro Leopoldo ao espaço metropolitano.

A expansão da malha urbana desse município ocorreu de maneira concentrada, afetando, especialmente, duas áreas: os terrenos da Vila São Geraldo e imediações da fábrica da CIMINAS e, do outro lado, do Ribeirão da Mata e da MG-424, os terrenos vizinhos às jazidas da referida empresa. A Vila São Geraldo transformou-se em bairro movimentado da cidade, ganhando novas ruas, redes de esgoto, de água e de iluminação. Nela foram implantados equipamentos urbanos como postos de saúde, a Escola Estadual Júlio César e a Capela Velório. Ao lado, surgiu o Bairro Donato e o Conjunto Romero Carvalho. Na região

antigamente chamada de Cochós, surgiram os bairros Felipe Cláudio de Sales, Lico Diniz, Ipanema, Santa Maria, Dona Joana e Andyara.

As diversas localidades que integram o município afiguram-se bem integradas. Os distritos têm fácil acesso à sede municipal, garantido por bons sistemas de transportes e de comunicações, e mantêm com ela intenso intercâmbio. Essas localidades preservam paisagens e características ainda hoje marcantes, que indicam trajetórias históricas diferenciadas e modos distintos de subordinação à cidade de Pedro Leopoldo. Algumas dessas localidades – Fidalgo, Vera Cruz de Minas e Dr. Lund –, que se tornaram distritos do município criado em 1923, eram, na verdade, bem mais antigas do que o núcleo urbano surgido entre a Fábrica de Tecidos e a Estação Ferroviária da Central do Brasil.

Quando elevado à condição de município, Pedro Leopoldo tinha uma população total pouco superior a seis mil habitantes. Na década de 1920, seus moradores dedicavam-se, majoritariamente, a atividades rurais, desenvolvidas nas inúmeras fazendas da vizinhança; somente uns poucos habitantes trabalhavam no pequeno comércio e no artesanato da cidade, dividindo as poucas ruas com os operários da Fábrica de Tecidos Cachoeira Grande.

Trinta anos depois, o panorama da cidade havia mudado pouco. As ruas, então calçadas, abrigavam casas construídas com estilo despojado. Ao lado das habitações mais pobres, existiam algumas dezenas de edificações maiores, moradias das famílias mais ricas, construídas em estilo eclético. Nas ruas e nos terreiros, animais domésticos viviam soltos, sem qualquer restrição. Nem mesmo a chegada da CAUÊ alterou, substancialmente, o ritmo de vida dos moradores. A cidade cresceu um pouco, com a abertura de ruas na Vargem Antônio Elias e sua ocupação progressiva.

Na década de 1960, porém, Pedro Leopoldo assistiu a uma mudança importante: a riqueza industrial ultrapassou, definitivamente, aquela gerada pela produção agrícola. A economia municipal tinha já na indústria do cimento sua principal atividade, embora permanecessem significativas a agricultura e a pecuária. A face urbana da sede municipal, bem como dos distritos, ainda muito parecida com a que existia na década de 1940, mostrava a permanência de costumes e valores tradicionais, de relações sociais marcadas por laços de solidariedade e de reciprocidade, ainda fortes.

A população da cidade permanecia mantendo poucas relações com Belo Horizonte. Para a maioria, estudava-se, divertia-se, trabalhava-se, criava-se família e morria-se em Pedro Leopoldo. A situação começou a mudar, drasticamente, na década de 1970. A chegada da CIMINAS provocou transformação brutal na malha urbana, e estimulou o incremento de fluxo de trocas com a Capital. Duas obras levadas adiante pelo Governo do

Estado colocaram Pedro Leopoldo no âmbito das chamadas áreas de expansão metropolitana. A “Via Norte” e o Aeroporto Internacional de Confins submeteram o município a forças de estruturação externa que tencionam, ainda hoje e daqui por diante, a ordem local. Neste momento, a proximidade de Belo Horizonte, que, anteriormente, era tão-somente geográfica, tornou-se real. A população de Pedro Leopoldo entrou em contato diário e intenso com a necessidade de novos usos, novos costumes e, sobretudo, passou a existir a possibilidade de que a cidade passasse à categoria de “cidade dormitório”.

A dinâmica da integração à Região Metropolitana de Belo Horizonte vem alterando a própria face da cidade. Demolições de velhas edificações ecléticas são cada vez mais frequentes. A Cachoeira Grande e o Ribeirão da Mata – partes essenciais da memória dos pedroleopoldenses – tornaram-se, praticamente, esgotos a céu aberto. Não existe mais a Vargem Alegre e a área da antiga Fazenda Modelo encontra-se em processo contínuo de degradação. Nos distritos, propriedades rurais tornaram-se locais de recreação da classe média da capital, num processo que transforma, completamente, velhas habitações e espaços de trabalhos agrícolas.

Junto com as velhas edificações, caem por terra relações sociais tradicionais, substituídas pelo individualismo típico das grandes metrópoles. O cotidiano tradicional está ferido de morte e a destruição de bens culturais facilita a perda da identidade histórica.

No plano econômico, o município vem perdendo dinamismo, nos últimos trinta anos. O ciclo de progresso trazido pela indústria cimenteira está se esgotando. No plano político, o município permanece apegado a formas patrimoniais de administração, dirigido por uma elite que ainda se comporta como um patronato político.

Do passado, restaram ainda uns poucos conjuntos, com graus diversos de alteração: a praça Dr. Senra, a praça da Estação, o núcleo da Fazenda Modelo, parte das velhas instalações da Fábrica de Tecidos. Alguns edifícios isolados nas ruas Dr. Herbster, Romero de Carvalho, Comendador Antônio Alves, Dr. Rocha, bem como instalações operárias da Estrada de Ferro. Resta, ainda, parte da arborização das décadas de 1930 e 1940. O predomínio do loteamento antigo favoreceu a preservação de quintais repletos de árvores, que abrandam a poluição provocada pelas indústrias.

Pedro Leopoldo está perdendo parte daquela paisagem que lhe conferia uma feição aprazível na primeira metade do século XX. Contudo, da história desse município pode sair inspiração para que seus moradores atuais repensem suas relações com Belo Horizonte, atentando para as vantagens de se preservar a “autonomia” econômico-social que o município ainda tem, e cuidando de preservar o que havia de bom no passado.

3.2.2 - O quadro social dos informantes da comunidade pesquisada

Labov (1972) ressalta que, para a realização de estudos linguísticos em áreas urbanas, não se pode basear em dados fornecidos por informantes selecionados arbitrariamente. É necessário, primeiro, efetuar a descrição da população em estudo. Além disso, Paredes (1992) comenta sobre a realidade da variação, encontrada ao estudar a língua numa comunidade; ou seja, os membros da comunidade são falantes, homens e mulheres, de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas; naturalmente, essas diferenças atuam na forma de cada um se expressar.

Ao optarmos por considerar “a classe social” dos informantes pedroleopoldenses, deparamos-nos com algumas dificuldades que cercam o conceito de classe social.

O conceito de classe que mais frequentemente aparece nas discussões é o marxista, baseado em duas classes sociais em permanente conflito: a classe proprietária e a classe operária. De acordo com Marx,

os proprietários de mera força de trabalho, os de capital e os de terra, os que tem por fonte de receita, respectivamente, salário, lucro e renda fundiária, em suma, os assalariados, os capitalistas e os proprietários de terras, constituem as três grandes classes da sociedade moderna baseada no modelo capitalista de produção. (1981, p. 1012 *apud* NICOLAU, 1984, p. 11)

Já o conceito de classe desenvolvido por Pierre Bourdieu (1996) mostra mais aspectos da sociedade de classe; é mais complexo, mas oferece uma melhor imagem das condições reais, porque Bourdieu defende a existência de diferenças culturais entre as classes sociais, o que revela mais obstáculos do que os econômicos, e que a propriedade real é apenas uma parte desse conceito. As diferentes classes criam culturas que dificultam a ascensão social dentro do seu sistema. Bourdieu chama isto “o capital simbólico”, porque as estruturas de poder são construídas por símbolos. O valor da pessoa é sinalizado pela sua formação, por seus títulos e outros símbolos que lhe dão uma posição na sociedade.

Um exemplo interessante é o de uma pessoa de origem humilde, que ganha na loteria cem milhões; ela, possivelmente, não será reconhecida, pela classe alta, como um de seus membros. Por outro lado, uma pessoa de família tradicional que não dispõe de um capital próprio ainda será tratada como de classe alta, por causa do *status* herdados; nesse caso “um nome”. Posição social torna-se, neste caso, mais importante do que propriedade. Assim, de acordo com Bourdieu (1996), há várias dimensões no conceito de classe, além da propriedade

de capital. Na sociedade atual, o diretor de uma empresa nem sempre é o seu dono; a pessoa tem poder baseado num capital que não é a propriedade dela. Acesso torna-se, nesta análise, tão importante quanto propriedade. Outros símbolos importantes podem ser o bairro onde a pessoa mora, a casa em que vive, o carro que dirige e os seus interesses nas horas de lazer: ir a uma exposição de arte ou a um jogo de futebol, etc.. (TUMIN, 1970, p. 28 *apud* NICOLAU, 1984, p. 12) chama esses símbolos de: oportunidades de vida e estilos de vida.

Assim, com base no que defende esse autor, ao invés de classificarmos os informantes selecionados por sua classe social, aqui os classificamos de acordo com seus estilos de vida. Dessa forma, relacionamos, abaixo, a distribuição dos habitantes considerando os seus diferentes estilos de vida, retratados, principalmente, por 3 (três) fatores: condições de habitação, profissões e níveis de educação.

Conforme já mencionado no **item 3.2.1**, Pedro Leopoldo é uma cidade que foi construída em torno da chegada da Fábrica de Tecidos (1895) e da Estrada de Ferro (1895) e das indústrias cimenteiras: CAUÊ (1950) e CIMINAS (1960). A Fábrica de Tecidos, a Estrada de Ferro e a CAUÊ foram construídas em um bairro: o “Centro”. Já quanto à CIMINAS, devido à sua construção, vários bairros foram criados; entre eles, a Vila São Geraldo e os bairros Triângulo, Donato, Joana D’Arc, Barreiro, entre outros.

Partindo de algumas observações empíricas verificadas nas diferentes condições de habitação dos moradores de Pedro Leopoldo, decidimos delimitar duas áreas onde foram coletados os dados a serem utilizados, quais sejam: Área 1 - compreendendo a Vila Cascavel, a Vila Magalhães, a Vila São Geraldo e os bairros Donato, Triângulo e Barreiro; e Área 2 - compreendendo o centro de Pedro Leopoldo.

Para essa delimitação, consideramos as seguintes características:

Área 1 - Nessa área, todas as ruas são asfaltadas. Todos os moradores contam com serviços legalizados (padrões) de água e luz, todos desfrutam de serviços de esgoto e coleta de lixo; alguns têm telefone. A maioria da população mora em casas algumas antigas; outras pessoas, em casas recentemente construídas; outras, em casas reformadas. Nessa área, não há prédios residenciais, há uma linha regular de ônibus, e grande parte de sua população possui carro próprio. A Educação fica a cargo de estabelecimentos públicos – Escola Estadual Júlio César de 1º e 2º graus, Escola Municipal Alice Lobato de Oliveira de Ciclo Básico, Escola Municipal Antônio Elias da Costa. Quanto à Saúde, na Vila São Geraldo há dois postos de saúde, além de um hospital e de um pronto atendimento. Nessa área, encontram-se espalhados vários supermercados, consultórios odontológicos e pequenos estabelecimentos comerciais. Os moradores dessa área exercem profissões diversas, tanto das que gozam de prestígio

quanto das que não gozam de prestígio. Enfim, conforme relatado, essa área é considerada, neste estudo, como relativamente valorizada e os informantes pesquisados mantêm estilos de vida diferentes.

Área 2 – O Centro – A construção das primeiras casas de Pedro Leopoldo dependeram da doação de terrenos por parte da Fábrica de Tecidos. Até os anos 1920, áreas e lotes foram concedidos gratuitamente. Nessa área, cujo eixo é a Rua Comendador Antônio Alves, na qual várias outras ruas têm início, todas as ruas são asfaltadas. Todos os moradores contam com serviços de água, esgoto, luz e coleta de lixo, e alguns possuem telefone. Devido à sua integração à Região Metropolitana de Belo Horizonte, essa área vem se alterando com velocidade crescente. Ocorrem demolições de velhas edificações ecléticas para construção de novos edifícios e os lotes extensos suscitam pressões das imobiliárias e construtoras, cada vez mais interessadas em muitos andares.

Quanto à Educação, as crianças e os adolescentes têm a possibilidade de frequentar tanto escolas que gozam de prestígio – Clita Batista, Instituto Educacional Lacoan, SESI, SENAI (cursos profissionalizantes), SOMA, Extra (Supletivo e Pré-Vestibular), Pré-UFMG, etc. – quanto escolas gratuitas – Escola Estadual Imaculada Conceição de 1º e 2º graus, Escola Estadual Rui Barbosa de 1º e 2º graus; Escola Estadual São José; Escola Municipal Inhazinha de Carvalho - Ciclo Básico; Escola Municipal Melo Viana - Ciclo Básico; Escola Municipal Pedro Leopoldo - Ciclo básico –; e há vários cursos de línguas, frequentados por adolescentes dessa área.

Na área da Saúde, conta com vários consultórios médicos e odontológicos, há um hospital, um posto de saúde médico e odontológico, uma maternidade, etc.. Nessa área, há vários supermercados, outros estabelecimentos comerciais e áreas de lazer e cultura, tais como cinema, praças, restaurantes e *shopping*, etc.. A maioria possui automóveis, outros imóveis e aparelhos eletrônicos. As funções desempenhadas pelos moradores são diversas; algumas são altamente valorizadas e, outras, não.

Enfim, apesar de essa área ser altamente valorizada, nem todos os moradores mantêm o mesmo estilo de vida. Da mesma forma, na área 1, relacionada acima, apesar de ser relativamente valorizada, há moradores com estilos de vida alto, médio e baixo.

Sendo assim, não classificamos os informantes tendo em vista apenas a área em que moram, mas considerando 3 (três) aspectos:

Primeiro aspecto - as condições de habitação em geral; ou seja, Localização. Propriedade (imóvel próprio, com ou sem escritura pública, financiado ou quitado); imóvel

próprio (posse/invasão); imóvel alugado ou cedido. Padrão da edificação/moradia: edificação projetada; dimensão (área construída: tamanho do lote, tamanho do prédio/apartamento).

O segundo aspecto – profissão: a retribuição, se ela é normalmente rentável ou não; se essa tem ou não valor social.

O terceiro aspecto é o acesso a bens: móveis/imóveis (ex.: carros, outros imóveis, etc.). Acesso a cultura: escola em que estuda ou os filhos (pública ou particular, se tem ou não valor social). Acesso a lazer: frequenta teatros, *shows*, cinema ou realiza viagens.

Entre os habitantes de cada uma das duas áreas delimitadas na secção anterior, selecionamos 27 (vinte e sete) informantes sendo que não levamos em conta as áreas e sim o estilo de vida de cada um; ou seja, esses informantes estão distribuídos em 3 (três) grupos de 9 (nove), de acordo com o estilo de vida, a saber:

Grupo A – estilo de vida alto que têm alto poder aquisitivo e desfrutam de prestígio por desempenharem (ou serem filhos de pais que desempenham) funções de alta valorização social;

Grupo B – estilo de vida médio desempenham (ou são filhos de pais que desempenham) funções pouco valorizadas socialmente; e

Grupo C – estilo de vida baixo vivem em condições precárias; são pessoas que contam, geralmente, com um salário definido (ou são filhos de pais que vivem nessas condições).

Na seleção desses grupos de informantes, foram, ainda, consideradas duas das variáveis incluídas na análise proposta: a idade e a escolaridade. Em cada um dos grupos sociais considerados (A, B e C), foram entrevistados nove informantes: três subgrupos de idades diferentes (jovens, de 17 a 23 anos; adultos, de 40 a 47 anos; idosos, acima de 60 anos). Além disso, cada um dos grupos sociais (com nove informantes) foi constituído por três subgrupos de níveis de escolaridade diferentes: três com Ensino Fundamental completo ou incompleto (de 1ª a 8ª série, incluindo casos de informantes analfabetos, embora tendo frequentado escola por algum tempo); três com Ensino Médio completo ou incompleto; três com Ensino Superior completo ou incompleto. Alguns dados dos 27 informantes que constituíram a amostra utilizada no presente trabalho podem ser vistos no QUADRO 1, a seguir:

QUADRO 1: Algumas características dos informantes considerados nesse estudo

Nº	Sigla	Profissão	Escolaridade	Profissão do Responsável	Grupo Social
01	MARI	Estudante	Ensino Superior incompleto	Empresário	A
02	JUNI	Estudante	Ensino Superior incompleto	Empresário	A
03	BETO	<i>Personal Trainer</i>	Ensino Superior completo	Professora	A
04	LEIL	Dona de casa	Ensino Médio completo	Engenheiro	A
05	CELS	Empresário	8ª série - Fundamental		A
06	ROSA	Pedagoga Escolar	Ensino Superior completo	Corretor de imóveis	A
07	GUID	Empresária	4º ano ginásial		A
08	NILC	Professora	Ensino Superior completo		A
09	CLEA	Professora	Ensino Superior completo	Empresário	A
10	MICA	Estudante	2º ano Ensino Médio	Mecânico	B
11	BRUN	Dona de casa	8ª série - Fundamental	Motorista	B
12	RAMO	Garçon	2º ano Ensino Médio	Cabeleireira	B
13	VAND	Professora	Ensino Superior completo		B
14	ROSE	Professora	Ensino Superior completo	Mecânico	B
15	MATA	Auxiliar Ser. Gerais	Ensino Médio completo	Motorista de ônibus	B
16	BENE	Mestre de obras	7ª série ginásial		B
17	AMER	Professora	Ensino Médio completo		B
18	EDGA	Professor	Ensino Superior completo		B
19	FERN	Vendedora	Ensino Médio completo	Frentista	C
20	REIN	Estudante	7ª série - Fundamental	Pai: Aposentado Mãe: Insp. de alunos	C
21	VAGN	Estudante	8ª série - Fundamental	Pai e Mãe trabalham em sítios	C
22	SONI	Faxineira	5ª série - Fundamental		C
23	JANE	Sacoleira	1ª série - Fundamental	Pedreiro	C
24	ELIA	Dona de Casa	Ensino Médio completo	Pedreiro	C
25	MAR	Aux.Secretaria	Ensino Médio		C
26	DORA	Enfermeira	Ensino Médio		C
27	ZINA	Aux. Serv.	Analfabeta	Carpinteiro	C

3.3. Hipóteses e Objetivos

Na presente pesquisa, são consideradas as seguintes hipóteses de estudo:

- 1) ao lado da presença de concordância, a ACN de número plural entre os elementos flexionais do sintagma nominal está ocorrendo na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais;

- 2) essa variação de concordância nominal, no Português coloquial do Brasil é condicionada pelos fatores estruturais – elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN: classe gramatical; elemento não-nuclear do SN: posição, elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: ausência/presença de flexão de plural – e pelos fatores não-estruturais: sexo, faixa etária, grupo social e nível de escolaridade; e
- 3) o uso dessa variável configura um caso de mudança em progresso, nos termos de Labov (1972); e
- 4) os moradores de Pedro Leopoldo usam mais a variante não-padrão e esse uso é mais frequente entre pessoas menos escolarizadas e entre as pessoas pertencentes ao grupo social baixo (C).

3.3.1 – Objetivos

Diante das hipóteses levantadas acima, esta pesquisa tem por objetivos gerais e específicos os que são explicitados a seguir.

3.3.1.1 - Objetivos gerais

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a variável linguística constituída de presença e ACN entre os elementos do (SN), na fala do município de Pedro Leopoldo - Minas Gerais, buscando verificar se essa variável é condicionada pelos grupos de fatores estruturais elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN classe gramatical; elemento não-nuclear do SN: posição, elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: ausência/presença de flexão; e/ou pelos fatores não-estruturais sexo, faixa etária, grupo social e nível de escolaridade.

3.3.1.2 - Objetivos específicos

Assumimos por objetivos específicos:

- 1) verificar se o uso da variável em estudo configura um caso de variação que se caracteriza como uma mudança em progresso ou se é uma variável linguística estável; e
- 2) focalizar o papel do fator não-estrutural “escolaridade” e “grupo social” como inibidor ou não da ocorrência da ACN de número.

3.4. As Variáveis e os Grupos de Fatores

De acordo com Labov (1972) um estudo sociolinguístico visa à descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo por objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas usadas por uma comunidade de fala. Para os sociolinguistas, nessas comunidades, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação; isto é, formas que estão em co-ocorrência quando duas formas são usadas ao mesmo tempo ou em concorrência quando duas formas concorrem.

Essas formas de variação recebem o nome de “variantes linguísticas” (cf. LABOV, 1972 *apud* TARALLO, 1986, p. 8), e constituem “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística, e essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A primeira é o fenômeno que se objetiva estudar as formas que estão em competição, no caso deste estudo, por exemplo (a aplicação da regra de concordância nominal ausência ou a presença dessa regra). Já quanto à segunda, o uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (não-estruturais), tais fatores constituem as variáveis explanatórias ou independentes.

Conforme já explicitamos acima, a variável dependente em estudo constitui-se de duas variantes, as quais são codificadas a seguir:

0 – ausência de concordância nominal:

- (1) (...) ficava conversandu, chingandu *as professora*, qualquer conversa que tinha eu entrava no meio... (INF.20 REINMJFC)
- (2) Outro dia *uns minino marginal*, tia. Até *os marginal* falou com Clarisse. (INF.01MARIFJSA)

1 – presença de concordância nominal:

- (3) Hoje em dia sou igual em *todas as matérias*. (INF.10MICAMJMB)
- (4) (...) Ah bem, eu já passei por *várias situações, coisas bem engraçadas, coisas mais engraçadas* do tipo... (INF.12RAMOMJMB)

Enfim, este estudo tem por objetivo verificar a seguinte hipótese: ao lado da presença de concordância a ACN entre os elementos do SN está ocorrendo na fala dos moradores da cidade mineira de Pedro Leopoldo.

3.4.1. Dos fatores linguísticos e extralinguísticos

No capítulo 2, sintetizamos alguns estudos que analisaram a aplicação da regra variável de concordância nominal no PB; nesses estudos verifica-se a influência de alguns fatores (*uns*, favorecedores, e, outros, desfavorecedores) na aplicação dessa regra. Então, com base nesses estudos, principalmente em Scherre (1996), no presente estudo analisamos os grupos de fatores estruturais: elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN: classe gramatical; elemento não-nuclear do SN: posição, elemento não-nuclear do SN: presença/ausência de flexão de plural, elemento não-nuclear do SN classe gramatical; e, os grupos de fatores não-estruturais: sexo, faixa etária, grupo social e nível de escolaridade.

Grupo 1 - Elemento nuclear do SN: posição

Nos diversos trabalhos realizados anteriormente (cf., por exemplo, BRAGA & SCHERRE, 1976; BRAGA, 1977; SCHERRE, 1978; GUY, 1981, para o Português no Brasil), considerou-se apenas o grupo posição. Já Cedergren (1973), estudando o Espanhol do Panamá, considerou apenas o grupo classe gramatical. Outros, como Poplack (1981), que

estudou o Espanhol de Porto Rico, consideraram posição e classe gramatical como variáveis separadas; Guy (1981), por seu turno, considerou que essas duas variáveis se equivalem. Scherre (1988) retoma esses estudos e, mediante análise minuciosa dos grupos de fatores posição linear do elemento no SN e classe gramatical do elemento nominal, demonstra que:

com relação a estas variáveis, a melhor forma de se entender a variação na concordância no português no Brasil é através do cruzamento entre elas. Cheguei, portanto, à conclusão de que não é apenas a posição linear ou a classe gramatical isoladamente que dá conta da variação na concordância de número, mas sim a interrelação entre elas, bem com a relação que se estabelece entre os determinantes e o núcleo do SN. (SCHERRE, 1988, p. 142-241 *apud* SCHERRE 1994, p. 4).

Assim, Scherre (1988) sugere uma fusão dos grupos de fatores posição linear e classe gramatical, passando a analisá-los como “o grupo de fatores classe gramatical não nucleares em função da posição e da relação com o núcleo” (SCHERRE, 1988, p. 142-241 *apud* SCHERRE 1994, p.4); portanto, diante dos resultados encontrados, a referida autora conclui que os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições; ou seja, na primeira e na terceira posições, são sempre mais marcados do que na segunda; com esse resultado, refuta conclusões dos autores supracitados de que: “o substantivo é uma das classes gramaticais menos marcadas” (SCHERRE 1988, 142-241 *apud* SCHERRE 1994 p.4), embora Poplack (1980, p. 65) já afirmasse que o substantivo tendia a ser mais marcado na primeira posição” (POPLACK, 1980 *apud* SCHERRE 1994, p.4). Com base nesses autores, procuramos elaborar grupos de fatores que possibilitassem analisar todos esses ao mesmo tempo; ou seja, ao analisar o núcleo e o não-núcleo relacionado à sua posição, a ausência ou presença de flexão de plural e a classe gramatical.

Diante disso, estabelecemos este grupo de fatores de: elemento nuclear do SN: posição, com a pretensão de verificar se a conclusão de Scherre (1988), em relação a este grupo, se confirma na fala dos moradores de Pedro Leopoldo. Portanto, verificaremos a seguinte hipótese: os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições, sendo mais marcados na primeira do que na segunda.

Então, para verificar essa hipótese na amostra, dividimos esse grupo em 3 (três) fatores, conforme apresentado no Quadro 2, abaixo, que contém o dado sob foco sublinhado.

QUADRO 2 - Categorização dos fatores em função do elemento nuclear do SN: posição.

Grupo	Fatores	Exemplos
Elemento nuclear do SN: posição	1. primeira posição	(5) <u>os meus colegas</u> também, já, já, sempre tudo que eu fazia era imitando a realidade... (INF.03BETOMJSA)
	2. segunda posição	(6) As <u>pessoas</u> que se destacam são <i>aquelas</i> que fazem coisas diferente.. (INE.03BETOMISA)
	3. terceira posição	(7) <u>Nos meus trabalhos</u> sempre busquei por na prática, viver sim a realidade. (INF.03BETOMJSA)

Grupo 2 - Elemento nuclear do SN: classe gramatical

As análises variacionistas relativas ao comportamento dessa variável revelaram que a classe gramatical dos elementos tanto nucleares quanto não-nucleares também influenciam a ausência ou a presença da concordância nominal. Estudos realizados por Cedergren, (1973, p. 43) e Poplack (1980, p. 90) apresentam resultados divergentes sobre a correlação dos determinantes, dos substantivos e dos adjetivos.

De acordo com Scherre (1988), Cedergren (1973), ao analisar o Espanhol de Panamá, chega à conclusão de que, nos casos do -S morfema de plural, “os determinantes inibem a forma 0 (zero) e os substantivos e adjetivos favorecem-na” (CEDERGREN, 1973 *apud* SCHERRE, 1988, p. 148). Da mesma forma, Poplack, investigando o Espanhol de Porto Rico, conclui, também, que “os determinantes desfavorecem o cancelamento do -S plural, enquanto os adjetivos e substantivos favorecem-no” (POPLACK, 1980, p. 64). A referida autora salienta, ainda, que as diferenças entre as conclusões de Cedergren e Poplack são pequenas. Para Poplack (1980), os adjetivos têm menos chance de receber a marca de plural que os substantivos, ao contrário dos resultados obtidos por Cedergren (1973), em que os adjetivos têm mais chances de serem marcados que os substantivos.

No Brasil, o estudo sobre essa variável foi iniciado por Scherre (1988), evoluindo da subdivisão tríplex (determinantes, substantivo e adjetivo), até então estudada, para uma categorização mais detalhada; isto é, que inclui mais alguns fatores, sendo 3 (três) nucleares: substantivo (ex.: problemas assim maiores; essas carne congelada; dasotas famílias); categoria substantivada (ex.: trabalha uma, as outras fica; as coisas boas e as ruins); pronome pessoal de terceira pessoa (ex.: delas todas; de todos eles; todo ele); 3 (três) não-

nucleares: adjetivo, quantificador e possessivo; e demais classes não-nucleares: artigo, demonstrativo, indefinido e identificador.

Porém, neste estudo, consideraremos apenas 2 (dois) fatores – substantivo e não-substantivo –, classificando, portanto, categoria substantivada como não-substantivo. Quanto ao fator pronome pessoal da terceira pessoa, ele não será considerado nesta análise. Dividimos esse grupo de acordo com o apresentado no Quadro 3.

QUADRO 3 - Categorização dos fatores em função do elemento nuclear do SN: classe gramatical

G r u p o	Fator	Exemplo
	S. Substantivo	(8) <i>Os <u>mininu</u> ficou todo mundo lá <u>bobo</u>, o povo correu e acima de tudo, todo mundo ficou rino de nós ainda... (INF.19FERNFJMC)⁴</i>
	N. Não-substantivo	(9) <i>‘(...) é claro uai, os <u>primeiros</u> só fala bobagem... (INF.02JUNIMJSA)</i>

Grupo 3 - Elemento não-nuclear do SN: posição

Este grupo, também analisado em estudos anteriores, (cf., por exemplo, SCHERRE 1996, p. 50-51) apresenta as classes não-nucleares distribuídas em função da posição linear que ocupam no SN e em função da relação de anteposição ou posposição do núcleo no SN. Nessa análise, ela observa que todos os elementos antepostos ao núcleo do SN, independentemente da posição que ocupam, são, sistematicamente, muito marcados; observando, também, que todos os elementos pospostos ao núcleo do SN são sistematicamente menos marcados. Contudo, conclui que a relação entre a classe gramatical e a posição nos elementos não-nucleares deve ser vista por meio da distribuição da classe não-nuclear em relação ao centro do SN.

Nesta análise, com base nos estudos de Scherre (1996) procuramos verificar se as classes não-nucleares antepostas são mais marcadas que as pospostas. Assim, para verificar essa hipótese dividimos esse grupo em 3 (três) fatores, conforme especificados no Quadro 4.

⁴ As letras em caixa alta, que aparecem no final dos exemplos, correspondem à identificação do informante, de acordo com os dados (Quadro 8, páginas 66): o primeiro número refere-se ao número do informante; as quatro primeiras letras são relativas ao nome do informante; a quinta indica o fator sexo (masc./fem.); a sexta letra refere-se à faixa etária – Jovem (de 17 a 23 anos), Adulto (de 40 a 47 anos), Idoso (acima de 60 anos); –a sétima letra refere-se ao nível de escolaridade (F - Ensino Fundamental, M - Ensino Médio, S - Ensino Superior) e a oitava letra refere-se ao grupo social (A - alto, B - médio, C – baixo).

QUADRO 4 - Categorização dos fatores em função do elemento não-nuclear do SN: posição

Grupo	Fatores	Exemplos
Elemento não-nuclear do SN: posição	1. primeira posição	(10) Nós rachandu <i>us bicu</i> com <i>as muié feia</i> passandu.. (INF.02JUNIMJSA)
	2. segunda posição	(11) <i>As pessoas</i> que se destacam são <i>aquelas</i> que fazem <i>coisas diferente</i> .. (INF.03BETOMJSA)
	3. terceira posição	(12) Meu pai não, <i>algumas irmãs</i> , <i>algumas irmãs</i> ... duas delas, <i>duas das minhas irmãs</i> vieram pra trabalhar aqui. (INF.18EDGAMISB)

Grupo 4 - Elemento não-nuclear do SN: presença/ausência de flexão de plural

Para melhor entendimento do fenômeno em estudo, foram estabelecidos grupos de fatores relacionados ao elemento não-nuclear. Analisamos a presença/ausência de flexão de plural no elemento não-nuclear, conforme apresentado no Quadro 5, a seguir.

QUADRO 5 - Categorização dos fatores em função do elemento não-nuclear do SN: presença/ausência de flexão de plural

Grupo	Fatores	Exemplos
Elemento não-nuclear: presença/ausên	A. ausência de marca de plural	(13) ...eu já passei várias situações, coisas <i>bem engraçada</i> , coisas mais engraçadas do tipo...(INF.12RAMOMJMB)
	P. presença de marca de plural	(14) <i>Nos meus trabalhos</i> sempre busquei por na prática, viver assim a realidade. <i>Trabalho dos meus colegas</i> também, já, já, sempre tudo que eu fazia era imitando a realidade... (INF.03BETOMJSA)

Grupo 5 - Elemento não nuclear do SN: classe gramatical

Conforme explicitado acima e sintetizado no **capítulo 2.2**, Scherre (1996), ao analisar o grupo classe gramatical dos elementos não-nucleares, transforma as variáveis posição e classe gramatical em uma só: classes gramaticais não-nucleares em função da posição e da relação com o núcleo. As classes gramaticais não-nucleares analisadas por Scherre nesse estudo são: adjetivo (ex.: *novas* escolas; as *boas* ações; uma casinha *bonitinha*); quantificador (*todos* os anos; eles *todo*; aquelas cruzinha *toda*); e possessivo (ex.: *suas* tias; os

meus filhos; uns colega *meu*). Além disso, ela classificou como demais classe não-nucleares: artigo (ex.: todos *os* anos; *umas* pessoas ricas); demonstrativo (*essas* carne congelada); indefinido (ex.: *alguns* meses; os *outros* colégios; *uns* negócio qualquer); identificador (ex.: os *próprios* vagabundo; eles *mesmo*; os vinhos *tais*).

Nessa análise, Scherre conclui que qualquer classe gramatical anteposta ou qualquer classe gramatical posposta ao núcleo do SN apresenta, respectivamente, mais ou menos chance de conter marcas formais de plural, discordando da equivalência entre a influência dos determinantes ou da primeira posição; dos substantivos ou da segunda posição; dos adjetivos ou da terceira posição, sugeridas por Guy (1981).

Ao analisar este grupo de fatores, procuramos verificar se a hipótese de Scherre de que as classes não-nucleares, independentes da posição, mas dependentes da relação de anteposição ou posposição do núcleo, apresentam mais ou menos chances de conter ausência ou presença de flexão de plural se confirma na fala dos moradores de Pedro Leopoldo. Para tal, consideramos os mesmos grupos de fatores de Scherre (1996), ressaltando que:

- 1) nesse estudo de Scherre, os adjetivos foram divididos em dois grupos, sendo que, em um grupo, classificados como identificadores, ficaram os itens do tipo *determinado*, *mesmo* e *próprio*, por percebermos que não houve diferença significativa nesses grupos; ou seja, os dois grupos tiveram, praticamente, a mesma marcação, resolvemos, então reunir todos os adjetivos em um mesmo grupo;
- 2) ao analisarmos a classe quantificador, resolvemos considerar apenas os numerais flexionáveis; os numerais não-flexionáveis não foram computados nessa análise; e;
- 3) nesta análise, consideramos a classe artigo apenas como o artigo definido. Os artigos e os pronomes indefinidos foram considerados como – Indefinidos (*uns*, *alguns*, *nenhum*, *toda*, *todos*, *poucos*, *outro*, etc).

QUADRO 6 - Categorização dos fatores em função dos elementos nucleares do SN: classe gramatical

Grupo	Fator	Exemplo
Elementos não-nucleares do SN: classe gramatical	A. Adjetivo	(15) Essa questão desse matadouro qui havia aqui perto, que era uma diversão, porque eles traziam <i>bois mais bravos</i> . (INF.09CLEAFISA) (16) Eu lembro que uns acordavam devagarzinho, os mais <i>espertos</i> sempre acordavam às cinco da manhã. (INF.12RAMOMJMB) (17)... junto com ela eu quero fazer <i>vários</i> curso da minha área, educação física. (INF.03BETOMJSA)
	Q. Quantificador	(18) nos <i>últimos</i> dias eu comprei.... (INF.01MARIFJSA) (19) as <i>primeiras</i> séries...(INF.03BETOMJSA)
	P. Possessivo	(20) Brincar de futebol com meu pai, com <i>meus irmãos</i> ... (INF.09CLEAFISA) (21) (25) Eu, <i>meu</i> irmão, mais três amigos <i>nossos</i> . (INF.03BETOMJSA)
	R. Artigo	(22) Eu vejo qui <i>os</i> <i>mininos</i> tudo bem, tem hora que até... igual aquele dia lá em casa... (INF.04LEILFAMA)
	D. Demonstrativo	(23) Então, <i>nesses aspecto</i> , <i>nesses dois aspecto</i> : arte e esporte... (INF. 18EDGAM3BS) (24) Aí, <i>aqueles</i> mininu, <i>aqueas</i> mininada...(INF.01MARIFJSA)
	I. Indefinido	(25) Meu pai não, <i>algumas irmãs</i> , <i>algumas irmãs</i> ... duas delas, duas das minhas irmãs vieram pra trabalhar aqui. (INF.18EDGAN3BS) (26) Ele tomou recuperação em <i>quase todas matéria</i> , foi em cinco matéria. (INF.21VAGNI1CF) (27) aí parou uns mecânico, lá. (INF.10MICAMJMB) (28) essa roupa qui eu tô cum ela aqui, <i>é duns</i> povo lá da locadora de roupa. (INF.10MICAMJMB) (29) Marcelo foi <i>poucos</i> meses.(INF.03BETOMJSA)

3.4.2. As variáveis sociais na caracterização dos processos de variação e mudança

Os estudos sociolinguísticos, na área urbana, têm buscado traçar um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação estável por meio da combinação de resultados das variáveis (idade, sexo, classe social e nível de escolaridade), a partir da noção de prestígio. A respeito da variável faixa etária, a variação estável se caracteriza por um padrão curvilíneo, em que as faixas etárias intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio; já, na mudança em progresso, a distribuição seria inclinada, com os

mais jovens apresentando a maior frequência de uso das formas inovadoras (cf. CHAMBERS & TRUDGILL, 1980 p. 91-93).

Entretanto a tendência aferida pelos resultados da faixa etária deve ser confirmada pelos resultados das outras variáveis sociais; ou seja, (sexo, classe social e escolaridade). Assim, um cenário em que os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade exibem, proporcionalmente, maior frequência de uso das formas de prestígio do que os falantes da classe média (e estes, por sua vez, uma maior frequência do que os da classe baixa) apontaria para uma situação de variação estável, enquanto os processos de mudança tendem a ser liberados pelos indivíduos mais integrados da classe média baixa e/ou das seções mais elevadas da classe operária (cf. LABOV, 1982, p. 17-18).

Com relação à variável sexo, nas situações de variação estável, as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das formas de prestígio. Por outro lado, nas mudanças em que se abandona o uso de forma padrão, o processo tende a ser liderado pelos homens, enquanto as mulheres lideram as mudanças em direção às formas de prestígio (cf. CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 97-98). Já Labov (1982, p. 78) afirma que: “na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração”. Contudo, Scherre (1988) ressalta que: “a respeito da variável sexo, pode-se ver na literatura linguística que o seu papel, especialmente do sexo feminino, na questão da mudança não é muito claro” (SCHERRE, 1988, p. 429). Assim, diante do exposto acima, analisamos esses fatores, primeiro, isoladamente e, depois, por meio do cruzamento entre eles a fim verificar se, realmente, está de acordo com o que diz os autores supracitados.

Grupo 6 - Sexo

A princípio, este grupo de fatores não foi selecionado, mas o motivo da escolha deve-se à importância da diferença de sexo como condicionante da heterogeneidade linguística. De acordo com Labov (1982), os homens, ao contrário das mulheres, estão mais sujeitos à influência de prestígio das formas linguísticas (por terem vida social mais intensa e viverem mais em grupo). Segundo esse linguista, o fato de as mulheres serem mais sensíveis às formas linguísticas padrão se refere, principalmente, ao maior formalismo associado aos papéis femininos, na sua responsabilidade na educação dos filhos. Da mesma forma, confirma Paiva (1992, p. 71):

quando se trata de implementar na língua uma forma considerada prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Quando, ao contrário, se trata de implementação de uma forma desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a ponta do processo de mudança.

Apesar de essa afirmação ter sido feita há vários anos, pretendemos verificar se a hipótese de que as mulheres são mais sensíveis às formas linguísticas padrão se confirma na fala dos informantes de Pedro Leopoldo/MG. Percebemos que, atualmente, o perfil das mulheres é bem diferente de anos anteriores, uma vez que as mulheres estão mais atuantes no mercado de trabalho e em plena concorrência com os homens, em todos os sentidos.

Grupo 7 - Faixa etária

Labov (1981) defende a ideia de se fazer uma investigação sociolinguística distribuindo-se os falantes por diferentes faixas etárias (ex.: jovens, adultos, idosos) – mudança linguística em tempo aparente. De acordo com ele, os dados podem revelar, claramente, uma correlação entre idade e uso de determinadas variantes. Tal fato pode estar assinalando apenas uma característica linguística própria de cada grupo etário, que é adotada pelo falante, e, posteriormente, é abandonada, à medida que ele vai passando de uma faixa de idade para outra. Por outro lado, ele afirma que a predominância de uma variante entre os mais jovens e sua pouca ocorrência entre os mais velhos pode estar indicando uma mudança em progresso; ou seja, que uma das variantes está sendo abandonada em favor de outra.

A fim de verificar se a idade tem algum peso nas escolhas linguísticas dos falantes da comunidade em estudo e, além disso, se o que está ocorrendo é uma mudança em progresso; ou seja, se a variante “ACN entre os elementos no SN” está mais frequente na fala dos mais jovens, ou, por outro lado, se o que está ocorrendo é uma variação estável; ou seja, “a ACN entre os elementos no SN” está frequente tanto na fala dos mais jovens quanto dos mais velhos, estabelecemos esse grupo constituído por 3 (três) fatores e 3 (três) faixas etárias, quais sejam: J = jovens de 17 a 23 anos; A = adultos de 40 a 47 anos; e I = idosos com mais de 60 anos.

Grupo 8 - Nível de escolaridade

De acordo com Scherre (2002, p. 236),

inquestionavelmente, as pessoas mais escolarizadas, mais sensíveis às marcas de prestígio e que exercem profissões de trato público tendem a fazer mais concordância e, se não a fazem, são criticadas por nós, que também deixamos de fazer concordâncias verbais e nominais, de forma regular, quer queiramos ou não, quer reconhecamos ou não.

Por isso, ao analisar o grupo de fatores nível de escolaridade, pretendemos observar qual a importância da escolaridade no comportamento linguístico dos falantes de Pedro Leopoldo/MG. Em vista disso, analisamos a fala de indivíduos com diferentes níveis de escolaridade: Ensino Fundamental completo ou incompleto (F); Ensino Médio completo ou incompleto (M); Ensino Superior completo ou incompleto (S).

Nosso objetivo, ao analisar esse grupo fatores, é verificar se a variante “presença de concordância nominal entre os elementos do SN” está mais presente entre os informantes mais escolarizados. Por outro lado, o contrário, se a variante “ACN entre os elementos do SN” está mais presente entre os informantes menos escolarizados.

Grupo 9 - Grupo social

A categorização dos fatores incluídos nesse grupo – grupo social – levará em conta o quadro social dos informantes de Pedro Leopoldo/MG, esboçado do item 3.2.2 desta dissertação. Serão, então, considerados 3 (três) grupos, de acordo com o grupo social. Esses grupos serão codificados, respectivamente, como A, B e C.

Conforme afirma Scherre (2002, p. 225),

tendem a fazer mais concordância pessoas de classes com mais prestígio social, tendem a fazer menos concordância pessoas de classes com menos prestígio social, embora todos os brasileiros, em maior ou menor grau, deixem de fazer concordância no uso espontâneo da linguagem em contextos sintáticos regulares.

Assim, partimos da hipótese de que a variante “presença de concordância nominal entre os elementos do SN” é mais presente entre os informantes incluídos nos grupos sociais (A e B), sendo que, no grupo (C), o que sobrepõe é a variante “ACN entre os elementos do SN”.

Enfim, nessa análise da regra de concordância nominal entre os elementos do SN, na fala dos moradores de Pedro Leopoldo, foram considerados: uma variável dependente (constituída de duas variantes) e 12 (doze) grupos de fatores (ou variáveis independentes). A codificação dessas variáveis e dos fatores incluídos em cada uma delas pode ser vista nos QUADRO 7A e QUADRO 7B, respectivamente:

QUADRO 7A– A variável dependente

Exemplos:	
Variável dependente	<p>0. Ausência de concordância nominal (30)...<i>os estudante de odontologia..</i>(INF3MARIFJSA)</p> <p>1. Presença de concordância nominal (31)...<i>as bandas famosas de Aché...</i>(INF3MARIFJSA)</p>

QUADRO 7B – As variáveis independentes.

	Grupo	Fator	
G R U P O S	1. Elemento nuclear do SN: posição	1. Primeira posição 2. Segunda posição 3. Terceira posição	
	2. Elemento nuclear do SN: classe gramatical	S. Substantivo N. Não-Substantivo	
	3. Elemento não-nuclear do SN: posição	1. Primeira posição 2. Segunda posição	
	4. Elemento não-nuclear do SN: presença/ausência de flexão plural	A. Ausência de flexão de plural P. Presença de flexão de plural	
	5. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical	A. Adjetivo Q. Numeral P. Possessivo R. Artigo D. Demonstrativo I. Indefinido	
	6. Elemento não-nuclear do SN: posição	2. Segunda posição 3. Terceira posição e seguintes	
	D E	7. Elemento não-nuclear do SN: presença/ausência de flexão de	A. Ausência de flexão de plural P. Presença de flexão de plural
		8. Classe gramatical do elemento não-nuclear	A. adjetivo Q. numeral P. Possessivo R. Artigo D. Demonstrativo I. Indefinido
	F A T O R E S	9. Sexo	M. Masculino F. Feminino
		10. Faixa etária	J. Jovem A. Adulto I. Idoso
		11. Nível de escolaridade	F. Fundamental M. Médio S. Superior
		12. Grupo Social	A. Alto B. Médio C. Baixo

3.5. Procedimentos Adotados

3.5.1. A constituição da amostra

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos da fala de informantes, escolhidos aleatoriamente entre os membros da comunidade de Pedro Leopoldo e caracterizados em função de três grupos de fatores não-estruturais: sexo, faixa etária, grupo social e nível de escolaridade. Foram formadas, assim, nove células na amostra, com três

informantes em cada uma – totalizando vinte e sete informantes, sendo três jovens – (J) (idade – dezessete a vinte três anos), três adultos – (A) (idade – quarenta a quarenta e sete anos) e três idosos (I) (acima de sessenta anos) –; em cada um desses subgrupos, há três informantes com os seguintes níveis de escolaridade: FUNDAMENTAL (F) – completo ou não; MÉDIO (M) – completo ou não; SUPERIOR (S) – completo ou não. Além disso, pretendo verificar estes mesmos informantes separados quanto ao grupo social, sendo três informantes grupo social alto (A); grupo social médio (B) e três grupo social baixo (C). Além desses grupos, resolvemos incluir o grupo sexo, e este será distribuído como masculino (M) e feminino (F).

Com relação ao perfil social dessa amostra, este estudo considera membros da comunidade de fala informantes:

- nascidos ou que tenha chegado nessa cidade até os 10 (dez) anos de idade;
- que nunca se afastaram desta comunidade por mais de 2 (dois) anos consecutivos; e
- originários de famílias também nascidas na cidade — com exceção dos informantes com idades acima de 60 (sessenta anos).

A atuação profissional dos informantes é a seguinte: jovens, a maioria é estudante, há uma vendedora, um garçom, um empresário e uma dona-de-casa (ressaltamos a dificuldade de encontrar jovens com nível de escolaridade entre analfabeto e a 8ª série, nessa geração); o subgrupo de adultos é constituído por um empresário, donas de casa, professoras em exercício na área urbana, auxiliar de serviços gerais e enfermeira; quanto aos idosos, a maioria dos entrevistados é composta por aposentados das seguintes profissões: professora, enfermeira, encarregada de sessão pessoal, auxiliar de serviços gerais, mestre-de-obras e dona-de-casa. Essas informações, em relação a cada informante, podem ser vistas no QUADRO 8, a seguir:

QUADRO 8 – Características sociais dos falantes considerados nesse estudo

Identificação	Sigla	Sexo	Faixa Etária	Nível de escolar.	Nível social
Informante 1	MARI	FEM.	J	S	A
Informante 2	JUNI	MASC.	J	S	A
Informante 3	BETO	MASC.	J	S	A
Informante 4	LEIL	FEM.	A	M	A
Informante 5	CELS	MASC.	A	F	A
Informante 6	ROSA	FEM.	A	S	A
Informante 7	GUID	FEM.	I	F	A
Informante 8	NILC	FEM.	I	S	A
Informante 9	CLEA	FEM.	I	S	A
Informante 10	MICA	MASC.	J	M	B
Informante 11	BRUN	FEM.	J	F	B
Informante 12	RAMO	MASC.	J	M	B
Informante 13	VAND	FEM.	A	S	B
Informante 14	ROSE	FEM.	A	S	B
Informante 15	MATA	FEM.	A	M	B
Informante 16	BENE	MASC.	I	F	B
Informante 17	AMER	FEM.	I	M	B
Informante 18	EDGA	MASC.	I	S	B
Informante 19	FERN	FEM.	J	M	C
Informante 20	REIN	MASC.	J	F	C
Informante 21	VAGN	MASC.	J	F	C
Informante 22	SONI	FEM.	A	F	C
Informante 23	JANE	FEM.	A	F	C
Informante 24	ELIA	FEM.	A	M	C
Informante 25	MARI	FEM.	I	M	C
Informante 26	DORA	FEM.	I	M	C
Informante 27	ZINA	FEM.	I	F	C

3.5.2. Coleta de dados

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados obedecendo às orientações para uma pesquisa sociolinguística, na área urbana do município de Pedro Leopoldo/MG. Inicialmente, foi feita uma visita, para informar sobre o trabalho de pesquisa e a necessidade de uma entrevista para a mesma. Em concordância com a entrevista, retornamos, em uma outra data, para execução; ou seja, todas as entrevistas e conversas informais foram gravadas com a autorização dos entrevistados.

Informamos, primeiramente, que se tratava de um trabalho de pesquisa sobre o município de Pedro Leopoldo; ou seja, se esses conheciam sua história; então, pedi que narrassem fatos interessantes ocorridos nessa comunidade ou fatos ocorridos em sua infância,

ou no dia a dia, etc.. Quando os informantes demonstravam dificuldades em relatar os fatos, utilizamos um questionário que permitisse relatá-los de forma mais natural. Em alguns casos, ao final da entrevista, este foi informado de que se tratava de um trabalho sociolinguístico; ou seja, a pesquisa era sobre as variedades linguísticas presentes na fala dos pedroleopoldenses. Esses mantiveram a concordância e permitiram que a entrevista fosse utilizada.

Ao transcrevermos as entrevistas, destacamos alguns aspectos da variação fonética que consideramos como fatos linguísticos relevantes que constituem marcos da fala do informante:

- Apagamento de sílabas, como em: ta < está; tava < estava;
- Apócope ou apagamento de consoantes finais (homi < homem; vargi < vargem);
- Desnasalização de ditongo nasal final (homem < homi);
- Ditongação: (nóis < nós; veiz < vez);
- Elevação/abaixamento das vogais médias pretônicas (imbora < embora; istado < estado);
- Fenômenos de permuta, apagamento ou inserção de diferentes segmentos sonoros (queu < que eu, procê < para você, 67ing < onde é , puraí < por aí, cumé < como é);
- Síncope (vino < vindo; comeno < comendo; dormino < dormindo); e
- Vocalização da palatal (trabaei < trabalhei, muié < mulher).

Para casos de trechos, frases ou palavras ininteligíveis, utilizamos os diversos pontos de interrogação entre parênteses (????); as pausas curtas foram identificadas com “<...>”; já as pausas longas foram identificadas com reticências “.....”; os risos, com a palavra “risos” entre parênteses: (risos). Por considerar desnecessário, não transcrevemos toda a fala; portanto, para iniciar uma fala em que ocorria o fenômeno pesquisado utilizamos “(...)” reticências entre parênteses.

3.5.3. Tratamento dos dados

Após efetuar o levantamento dos dados encontrados nas vinte e sete entrevistas, caracterizadas como textos espontâneos, fizemos a transcrição localizando todas as orações que continham a presença ACN, as quais se encontram em negrito. Na codificação e análise incluímos apenas os dados, considerando que as marcas formais de plural puderam ser encontradas:

1 – em todos os elementos do SN (*os nossos meninos, os meus filhos; essas coisas todas*);

2 – em alguns de seus elementos (*essas coisas toda, do meus colegas; as condições financeira*); ou

3 – em apenas um de seus elementos (*a perna bem feita, aquelas empada bem grandinha, essa coisa toda*).

Devido à característica particular de alguns dados, optamos por não considerá-los na análise quantitativa, por temermos que esses pudessem comprometer, de alguma forma, os resultados deste estudo. Assim, excluimos os seguintes casos que não atendem ao propósito deste estudo:

1. Locução prepositiva: *Às vezes, às duas, às quatro*, etc.. Foram excluídos esses dados, pois, de acordo com Scherre (1988), na locução prepositiva temos um SN dentro de um sintagma adverbial, portanto o SN não é pleno e o traço de advérbio é mais forte que o nominativo:

(32) *Às vezes* copiava as questões iguaiszinhas nu caderno e errava as questões.
(INF.14ROSEFASB);

(33) (...) *às veis* ele podia até ter razão, ela era contra ele e ao meu favor.
(INF.07GUIDFIFA);

2. Quando está ininteligível, à direita ou à esquerda do sintagma:

(34) (...) mas aí eu acordei debaixo (???) a hora que eu abro a barraca... (INF.12RAMOMJMB);

3. Quando estão ocorrendo casos com SN+PP, aqueles formados pelo sintagma nominal preposicionado:

(35) É isso são *três tipos de prova*. (INF01MARIFJSA);

(36) (...) us gambá tava cumendu us ovo *de vô Bené* (INF.02JUNIMJSA);

4. Quando estão ocorrendo casos SN com or. Adj.; ou seja, aqueles formados pelo sintagma nominal mais oração adjetiva:

(37) Tem quase cinco, seis anos *que eu saio com a mesma fantasia*, 69i. (INF.03BETOMJSA);

(38) Todo mundo gosta de reproduzir as coisas *qui todo mundo faz*. (INF.03BETOMJSA);

(39) As pessoas *que se destacam são aquelas que fazem coisas diferente*. (INF.03BETOMJSA);

5. Ocorrências que, na própria variante dita padrão, admite-se a variação, tais como aquelas em que da estrutura do sujeito fazem parte as expressões: a maioria de; um dos que; um e outro, um tanto de, etc.:

(40) Aí *aquele tanto de cara* cherando cola, *aquele tanto de maconheiro*, drogadu, tudo na mesma fileira qui eu, 69i. (INF.12RAMOMJMB);

(41) (...) qui os políticos em *sua grande maioria* não são honestos... (INF.09CLEAFISA);

(42) Morreu *um tanto de* brasileiros... (INF.01MARIFJSA);

6. O pronome indefinido **tudo** em lugar de **todos**, destacamos esses dados por considerarmos esse caso como de não-aplicação da marcação de plural:

(43) (...) Era engraçadu *o povo tudo farofeiro, tudo* na mesma casa, os maridu querendo fugir das mué. (INF.01MARIFJSA);

7. Não trabalhamos com o fator categoria substantivada, por não encontrarmos exemplo desse tipo no *corpus* analisado. Trabalhos anteriores (cf., por exemplo, SCHERRE 1988, 1996) consideraram esse fator (quando outra classe gramatical exerce a função de núcleo do SN; ou seja, torna-se uma palavra substantivada com função de substantivo), mas optamos por classificar esse caso como não-substantivo:

(44) À noite eu ia com *os maiores...* (INF.08NILCFISA);

8. Não foram considerados, também, os casos de SN de plural em que figuram numerais não-flexionáveis, ainda que contendo algum elemento com marca de plural:

(45) As *duas* moravam... (INF.25MARA FIMC); e

9. Ao considerar o pronome possessivo, não consideramos o pronome dele, por estar se referindo ao possuidor, e não à coisa possuída:

(46) Os problemas *dele...* (INF.06CELSMAFA).

Uma vez selecionados os dados pertinentes, utilizamos, para seu tratamento e sua codificação, o Programa de Regras Variáveis VARBRUL (SANKOFF, 1988; ROUSSEAU & SANKOFF, 1978; PINTZUK, 1988), sendo esses analisados, qualitativa e quantitativamente, em função dos fatores relacionados.

CAPÍTULO 4:

ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Da interpretação dos Resultados Quantitativos

Conforme já mencionado, assumindo que a regra de concordância nominal no PB é variável, este estudo analisa a variação no uso da concordância nominal no PB, utilizando dados da fala de moradores de Pedro Leopoldo/MG e a partir da seguinte hipótese: a ACN entre os elementos do sintagma nominal (SN) é altamente frequente na fala dos moradores dessa comunidade e condicionada por fatores estruturais e não-estruturais. Assim, os dados foram analisados qualitativamente, a partir de uma análise quantitativa, na qual foram considerados estes nove grupos de fatores:

1. Elemento nuclear do SN: posição (primeira, segunda, terceira)
2. Elemento nuclear do SN: classe gramatical (substantivo, não-substantivo)
3. Elemento não-nuclear do SN: posição (primeira, segunda, terceira)
4. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical (adjetivo, artigo, demonstrativo, possessivo, quantificador, indefinido)
5. Elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de flexão de plural
6. Faixa etária:
7. Sexo:
8. Escolaridade:
9. Grupo social dos informantes: C (baixo), B (médio), A (alto)

Nas entrevistas realizadas com os 27 (vinte e sete) informantes, foram computados 1.297 SNs, nos quais, a presença de flexão de plural no núcleo aponta para a possibilidade de ocorrência de flexão no(s) não-núcleo(s). Teoricamente, em todos esses 1.297 casos, poderiam estar presentes dois elementos não-nucleares; ou seja, o SN poderia ser, assim, estruturado:

- ⇒ núcleo na primeira posição, não núcleo na segunda e terceira posições
- ⇒ núcleo na segunda posição, não núcleo na primeira e terceira posições
- ⇒ núcleo na terceira posição, não núcleo na primeira e segunda posições

E, dos 1.297 SNs encontrados nas entrevistas, 164 apresentam as três posições acima mencionadas, conforme ilustram os exemplos, a seguir:

(47) até *os menino marginal, tia* ... (INF.01MARIFJSA)

(48) *os políticos honestos* (INF.09CLEAFISA)

Em vista disso, a análise quantitativa dos dados considerou o total de 1.461 *tokens*. Essa análise, realizada com a utilização do Programa VARBRUL, focalizou, inicialmente, a variável dependente constituída por estas duas variantes:

- Ausência de concordância nominal (casos sem a flexão em, pelo menos, um elemento do SN) – codificada como **0**;
- Presença de concordância nominal (casos com marca de flexão em todos os elementos do SN) – codificada como **1**.

Numa primeira etapa, atentamos para o comportamento dessa variável com o objetivo de verificar a influência, ou não, dos cinco grupos de fatores estruturais estabelecidos; numa segunda etapa, observamos a atuação dos grupos de fatores não-estruturais (sexo, faixa etária, escolaridade e grupo social) sobre o comportamento dessa variável. Os resultados quantitativos em relação à influência de cada fator, em termos de Peso Relativo (PR), serão interpretados de acordo com esta correspondência:

- $PR = .50$ = fator neutro
- $PR < .50$ = fator que desfavorece a ausência de concordância
- $PR > .50$ = fator que favorece a ausência de concordância

4.2. Resultados Iniciais

No total de 1.461 dados de fala analisados, foram registrados 759 casos de ACN – o que significa que o uso dessa variante ocorre em, apenas, 52% dos casos, como registra a Tabela 4, a seguir, na qual, figuram os resultados relativos aos 27 fatores dos nove grupos de fatores, estabelecidos:

TABELA 4- A ACN, considerados os nove grupos de fatores

Grupo	Fatores	Total de casos	ACN	%	Presença de CN	%	PR
1.Elemento nuclear do SN:posição	1. primeira pos.	42	5	12	37	88	.06
	2. segunda pos.	1.265	694	55	571	45	.53
	3. terceira pos.	154	60	39	94	61	.45
	Total	1.461	759	52	702	48	
Elemento nuclear do SN: classe gramatical	S. substantivo	1.428	740	52	688	48	.50
	N. não-subst.	33	19	58	14	42	.44
	Total	1.461	759	52	702	48	
3.Elemento não-nuclear: do SNB: posição	1. primeira pos.	1.256	676	54	580	46	.52
	2. segunda pos.	118	36	30	82	70	.43
	3. terceira pos.	87	47	52	40	48	.28
	Total	1.461	759	52	702	48	
4.Elemento não-nuclear: Pres/Aus. Flexão-plural	A. ausência	56	55	99	1	2	1.00
	P. presença	1.405	704	50	701	50	.43
	Total	1.461	759	52	702	48	
5. Elemento não-nuclear do SN: Classe gramatical	A. adjetivo	136	47	35	89	65	.07
	P. possessivo	98	58	57	40	41	.59
	R. artigo	828	452	56	376		.57
	D.demonstrativo	146	97	66	49		.74
	I. indefinido	248	100	40	148	60	.42
	Q. quantif.	5	2	40	3	60	.48
	Total	1.461	759	52	48	52	
6. Sexo	M. masculino	383	228	60	155	40	.66
	F. feminino	1.078	531	49	547	51	.44
	Total	1.461	759	52	702	48	
7. Faixa etária	J. jovem	406	234	58	172	42	.48
	A. adulto	449	238	53	211	47	.47
	I. idoso	606	287	47	319	53	.54
	Total	1.461	759	52	702	48	
8. Escolaridade	F. fundamental	400	304	76	96	24	.70
	M. médio	444	301	68	143	32	.66
	S. superior	617	154	25	463	75	.26
	Total	1.461	759	52	702	48	
9.Grupo social	A. alto	630	224	36	406	64	.45
	B. médio	340	145	43	195	57	.34
	C. baixo	491	390	79	101	21	.67
	Total	1.461	759	52	702	48	

De acordo com os valores contidos na Tabela 4, fica, pois, confirmada a hipótese geral que orienta o presente estudo. Cabe ressaltar, no entanto, que esse resultado mostra que, entre os moradores de Pedro Leopoldo, a ACN é pouco mais frequente do que a presença de concordância nominal.

Os resultados dessa análise inicial, diferentemente do que esperávamos, apontaram, como não-significativos, três grupos de fatores estruturais (posição do núcleo, classe gramatical do núcleo e posição do elemento não-nuclear), além de um grupo de fatores não-estrutural (faixa etária). O total de dados foi, então, submetido a uma análise que inclui diversas etapas e será apresentada nas seções 4.3 e 4.4, nas quais, se atenta para a atuação dos grupos de fatores estruturais e dos grupos de fatores não-estruturais, respectivamente, apontados como significativos.

4.3. Atuação dos Fatores Estruturais

Dos cinco grupos de fatores estruturais, apenas dois foram apontados como significativos: classe gramatical dos elementos não-nucleares do SN; presença e ausência de flexão de marca plural nos elementos não-nucleares do SN. Os resultados que revelam o comportamento desses dois grupos de fatores estruturais em relação à ACN nos dados de Pedro Leopoldo são, a seguir, apresentados sob a forma de tabelas e gráficos, mostrando os números de ocorrências, os percentuais e os pesos relativos (PRs) associados a cada um dos fatores incluídos nesses grupos.

4.3.1. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical

Nos estudos anteriormente mencionados (no Cap. 2), a influência desse grupo de fatores não foi analisada isoladamente; ou seja, em outros estudos sobre o fenômeno da concordância nominal, focalizou-se a atuação do grupo de fatores classe gramatical considerando-se, conjuntamente, o elemento nuclear e o elemento não-nuclear do SN; aqui, analisamos a classe gramatical considerando dois grupos distintos de fatores: a classe gramatical do elemento nuclear do SN; a classe gramatical do elemento não-nuclear do SN. O

primeiro, conforme já mencionado, foi apontado como não-significativo em relação à ACN; os resultados associados ao segundo grupo podem ser visualizados na Tabela 5:

TABELA 5 – ACN segundo a classe gramatical dos elementos não-nucleares

Grupo de fatores	Fatores	Total de SNs	Casos de ACN	%	PR
2. Classe gramatical dos elementos não-nucleares	I. indefinido	248	100	40	.42
	R. artigo	828	452	55	.57
	D. demonstrativo	146	97	66	.74
	P. possessivo	98	58	59	.59
	A. adjetivo	136	57	35	.07
	Q. quantificadores	5	2	40	.48

À primeira vista, esses resultados parecem revelar que a ACN é condicionada por elementos não-nucleares de classes gramaticais que figuram como determinantes, pois:

1º) Dentre os fatores considerados nesse grupo, apenas os adjetivos mostram-se altamente desfavorecedores da ACN (PR = .07), também desfavorecida ligeiramente pelos indefinidos (.PR = .42);

2º) Os quantificadores associam-se a valor que os aproxima de atuação neutra em relação ao comportamento da variável (PR = .48);

3º) Os artigos definidos e os possessivos (.PR = .57 e .PR = .59) favorecem bastante a ACN, e que é altamente favorecida pelos demonstrativos (.PR = 74).

Os resultados relativos aos fatores desse grupo apontam uma relação, em termos de PR, que é representada pelo Gráfico. 1, abaixo:

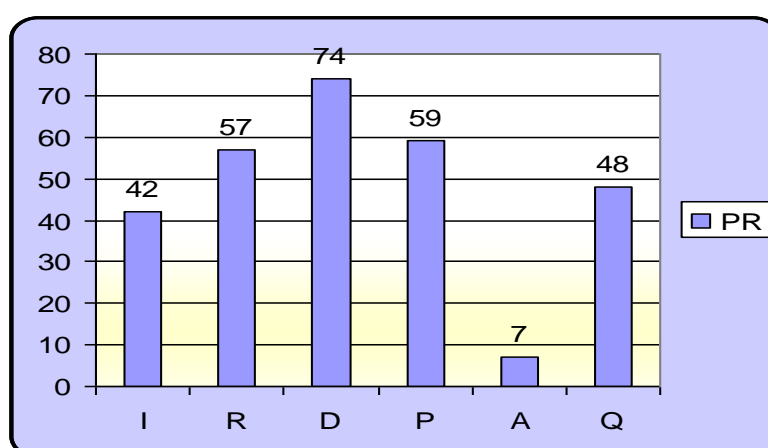


GRÁFICO 1 – A ACN segundo a classe gramatical do elemento não-nuclear.

Ao nos depararmos com esses resultados, ou seja, o alto favorecimento da ACN envolvendo os elementos da classe gramatical de determinantes (demonstrativos, artigos

definidos e possessivos), e, por outro lado, o alto desfavorecimento ACN envolvendo os elementos da classe gramatical de adjetivos, este fato nos surpreendeu. Primeiro, porque os determinantes em estudos anteriores se mostraram altamente favorecedores a favor da presença de concordância nominal, e, os adjetivos, por sua vez, se mostraram totalmente o contrário, favorável à ACN, conforme (POPLACK 1980^a; SCHERRE 1988, 1996, CARVALHO 1977). Em segundo, porque os determinantes, em sua grande maioria, ocupam a primeira posição, ou seja, antepostos ao núcleo, e esta posição é altamente favorecedora da presença de marca de flexão de plural, independente da classe gramatical que a ocupe, seja determinante, adjetivo ou substantivo.

Para um melhor entendimento, retomamos os estudos de Scherre (1996) sintetizados na sessão **2.3**, que reanalisa a variável posição, mostrando que a primeira posição é fortemente marcada e que há um distanciamento da primeira para a segunda posição. Além disso, a mesma autora sintetiza o pensamento de outros pesquisadores a respeito dessa variável, da seguinte forma: “a primeira posição do SN é o fator que mais favorece a inserção da marca formal de plural, ocorrendo uma queda brusca em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer de forma decrescente a presença de marca formal de plural no SN” (SCHERRE, 1996, p. 45).

Ela afirma, ainda, que os mesmos pesquisadores explicam que esse condicionamento ocorre em função do fenômeno da redundância de marcas de plural, que é uma característica da Língua Portuguesa, tendo em vista que apenas uma marca formal ou semântica de plural é suficiente para garantir a informação.

Contudo, as observações de Scherre (1996) não param aí. Ao final de sua análise, ela interrelaciona as variáveis posição linear, classe gramatical e marcas precedentes, reafirmando que tomar classe por posição ou posição por classe encobre regularidades linguísticas importantes. Assim, mostra, aos futuros pesquisadores, a necessidade de se introduzir uma nova abordagem analítica que dê conta da relação entre essas duas variáveis, explicando que as classes gramaticais não-nucleares que ocorrem na primeira posição são, todas elas, antepostas ao núcleo do SN, que as da segunda posição são predominantemente antepostas ao núcleo do SN e que as classes não-nucleares da terceira posição são predominantemente pospostas ao núcleo do SN.

Para essa linguista, portanto, a análise mais adequada para o fenômeno em estudo é a que considera as três variáveis (posição, marcas precedentes e classe gramatical) transformadas em duas: (i) marcas precedentes em função da posição e (ii) relação entre elementos nucleares e não-nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN.

Seguindo, então, os conselhos de Scherre (1996), realizamos o cruzamento das variáveis posição linear dos elementos nucleares e não-nucleares e a classe gramatical desses elementos, ou seja, os 1.461 *tokens* contendo SNs com a ausência e a presença de concordância nominal em seu interior.

Procuramos verificar, por meio do cruzamento dessas variáveis, se é possível entender o porquê de alguns determinantes se mostrarem favorecedores na ACN e os adjetivos desfavorecedores. Assim, os resultados apresentados, reunidos na Tabela 6 e 7 envolvem uma análise desses grupos de fatores.

TABELA 6 – Distribuição dos dados em função da classe gramatical e da posição dos elementos nucleares do SN

CLASSE DO ELEMENTO NUCLEAR	POSIÇÃO									TOTAL		
	PRIMEIRA			SEGUNDA			TERCEIRA					
	Tot.	N	%	Tot.	N	%	Tot.	N	%	Tot.	N	%
Substantivo	42	5	12	1.232	675	55	154	60	39	1.428	740	52
Não-substantivo	0	0	0	33	19	58	0	0	0	33	19	58

Os resultados percentuais distribuídos nessa tabela mostram que:

Os elementos nucleares que ocupam a primeira posição; ou seja, 42 casos (88%) desses núcleos estão incluídos entre os SNs que apresentam presença de concordância, seguidos pela terceira posição ocupados por 154 núcleos em que (61%) desses favorecem a presença de concordância no SN, desfavorecendo, dessa forma, a ACN no SN; ou seja, o primeiro com 5 (12%) casos e o terceiro com 60 (39%) casos.

(49) *coisas cabulosas existem...* (INF.11RAMOMJMB)

(50) *é quando acontece as piores coisas* (INF.11RAMOMJMB)

Já o núcleo ocupando a segunda posição, divididos em duas classes gramaticais: os substantivos que computam 1.232 e os não-substantivos 33 totalizando 1265 casos, 694 não trazem marcas de flexão de plural (55%), favorecendo, portanto, o uso de ACN.

(51) *Minhas amigas* mesmo que me contaram (INF.10BRUNFJMB)

(52) ...uma hora lá pensei que *meus dedo ia*...(INF.12MICAMJMB)

(53) ... *os piores*, tô brincano professora. (INF.11RAMOMJMB)

Confirmando os resultados fornecidos por Scherre (1996), conforme tabela apresentada neste estudo, no **item 2.3**, de acordo com seus resultados os substantivos são muito marcados na terceira posição, com um índice de 62%, já este quando ocorre na primeira posição, apresenta o percentual de presença de flexão de plural tão alto quanto neste estudo, ou seja, (95%). Com relação à segunda posição, apresenta favorecimento em direção à ausência de flexão de plural (53%).

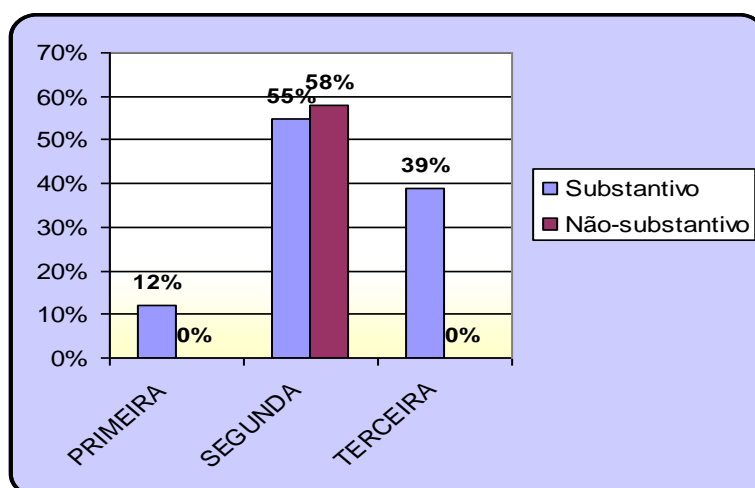


GRÁFICO 2: Cruzamento entre classe gramatical e posição dos elementos nucleares.

Em síntese: de posse desses resultados, concluímos que os elementos nucleares que ocupam a primeira e a terceira posições – apesar de seus números de ocorrências não serem tão altos quanto os da segunda posição – favorecem a presença de flexão de plural e, conseqüentemente, desfavorecem a ACN, diferentemente dos elementos (substantivos e não-substantivos) que ocupam a segunda posição, os quais favorecem a ACN no interior do SN.

Analisamos, também, o comportamento dos elementos não-nucleares mediante o cruzamento entre classe gramatical e posição linear, apresentados na Tabela 7 e no Gráfico 3.

TABELA 7 - distribuição dos dados em função da classe gramatical e da posição linear dos elementos não-nucleares no SN.

CLASSE DOS NÃO-NUCLEARES	POSIÇÃO			
	PRIMEIRA	SEGUNDA	TERCEIRA	TOTAL
Adjetivo	8/2 (33%)	56/11 (16%)	72/38 (51%)	136/51 (36%)
Numeral	não ocorre	5/2(48%)	não ocorre	5/2 (48%)
Artigo	805/449 (56%)	23/3(17%)	não ocorre	828/452 (55%)
Possessivo	73/42 (58%)	19/10 (53%)	6/6 (100%)	98/58 (59%)
Demonstrativo	144/94 (66%)	2/2 (100%)	não ocorre	146/96 (66%)
Indefinido	225/89 (40%)	13/8 (62%)	10/3(30%)	248/100 (44%)
TOTAL	1.255/676(54%)	118/36(52%)	88/47(30%)	1.461/759 (52%)

A primeira posição ocupada, principalmente, pelos determinantes 1.255 (mil duzentos e cinquenta e cinco) e desses casos 680 (seiscentos e oitenta) ocorrem entre os casos de ACN; ou seja, 54%: o artigo é a classe gramatical que se apresenta com o maior número de ocorrências nessa posição, com 805 (oitocentos e cinco) casos; desses, 449 (56%) apresentam entre os casos de ACN no SN.

(54) *Os anjinho* dele fica aí com a gente (INF09NICFISA)

(55) Ali, *as pessoas* andavam de um lado para o outro (INF10CLEAFISA)

Os indefinidos, que não ocorrem em número tão elevado – apenas em 225 (duzentos e vinte e cinco) casos –, mas com um percentual baixo de ACN no interior do SN; ou seja, apenas 89 (oitenta e nove) casos (40%).

(56) *Muitas coisas* a gente toma decisões contrariando a nós mesmos.(INF9CLEAFISA)

(57) Deus vê *todas as coisas*...(INF10BRUNFJFB)

Em seguida, temos os demonstrativos, com 144 casos; desses, 94 (66%) estão incluídos entre os SNs que têm ACN, demonstrando, dessa forma, favorecer essa variante.

(58) Eu encontrei, *esses dias*, com uma professora minha (INF10BRUNFJMB)

O possessivo apresenta um número baixo de ocorrências 73 mas com um índice de ACN nos SNs razoavelmente alto - 42 (58%) dos casos.

(59)...ele queimou *minhas roupas todas*...(INF10BRUNFJMB)

Já o adjetivo, nessa posição, teve uma ocorrência pequena, em relação aos determinantes, apenas 8 casos na primeira posição; desses, 2 (33%) estão entre os casos de SNs de ACN, sendo possível concluir que o adjetivo, na primeira posição, desfavorece o uso de ACN no interior do SN.

(60) *pequenos grupos de musculação* (INF3BETOMJSA)

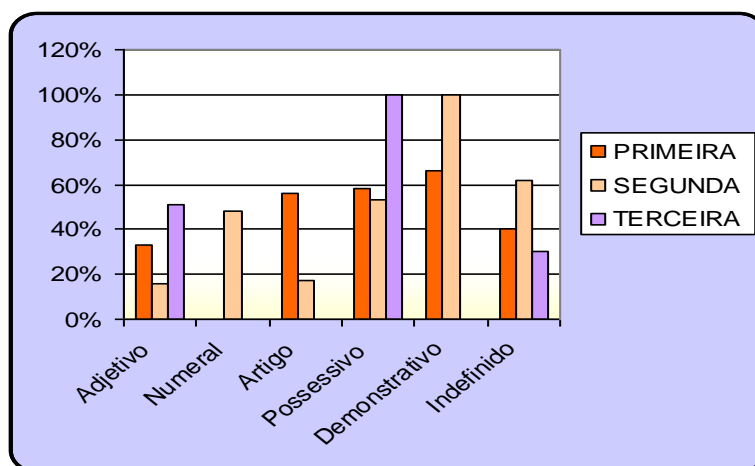


GRAFICO 3: Cruzamento entre a classe gramatical e posição dos elementos não nucleares

A classe dos não-nucleares, quando ocupam a segunda e terceira posições: os adjetivos mostram-se altamente favorecedores em direção à presença de concordância nominal no interior do SN, quando ocupam a segunda posição, com um percentual de (84%); dos 56 casos apenas 9 estão entre os casos de ACN no SN.

(61) a gente passa por *muitos sérios problemas* (INF.08NILCFISA)

(62) *os gambá morto*... (INF2JUNIMJSA)

No entanto, para os adjetivos, quando ocupam a terceira posição, os resultados não são muito relevantes; de 72 casos, apenas 36 (51%) estão incluídos em SNs que apresentam ACN.

(63) eu deixo *os cachorro solto*... (INF08NILCFISA)

Quanto aos numerais, os quais foram considerados apenas os flexionáveis, ocorreram apenas 5 casos na segunda posição; desses, 2 (48%) aparecem, no interior do SN, com ACN.

(64) *os primeiros anos* na escola.... (INF09CLEAFISA)

(65) *nos últimos dias* de vim imhora...(INF02JUNIMJSA)

Na segunda posição, ocorrem 23 casos de artigo, sendo que, destes, apenas 3 estão inseridos entre os casos de ACN, desfavorecendo, dessa forma, a ACN; já na terceira posição, conforme esperado, não há ocorrência de artigo.

(66) *Todos os filhos* dele... (INF09NILCFISA)

(67) *Os anjinho* dele fica aí com a gente (INF09NICFISA)

O número de ocorrências de possessivos na terceira posição é 6 em 100% de casos de ACN no SN, na segunda posição, são 19 casos, com 10 de ACN no SN; ou seja, 53%.

(68)com *outros amigos meus* (INF3BETOMJSA)

Dos 146 casos de ACN em que ocorrem com os demonstrativos, apenas 2 estão na segunda posição, com 100% incluídos entre os casos que favorecem essa variante.

(69)...*todas aquelas pessoas* pedindo...(INF9CLEAMJSA)

Conforme pode-se verificar através dos resultados apresentados acima, é possível concluir que:

1) Ao analisarmos a variável linguística constituída da ausência e da presença de concordância nominal de número entre os elementos do sintagma nominal, a fim de verificarmos qual a classe gramatical e qual a posição favorece a ACN, observamos que mesmo através do cruzamento, sugerido por Scherre (1996), entre estes dois grupos de fatores

(posição e classe gramatical) é impossível chegar a um resultado exato de qual fator favorece ou desfavorece a ACN ou a presença de concordância nominal.

2) Ao classificarmos os elementos nucleares e não-nucleares do SN: ACN (casos sem a flexão em, pelo menos, um elemento do SN) – codificado como **0**; e, Presença de concordância nominal (casos com marca de flexão em todos os elementos do SN) – codificada como **1**, isto é, uma análise em que engloba todos os elementos do SN, consideramos impossível verificar qual a classe gramatical e qual a posição favorece a **ausência ou a presença de marca de flexão de plural** em seu elemento nuclear ou não-nuclear. Por outro lado, não classificamos esses grupos de fatores, apenas analisando o SN como um todo, classificamo-los, também, de acordo com a presença e a ausência de marca de flexão de plural em cada elemento do SN.

Portanto, é através desses resultados que procederemos nossa análise daqui pra frente, primeiro verificando os resultados do grupo de fatores ausência e presença de marca de flexão de plural, apontado pelo VARBRUL, como favorecedor da ACN, depois de concluído, apresentaremos, novamente, outra tabela contendo o cruzamento dos grupos de fatores posição e classe gramatical, bem como uma outra tabela contendo os resultados da relação de anteposição e posposição dos elementos não-nucleares em relação ao núcleo. Porém estes resultados serão apenas dos 759 dados contidos nas ocorrências de ACN, uma vez que, em ocorrência com a presença de concordância nominal, todos os elementos contêm a presença de marca de flexão de plural, consideramos desnecessário analisá-los novamente.

4.3.2. Elemento não-nuclear: Ausência e presença de marca de flexão de plural

Essa variável não foi considerada em estudos anteriores; entretanto, neste estudo os seus resultados mostraram-se significativos, conforme se pode verificar na Tabela. 8 e no Gráfico 4.

TABELA 8 - A ACN segundo a presença e ausência de marca de flexão de plural

Grupo de fatores	Fatores	Total de SNs	Casos de ACN	%	PR
1.Elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de marca de flexão	A. aus.	56	55	98	1.00
	P. pres.	1405	704	50	.43

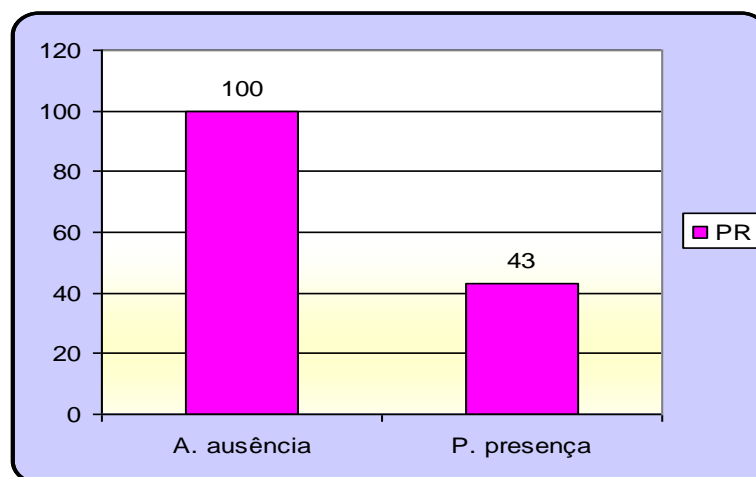


GRÁFICO 4 - ACN segundo a ausência e presença de flexão de plural.

Diante dos resultados apresentados acima, é possível constatar que:

1) A ausência de marca de flexão de plural, conforme esperado, apresenta um PR = 1.00, indicando que todos os elementos não-nucleares que apresentam ausência de marca de flexão de plural estão inseridos entre os SNs com ACN de número.

2) a presença de marca de flexão de plural é encontrada em 1.405 elementos não-nucleares, apesar disso, esses elementos forma, em grande parte (704 casos), apontados como fatores que desfavorecem a ACN entre os elementos no SN; ou seja, um PR = .43.

Em vista do que acabamos de verificar, é impossível medir, diretamente, nos dados reais de fala, a influência da variável linguística ausência e presença de concordância nominal, objeto do estudo proposto, e o grupo de fatores presença ou ausência de marca de flexão de plural no elemento nuclear ou não-nuclear; ou seja, de acordo com a Tabela 9, é possível verificar que 1.405 elementos não-nucleares apresentam presença de marca de flexão de plural no SN e apenas 56 casos apresentam ausência de marca de flexão de plural no SN. Diante disso, como afirmar que os elementos não-nucleares, ou melhor, os determinantes favorecem a ACN no SN? Em outras palavras, esses resultados suscitam as seguintes questões:

1ª) Como se explica o fato de os determinantes apresentarem um alto índice de flexão de plural e, ao mesmo tempo, aparecerem como favorecedores da ACN no interior do SN?

2ª) Por outro lado, como se explica o fato de os adjetivos se mostrarem altamente desfavorecedores da ACN e apresentarem um percentual alto de ausência de flexão de plural na terceira posição?

Para verificarmos o que realmente ocorre, procedemos da seguinte forma: primeiramente, excluímos todos os casos de presença de concordância no SN e analisamos apenas os casos de ACN no interior do SN. Depois, fizemos o levantamento de todas as ocorrências de presença e ausência de flexão de plural no elemento nuclear e não-nuclear e na posição que esse elemento ocupa no SN, por meio do cruzamento entre as variáveis classe gramatical e posição no SN. Os resultados de tais procedimentos podem ser visualizados através na seção 4.3.3.

4.3.3. Cruzamento entre as variáveis elemento nuclear e não-nuclear do SN: posição e classe gramatical

Os valores obtidos através dos procedimentos adotados em função das questões suscitadas pelos resultados anteriores são exibidos nas Tabelas 9 e 10:

TABELA 9: Distribuição dos dados em função da flexão de plural nos elementos nucleares e não-nucleares relacionados segundo a classe gramatical e posição no SN

Classe gramatical	posição			Total	Aus. Flex.	%	Pres. Flex.	%
	primeira	segunda	terceira					
Elemento nuclear								
Substantivo	5	675	60	740	717	97	23	3
Não-substantivo	0	19	0	19	18	95	1	5
Total	5	694	60	759	735		24	
Elemento Não-nuclear								
Adjetivo	2	11	38	51	47	91	4	9
Numeral	0	2	0	2	0	0	2	100
Possessivo	42	10	6	58	4	9	54	91
Artigo	449	3	0	452	0	0	452	100
Demonstrativo	94	2	0	96	2	1	94	99
Indefinido	89	8	3	100	3	1	97	97
TOTAL	676	36	47	759	56		703	

TABELA 10: Distribuição dos dados em função da flexão de plural nos elementos não-nucleares e nucleares relacionados de acordo com a posição do SN

	Primeira posição		Segunda posição		Terceira posição	
	Aus.	Pres.	Aus.	Pres.	Aus.	Pres.
Elemento nuclear	0 0%	5 100%	675 97%	19 3%	60 100%	0 0%
Elemento não-nuclear	0 0%	676 100%	12 30%	24 70%	43 91%	4 9%

Os resultados apresentados nas Tabelas acima mostram que:

1) O núcleo, assim como o não-núcleo, quando ocupam a primeira posição, apresentam 100% de flexão de plural.

2) Já na segunda posição, ocupada principalmente pelo substantivo, este apresenta um alto índice de ausência de flexão de plural 97%, acompanhado pelos adjetivos, que, também, apresentam uma alta frequência de ausência de flexão de plural, ou seja, dos 11 casos que ocupam a segunda posição 9 não trazem a flexão de plural em seu elemento. Por sua vez, é importante ressaltar que a classe não-nuclear (determinantes), quando ocupam a segunda posição, apresentam um comportamento diferente dos elementos nucleares (substantivo e não-substantivo) e a classe não-nuclear (adjetivos); ou seja, dos casos de determinantes quando ocupam essa posição, apresentam um percentual baixo de ausência de flexão de plural 29%.

3) Na terceira posição, ocupada, principalmente, pelos adjetivos e substantivos (sendo os determinantes nessa posição: apenas 6 casos de possessivos e 3 casos de indefinidos), o percentual de ausência de flexão de plural é categórico no elemento nuclear (100%) e quase categórico elemento não-nuclear (97%), ressaltando que essa diferença se deve a duas ocorrências de possessivos nessa posição conforme o exemplo (*os serviço seus*).

Diante disso, concluímos que os problemas anteriormente apontados deixam de existir, ou seja:

A - Quando são computados como casos de concordância apenas os SNs em que há presença de flexão em todos os elementos (ou seja, os casos nos quais se registra a concordância nominal nos moldes tradicionalmente previstos pelas gramáticas) e, como casos de ausência de concordância, todos os SNs em que há pelo menos um elemento sem marca de flexão, não é possível identificar o elemento (ou os elementos) que carregam a marca de flexão;

B – A marca de flexão, pelo visto ao se considerar posição e tipo de elemento do SN, ocorre mais frequentemente nos elementos de posição em que figuram os determinantes;

C – Assim, a contradição que constitui problema é, apenas aparente, ou seja, a verificação de que os determinantes trazem mais a marca de flexão deixa claro que:

- ❖ Se computado como caso de Ausência de Concordância (ACN) o SN com o determinante com flexão, mas outro elemento sem flexão, o total de casos de ACN é obtido sem que essa flexão seja considerada e, por isso, o determinante figura como elemento favorecedor da ACN;
- ❖ Mas, se considerados todos os SNs em que há a marca de pluralidade – e, não apenas aqueles que ostentam a harmonia entre todos os seus elementos, o que se significa a repetição da marca flexional de plural configurando, portanto, uma redundância – o total de casos vai ser significativamente alterado, pois serão contados todos os casos em que há determinantes dotados de marca de flexão, que dão a informação de plural logo no início do SN (na primeira posição).

Para melhor esclarecimento desse fato, apresentaremos na seção a seguir, 4.3.4, os resultados da relação de anteposição e posposição dos elementos não-nucleares em relação aos elementos nucleares.

4.3.4. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, posição em relação ao elemento nuclear

Seguindo Scherre (1996), fazemos, agora, uma análise minuciosa dos dados, procurando verificar a relação de anteposição e posposição entre o não-núcleo e o núcleo, utilizando apenas os dados de ocorrências de ACN no interior do SN. Os valores obtidos podem ser visualizados na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11 - Distribuição das classes gramaticais não-nucleares em função da posição e da relação com o núcleo

Classe e posição	Relação com o núcleo					
	Antepos.	A	P	Posposto	A	P
Adjetivo na 1ª posição (... <i>altas paulada.</i>)	2		2	não ocorre	0	0
Adjetivo na 2ª posição (<i>os mesmos colega.</i>)	4	2	2	7	7	
Adetivo na 3ª posição (<i>uns menino marginal</i>)	não ocorre			38	38	
Total	6	2	4	45	45	0
Quantif. na 1ª posição	0			0		
Quantif. na 2ª posição (<i>os últimos dia; meus primeiros ano</i>)	2		2	não ocorre		
Quantif. na 3ª posição	0			0		
Total	2		2		0	0
Possessivo na 1ª posição (<i>seus irmão; minhas amiga</i>)	42		42	não ocorre		
Possessivo na 2ª posição (<i>as minhas roupa; as minhas coisa</i>)	10		10			
Possessivo na 3ª posição (<i>umas foto minha; todas diretora minha</i>)	não ocorre			6	4	2
Total	52		52	6	4	2
Artigo na 1ª posição (<i>os meus estudo; as suas briga</i>)	449		449	não ocorre		
Artigo na 2ª posição (<i>todos os esporte; todos os dia</i>)	3		3	não ocorre		
Artigo na 3ª posição	não ocorre			não ocorre		
Total	452		452		0	0
Demonstrativo na 1ª posição (<i>aqueles menino; aquelas, aquela palha de capim</i>)	94		94	não ocorre		
Demonstrativo na 2ª posição (<i>aqueles, aquela palha de capim; todos esse brinquedo</i>)	2	2		não ocorre		
Demonstrativo na 3ª posição	não ocorre			não ocorre		
Total	96	2	94		0	0
Indefinido na 1ª posição (<i>muitas pessoa; vários curso; outras coisa.</i>)	89		89	não ocorre		
Indefinido na 2ª posição	8	1	7	não ocorre		
Indefinido na 3ª posição (<i>as série toda; nos dias todo</i>)	não ocorre			3	3	
Total	97	1	96	3	3	
Total geral	705	5 1%	700 99%	54	52 96%	2 4%

Em função desses resultados, concluímos que os elementos não-nucleares não se comportam da mesma forma:

A – Quando antepostos ao núcleo, apresentam índice de presença de marca de flexão de plural categórico (em 100% dos casos), independentemente de serem adjetivos ou determinantes:

(70) ...eu dei altas paulada (INF20REINMJMC)

(71)...as patinha cravada (INF02JUNIMJSA)

(72)... os mesmos colega;... as próprias mão (INF24ELIAFAMC)

B – Quando esses elementos estão pospostos ao núcleo, o comportamento é totalmente o contrário; em 96% dos casos ocorre ausência de flexão de plural, sendo que os casos em que a flexão se faz presente são de pronomes possessivos:

(73) ...não sei, mas os serviço seus tá correto não. (INF11RAMOMJMB)

(74)... as série toda (INF21VAGNMJMF)

(75)... noites fria,... dias quente...(INF18 EDGAMISB)

(76)... coisas diferente dos demais...(INF3BETOMJSA)

(77)... peessoas honesta...(INF3BETOMJSA)

(78)... essas muié feia...(INF5ROSAFASA)

(79)aquelas arca grandona, aqueles enxovai chiquérrimo(INF8NILCFISA)

Em síntese, ao analisarmos as variáveis linguísticas independentes propostas nesse estudo, chegamos à seguintes conclusões:

A – Os dados analisados confirmam a nossa hipótese inicial de que, na fala de Pedro Leopoldo, a ACN entre os elementos do SN é mais frequente do que a presença de concordância entre tais elementos;

B – A ACN é condicionada por grupos de fatores estruturais – dos cinco estabelecidos, dois foram apontados como seus condicionadores.

Confirmamos, também, o que afirma Scherre (1996), ou seja: que a melhor forma de se entender a concordância nominal no Brasil é pelo cruzamento entre as variáveis posição e classe gramatical, bem como verificando a relação de anteposição e posposição do não-núcleo em relação ao núcleo.

4.4. Atuação dos fatores não-estruturais

Com relação aos fatores não-estruturais, foram considerados, na análise inicial, estes: sexo, faixa etária, nível de escolaridade e grupo social do informante. Os resultados dessa análise, diferentemente do que se esperava, apontaram o grupo faixa etária como não-significativo e, como significativos, os grupos de fatores sexo, nível de escolaridade e grupo social.

A faixa etária é o grupo de fatores que juntamente com o grupo social, serve para caracterizar a variação como caso de mudança em progresso ou variável estável. O fato desse grupo não se mostrar significativo mostra que a atuação do grupo de fatores faixa etária não fornece evidências de que essa variação poderia estar caracterizando um fato de mudança em progresso.

4.4.1. Sexo

A nossa hipótese em relação a esse grupo é a de que, ao contrário do que afirma Labov (1983) e Paiva (1992), de que as mulheres são mais sensíveis à variável padrão, não se confirma na atual década. Consideramos essa hipótese ultrapassada, uma vez que, atualmente as mulheres, ou melhor, as jovens (feminino) usam com mais frequência a variável não-padrão do que os jovens (masculino), isso ocorre, talvez, devido às atitudes sociais decorridas com o tempo. Trudgil (1974) ressalta que a língua, sendo um fenômeno social, está intimamente relacionada com as atitudes sociais, que homens e mulheres são socialmente diferentes, no sentido de que a sociedade lhes impõe diferentes papéis sociais, e, por esse motivo, deles espera diferentes padrões de comportamento. Porém, atualmente, as mulheres evoluíram, em vários aspectos (mercado de trabalho, participação política, escolaridade e, principalmente, ambiente social), e acreditamos, que esse último fator tem influenciado bastante na linguagem. Para tal comparação, apresentamos, a seguir, primeiro, a Tabela 12, contendo os primeiros resultados, depois, a Tabela 13, comparando os nossos resultados com os de Scherre (1988) e de Carvalho (1997); uma terceira Tabela 14 mostra os resultados do procedimento de cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária.

TABELA 12: A ACN segundo o sexo

Fatores	Totais	Ocorrências	%	PR
Feminino	949	475	50%	.44
Masculino	348	210	60%	.66
Total	1.297	685	53%	

Essa relação pode ser melhor visualizada no Gráfico 5, a seguir, que apresenta resultados, em termos peso relativo, associados aos fatores do grupo sexo.

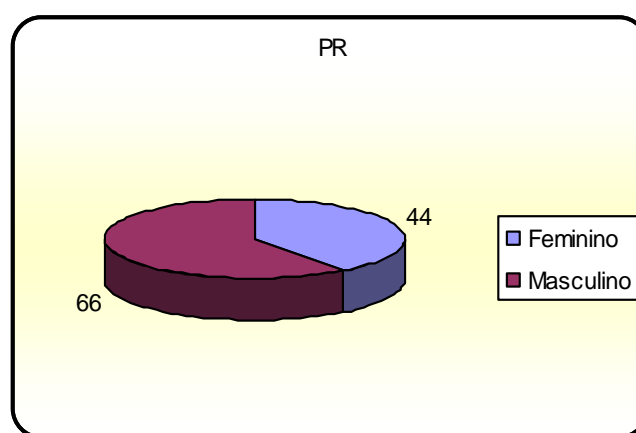


GRÁFICO 5 - A ACN segundo o sexo: masculino e feminino.

Conforme resultados apresentados na tabela 12 e no gráfico 5 é possível constatar que os homens utilizam mais a forma linguística não-padrão (.66) do que as mulheres (.44), contrariando a nossa hipótese de que as mulheres não demonstram tanta sensibilidade em relação à forma linguística padrão, e corroborando o que atestam Labov (1983) e Paiva (1992).

Dos estudos que analisaram esse fenômeno, com exceção de Braga (1977), todos analisaram a variável sexo, na Tabela 13, a seguir, os dados obtidos na comunidade investigada são apresentados, comparando-os aos resultados de Scherre (1988), na amostra do Rio de Janeiro, e de Carvalho (1997), na amostra do Rio Branco.

TABELA 13 - A ACN segundo o sexo nas amostras do Rio de Janeiro-RJ, Rio Branco-AC e Pedro Leopoldo-MG.

	Scherre (1988)	Carvalho (1997)	Pedro Leopoldo
Fatores	ACN	ACN	ACN
Feminino	.41	.60	.44
Masculino	.59	.40	.66

Os nossos resultados corroboram os resultados obtidos por Scherre (1988), que obteve resultados inversos aos de Carvalho (1997), confirmando que as mulheres tendem a se aproximar mais da norma padrão do que os homens.

No entanto, esses resultados não confirmam a nossa hipótese de que, na atualidade, as mulheres (jovens) usam mais a variante não-padrão do que os homens (jovens), devido ao fator ambiente social. Para verificarmos se isso tem relevância na fala dos moradores dessa comunidade, procedemos ao cruzamento dos grupos de fatores sexo e faixa etária.

TABELA 14: A ACN considerando o cruzamento entre o sexo e a faixa etária.

Fatores	Feminino	Masculino
Jovem	62%	58%
Adulto	51%	75%
Idoso	50%	58%

Os resultados percentuais da tabela 14 apontam para uma diferença irrelevante nos resultados, uma vez que tanto os homens (jovens) (58%), quanto as mulheres (jovens) (62%) usam a variante não-padrão quase que na mesma proporção; porém, quando comparamos os resultados das mulheres (jovens) com as mulheres (adultas) e as mulheres (idosas), a diferença é muito pequena (10%) para se afirmar que a mulheres (jovens) mudaram seu comportamento diante da linguagem formal padrão.

4.4.2. A influência do nível de escolaridade

A literatura específica sobre o estudo de concordância nominal de número no Brasil vem confirmando a hipótese de que, quanto mais escolarizado o informante é, maior é a sua propensão a aplicar a regra de concordância de número no SN, como também o inverso é verdadeiro; isto é, quanto menor o grau de escolarização, menor é a probabilidade de o informante usar a forma padrão de concordância nominal.

Nesse grupo de fatores, conforme já mencionamos, foram entrevistados vinte sete informantes, sendo que: nove têm nível de escolaridade Ensino Fundamental, nove têm nível de Ensino Médio e nove têm Ensino Superior. Nossas hipóteses, em relação à atuação desse grupo, são de que os moradores dessa comunidade usam mais a variante não-padrão, e de que esse uso é mais frequente entre as pessoas menos escolarizadas; nesse caso, as pertencentes ao fator do nível de escolaridade Ensino Fundamental. Vejamos, então, a tabela abaixo, que exhibe os resultados referentes à variável grau de escolaridade no PB falado em Pedro Leopoldo, através da Tabela 15.

TABELA 15 - A ACN segundo o nível de escolaridade

Fatores	Total	ACN	%	PR
Fundamental	368	280	76	.70
Médio	402	272	68	.66
Superior	527	133	25	.26
TOTAL	1.297	685	53	

Conforme podemos depreender dos dados acima, em termos de PR, os falantes pertencentes ao nível de escolaridade Ensino Fundamental atingem resultados superiores (.70), seguidos dos informantes do nível de escolaridade Ensino Médio (.66), ocorrendo uma queda brusca dos pertencentes ao Ensino Superior (.26). Confirmando, dessa forma, nossa hipótese de que quanto menor o nível de escolaridade do informante, maior a propensão que têm de fazer uso de construções com ACN. Os valores atribuídos aos fatores desse grupo aparecem em ordem decrescente: fator F > M > S, conforme resultados apresentados no Gráfico 6 abaixo:

$$PR = [.70 > .66 > .26]$$

$$\% = [76 > 68 > 25]$$

Esses resultados podem ser visualizados melhor no Gráfico 6, abaixo:

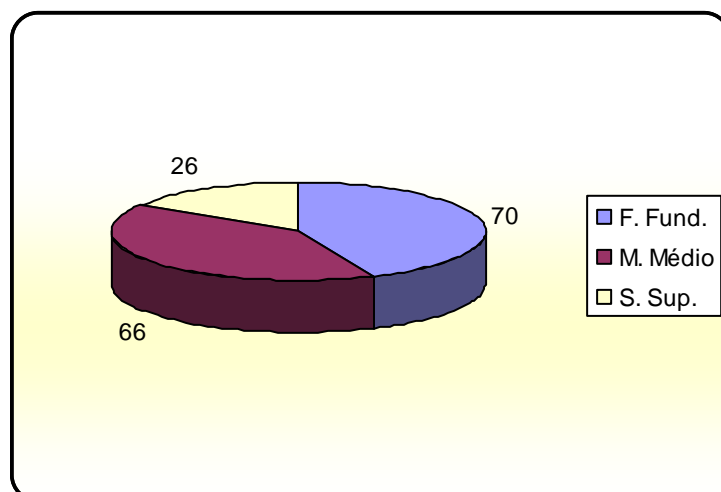


GRÁFICO 6 - ACN segundo o nível de escolaridade do informante.

A nossa hipótese de que o nível de escolaridade do falante exerce influência na preferência pela ACN se confirma; entretanto, não esperávamos que os falantes com nível de escolaridade médio apresentassem um resultado em PR tão alto, quase na mesma proporção dos falantes com nível de escolaridade fundamental e um distanciamento altíssimo em relação aos falantes com nível de escolaridade superior. Diante disso, verificaremos se a faixa etária do informante pode estar influenciando nessa preferência. Assim, para essa verificação, procedemos ao cruzamento dos grupos de fatores escolaridade e faixa etária. Esse procedimento pode ser visualizado na tabela 16, na qual apresentamos os valores em %.

TABELA 16: A ACN considerando o cruzamento entre o nível escolaridade e a faixa etária.

Fatores	Jovem	Adulto	Idoso
Superior	47%	17%	18%
Médio	67%	72%	64%
Fundamental	65%	71%	91%

Atentando para as três faixas etárias, observamos que os valores associados aos diferentes níveis de escolaridade encontrados em cada uma delas não apresentam os resultados esperados:

1. faixa etária A (adulto) e I (idoso) com nível de escolaridade superior apresentam percentuais baixos de ACN (17%) e (18%) respectivamente, por outro lado, diferente do que esperávamos, J (jovens) apresenta um percentual

um pouco mais alto (47%). Esses resultados apontam que os adultos e os idosos com nível de escolaridade superior se preocupam mais com a norma padrão do que os jovens;

2. já para o nível de escolaridade médio, os resultados se equivalem; ou seja, tanto os jovens quanto os adultos e idosos apresentam resultados acima de 65% favorecendo, dessa forma, a variante não-padrão; e
3. em relação ao nível de escolaridade fundamental, os resultados mostram uma preferência altíssima em favor da ACN, sendo que os idosos a usam mais frequentemente (91%); para os adultos, o percentual é de 71% e, para os jovens, de 65%.

Diante desses resultados, concluímos que os jovens – tanto os que têm nível superior quanto os que possuem nível médio e fundamental – não se preocupam com o uso da variante padrão (presença de concordância nominal), já os idosos e adultos que possuem nível de escolaridade superior demonstram mais preocupação com forma linguística padrão. A nossa expectativa era de que todos os informantes de todas as faixas etárias que têm nível de escolaridade superior usassem com mais frequência a forma linguística padrão.

4.4.3. A influência do grupo social

Conforme afirma Scherre (2002, p. 225), as pessoas de classes com mais prestígio social têm tendência a fazer mais concordância, ao contrário das pessoas com menos prestígio social, que tendem a realizar menos concordância, embora todos os brasileiros, em maior ou menor grau, deixem de fazê-la no uso espontâneo da linguagem, em contextos sintáticos regulares. Assim, partimos da hipótese de que a variante “presença de concordância nominal entre os elementos do SN” é mais presente entre os informantes incluídos no grupo social (A e B), sendo que, no grupo (C), o que se sobrepõe é a variante “ACN entre os elementos no SN”.

TABELA 17 - A influência do grupo social A (alto), B (médio) e C (baixo).

Fatores	Totais	Ocorrências	%	PR
A - alto	544	198	36	.45
B - médio	300	130	43	.34
C - baixo	453	357	79	.67
TOTAL	1.297	685	53	

A hipótese de que a ACN entre os elementos no SN é mais presente entre os informantes incluídos no grupo social C (baixo) se confirma. Conforme esses resultados, é possível observar que o grupo social C (baixo) é o que mais favorece o uso dessa variante: PR .67. Porém, ao observamos os resultados dos grupos sociais A (alto) e B (médio), algo nos surpreendeu, os informantes incluídos no grupo social B (médio) apresentam um resultado mais desfavorável à ACN (.34) do que os informantes incluídos no grupo social A (alto) .45. Esperávamos que o resultado fosse $C > B > A$; no entanto, o que vemos é $C > A > B$. O gráfico 7, a seguir, reflete esse resultado.

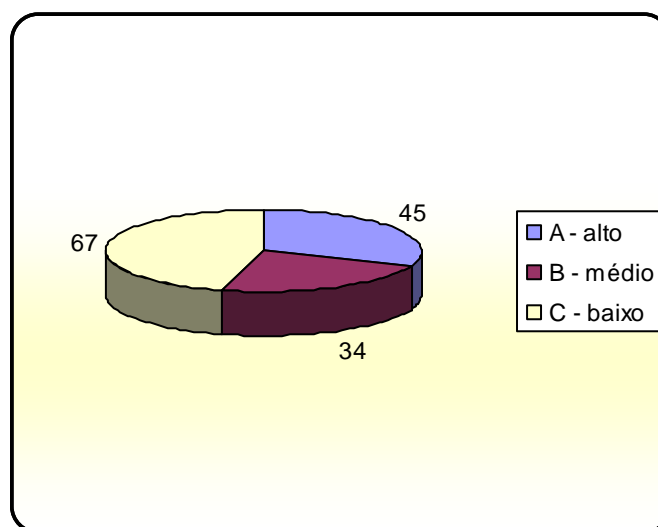


GRÁFICO 7 - A ACN segundo o grupo social do informante.

Diante desses resultados, resolvemos proceder ao cruzamento entre as variáveis grupo social e escolaridade, para verificar se o nível de escolaridade pode estar influenciando na fala dos moradores pertencentes aos grupos sociais A, B, C, nessa comunidade.

Esses resultados podem ser melhor visualizados através da Tabela 18:

TABELA 18: A ACN segundo cruzamento entre grupo social e escolaridade

Fatores	Superior	Médio	Fundamental
Alto	25%	41%	80%
Médio	27%	59%	33%
Baixo	0	75%	83%

Em síntese, concluímos que há uma considerável distância, em termos percentuais, entre os valores obtidos pelos grupos sociais alto e médio e os níveis de escolaridade. O grupo social alto, com nível superior, apresenta um resultado em percentual equivalente ao do grupo social médio. Todavia, ao compararmos os resultados dos grupos sociais alto e médio correlacionados com o nível de escolaridade fundamental a diferença em percentual é altíssima, o primeiro com (80%) e, o segundo, com (33%), apontando para uma possível causa dessa alteração na ordem esperada (C>A>B).

CAPÍTULO 5:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso grande objetivo era fazer uma análise da variável linguística constituída da ausência e da presença de concordância entre os elementos do SN na fala dos moradores de Pedro Leopoldo, tomando por base os dados colhidos em entrevistas espontâneas. Neste capítulo, retomamos, resumidamente, os resultados dessa análise, buscando destacar aqueles fatores que favorecem (ou não) a ACN, considerada como uma variante linguística.

Das entrevistas que fizemos com os 27 informantes selecionados em função das hipóteses específicas relacionadas a fatores extralinguísticos, extraímos 1.461 dados, que, após serem analisados qualitativamente, foram submetidos a uma análise quantitativa por meio do programa VARBRUL. De acordo com os resultados dessa análise, a ACN ocorre em 759 casos (o que corresponde a 52% do total dos dados analisados), confirmando, dessa forma, a hipótese que norteia esse trabalho.

O trabalho de Scherre (1996) nos orientou quanto à expectativa de testar os grupos de fatores linguísticos posição no SN e classe gramatical do elemento nuclear e não-nucleares. De acordo com os nossos resultados:

- 1) na primeira rodada, com todos os grupos de fatores inicialmente considerados, o grupo de fatores posição no SN tanto nuclear quanto não-nucleares bem como o grupos de fatores classe gramatical do elemento nuclear são descartados; ou seja, apresentam resultados em PR insignificantes.
- 2) o grupo de fatores classe gramatical não-nuclear é o que mais favorece a ACN no interior do SN. Também em nossos dados, o pronome demonstrativo constitui, aparentemente, o fator que mais favorece a ACN (.74), seguido dos fatores constituídos pelo pronome possessivo (.59), pelo artigo (.57), já o numeral (.48) apresenta um resultado quase neutro, e o pronome indefinido (.42) desfavorece; os adjetivos, por sua vez, são altamente desfavorecedores à ACN (.07);
- 3) a variável presença e ausência de flexão de plural nos elementos não-nucleares é apontada, pelo VARBRUL, como favorecedora da ACN (nos

casos de ACN, a ausência de marca de flexão de plural em tais elementos é categórica (100%; PR = 1.00); já os elementos não-nucleares contendo a flexão de plural figuram, em 50% dos casos, entre os SNs computados como exibindo ACN, sendo associados ao PR = .43.

Porém, esses resultados nos causaram estranheza, uma vez que, em estudos anteriores, (POLPLACK, 1980a; SCHERRE, 1988; CARVALHO, 1997) os determinantes aparecem como desfavorecedores da ACN e os adjetivos como favorecedores. Então, levantamos a seguinte hipótese: como podem os determinantes ser apontados como favorecedores da ACN, se esses apresentam marca de flexão de plural na maioria dos casos, e, por outro lado, como podem os adjetivos se mostrar desfavorecedores da ACN, se esses, quando ocupam a terceira posição, apresentam índice considerável de ausência de marca de flexão de plural?

A partir desse questionamento e seguindo Scherre (1996), procedemos ao cruzamento das variáveis posição linear e classe gramatical do núcleo e do não-núcleo, dos 1.461 dados, procurando entender o porquê desse resultado contrário aos estudos anteriores e ao que esperávamos obter.

Desse procedimento, concluímos que: quando analisamos o SN como um todo – ou seja, ausência e presença de concordância nominal –, os resultados obtidos não deixam claro qual o fator linguístico, considerado neste estudo, que mais favorece a concordância nominal. Assim, verificamos que o que realmente acontece é que a frequência de ocorrências, nos casos de ACN, é altamente favorecida pelos determinantes: demonstrativos, possessivos, artigos, numeral e indefinido, e é altamente desfavorecida pelo adjetivo, independentemente de presença de marca de flexão de plural ou não.

Com o intuito de verificar qual classe gramatical e qual posição apresentava maior número de presença de marca de flexão de plural no elemento, partimos para o seguinte procedimento: 1) retiramos todos os 702 (setecentos e dois) casos de presença de concordância nominal, pois, todos esses têm marca de flexão de plural em todos os seus elementos; 2) analisamos apenas os 759 (setecentos e cinquenta e nove) casos que continham ausência de flexão de plural em um ou mais de seus elementos; analisando esses dados por meio do cruzamento dos grupos de fatores posição no SN e classe gramatical do elemento nuclear e não-nuclear; e 3) desses dados, analisamos, também, a influência dos elementos não-nucleares antepostos e pospostos em relação ao núcleo.

Do procedimento de cruzamento entre as variáveis citadas acima, concluímos que: a primeira posição é ocupada, principalmente, pelos determinantes; os substantivos também

ocorrem nessa posição; porém, com um índice muito baixo de ocorrências, da mesma forma os adjetivos, que pouco ocorrem nessa posição; porém, todos os elementos, tanto nucleares quanto não-nucleares, quando ocupam essa posição, apresentam um índice altíssimo de presença de marca de flexão de plural; ou seja, 100% dos casos. A segunda posição é ocupada, principalmente, pelos substantivos, e esses apresentam um alto índice de ausência de flexão plural. Os adjetivos, nessa posição, apresentam um comportamento idêntico ao substantivo, ou seja, um alto índice de ausência de marca de flexão de plural. Os determinantes, por sua vez, não ocorrem muito nessa posição; porém, os poucos que ocorrem apresentam um comportamento diferente do substantivo e do adjetivo, o índice de ausência de flexão de plural em seus elementos é baixo. A terceira posição, ocupada tanto por elementos nucleares quanto por elementos não-nucleares, principalmente pelos adjetivos (os determinantes ocorrem nessa posição apenas em seis casos), apresenta um alto índice de ausência de flexão de plural: 91%.

Quanto à influência dos elementos não-nucleares antepostos e os pospostos em relação ao núcleo, concluímos que: todos os elementos antepostos ao núcleo, independentemente da posição que ocupam no SN, favorecem a presença de marca de flexão de plural nesse elemento. Por sua vez, os elementos pospostos ao núcleo, independentemente da posição que ocupam no SN, favorecem a ausência de marca de flexão de plural nesse elemento.

Enfim, com relação às variáveis linguísticas, pelos dados analisados e pelas comparações estabelecidas com outras pesquisas, percebemos que não há apenas uma tendência forte em direção a garantir a informação de plural no primeiro elemento do SN, como também uma redução significativa das flexões nominais nos demais elementos. Isso decorre, como já vimos, do fato de que uma única marca de flexão de plural é suficiente, tanto para o informante garantir a informação de pluralidade em sua mensagem, quanto para o interlocutor compreender o enunciado.

Em relação aos fatores extralinguísticos, todos, com exceção do grupo faixa etária, mostram-se relevantes para a explicação da ACN nos dados aqui analisados. Com base nos nossos resultados, podemos concluir que: o grupo de fatores sexo, o fator masculino favorece altamente (.66) a ACN, e o fator feminino a desfavorece (.44), contrariando a nossa hipótese de que as mulheres não são tão sensíveis à forma linguística padrão e corroborando o que defendem Labov (1983) e Paiva (1992) (a sensibilidade das mulheres diante da forma linguística padrão). Diante desse resultado, levantamos a hipótese de que as mulheres (jovens), devido ao ambiente social, poderiam usar mais a variável não-padrão (ACN) do que

os homens (jovens). Porém, essa hipótese também não se confirma, porque tanto as mulheres (jovens) quanto os homens (jovens) a usam na mesma proporção, com uma pequena diferença entre as mulheres adultas (11%) e as mulheres idosas, de 12% a mais.

Quanto ao grupo de fatores nível de escolaridade, apontado pelo programa como favorecedor da ACN, os resultados desse grupo demonstram que os falantes com o nível de escolaridade fundamental (completo ou não) apresentaram PR de .70, seguidos, imediatamente, dos falantes com o nível de escolaridade médio (completo ou não) (.66), que empregam mais frequentemente a ausência de concordância nominal do que os falantes do nível de escolaridade superior (completos ou não) (.26), corroborando nossa hipótese de que o nível de escolaridade exerce influência na preferência pela ACN. Não esperávamos, todavia, que os falantes com o nível de escolaridade médio apresentassem um resultado tão alto de preferência por essa variante. Diante disso, procedemos ao cruzamento das variáveis faixa etária e nível de escolaridade, com o objetivo de verificar se essas variáveis podem estar influenciando nos resultados. Assim, concluímos que os adultos e os idosos com nível de escolaridade superior se preocupam mais em empregar a forma linguística padrão do que os jovens com esse nível de escolaridade. Já os resultados dos falantes com nível de escolaridade médio, comparados com a faixa etária, se equivalem; ou seja, tanto os jovens quanto os adultos e idosos apresentam preferência pela ACN (65%). Quanto aos falantes com nível de escolaridade fundamental, os resultados apontam para uma preferência altíssima em favor da ACN, sendo que os idosos a usam com mais frequência (91%), os adultos, com PR de 71% e, os jovens, de 65%.

O grupo de fatores grupo social apresenta resultados surpreendentes; a princípio, nossa hipótese de que a ACN é mais presente entre os falantes do grupo social baixo (C) se confirma, com um resultado em PR de .67. Contudo, os resultados apontados pelos grupos social médio .34 e alto .45 não são o que esperávamos, pois deveriam apresentar-se na seguinte ordem decrescente C>B>A, e o que acontece é o seguinte C>A>B. Diante disso, procedemos ao cruzamento entre o grupo de fatores grupo social e nível de escolaridade, e, com isso, verificamos que os resultados, em percentuais, apresentados pelo grupo de fatores social alto e médio em relação ao nível de escolaridade superior se equivalem; porém, os resultados percentuais desses dois grupos sociais, quando comparados com os resultados de falantes do nível de escolaridade fundamental, apresentam uma diferença altíssima: o primeiro, com 80%, e, o segundo, com 33%, apontando, dessa forma, para uma possível causa dessa mudança na ordem decrescente esperada, de C>B>A para C>A>B.

Os resultados quantitativos nos permitiram concluir que a variável em estudo não representa um caso de mudança em progresso, mas, caracteriza-se como um caso de variável estável – isso significa que a segunda hipótese, (o uso dessa variável no Português falado em Pedro Leopoldo, é uma variável que se caracteriza como mudança em progresso, nos termos de LABOV (1972)) foi refutada, confirmando, dessa forma, as conclusões dos estudos anteriores de que, no PB, a variação na concordância nominal está definitivamente internalizada na mente dos falantes.

Entendemos que o estudo linguístico na zona urbana, não só em Minas Gerais, como em todo o País, é de grande relevância no âmbito da Sociolinguística. Com esse estudo, evidenciamos que o fenômeno de variação na concordância nominal de número no PB não está restrito a uma região ou a uma classe social específica; é característico de toda a comunidade de fala brasileira. Esperamos que o nosso trabalho venha a contribuir, de alguma forma, para o avanço dos estudos sociolinguísticos neste País.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.. *O dialeto caipira*. 3. ed.. São Paulo: Hucitec, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, L. M.. *Rupturas e contínuos da Concordância Nominal de número em textos orais de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina USSC, Tubarão, 2003.

BRAGA, M. L.. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. 1977. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1977.

_____, M. L. & SCHERRE, M. M. P. (1976) A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1º, 1976, Rio de Janeiro, PUC. P. 464-477.

BECHARA, E.. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papiros, 1996.

CARVALHO, R. C.. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, 1997.

CEDERGREN, H. J.. *The interplay of social and linguistic factors in Panama*. Cornell University, Ph.D. Dissertação, 1973.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, K.. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence, *Language*, v. 50, n. 2, p. 333-355, jun. 1974.

CHAMBERS, J. D.. *Sociolinguistic theory*. Blackwell, Oxford: Cambridge, 1995.

_____; TRUDIGILL, P.. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOMSKY, N.. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1965.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F.. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, M. C. A. C.. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. 1993. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 1993.

- FARACO, C. E.; MOURA, F. M.. *Gramática*. 10. ed.. São Paulo: Ática, 1992.
- FARACO, C. E.; SCHERRE, M. M. P.. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1º, 1976. *Anais...* Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ.
- FERREIRA, C.. *Remanescentes de um falar crioulo brasileiro*. *Revista Lusitana*, v. 5, p. 21-34, 1984.
- FIGUEROA, Ester. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994. (Language & Communication Library, v. 14)
- FISCHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas. In: FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. (ufrgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.
- GNERRRE, M.. In: GNERRRE, M.. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. p. 4 (cap. 1: Linguagem, poder e discriminação)
- GONÇALVES, V. F.. *A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce - MG*. 2007. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- GUMPERZ, J. John. Introduction to part IV. In: GUMPERZ, J. John; LEVINSON, C. Stephen (Eds.), 1996. p. 359-73.
- GUMPERZ, J. John; LEVINSON, C. Stephen. Introduction: Linguistic relativity reexamined. In: GUMPERZ, J. John; LEVINSON, C. Stephen (Eds.), , 1996. p. 1-18.
- _____. (Eds.) *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- GUY, G. R.. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. PhD Dissertation, mimeo.
- GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *Abralin*, 2001. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. Acesso em: 08 set. 2010.
- _____. Parallel Variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF David; CEDERGREN, Henrietta (Eds.). *Variation Omnibus*. Canadá, Linguistic Inc., p. 85-93, 1981.
- LABOV, W.. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1978.

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, William (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y.. (Eds). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

MARROQUIM, M.. *A língua do Nordeste - Alagoas e Pernambuco*. 2. ed.. São Paulo: Nacional, 1945.

MARTINS, Marcos Lobato. *Pedro Leopoldo: memória histórica*. 2. ed.. Pedro Leopoldo, MG: Gráfica Editora Tavares, 2006.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

MOLLICA, M. C. (Org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1992.

MONTEIRO, C. do R.. *A linguagem dos cantadores*. Tese apresentada em concurso à Congregação do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1933.

MOTTA, E. C. de M.. *Escolarização e variação lingüística*. 1979. (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1979.

MOURA, D.. O tratamento das variantes padrão e não padrão na sala de aula. In: Denilda Moura (Org.). *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCENTES, A.. *O linguajar carioca*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NICOLAU, E. M. das D.. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolingüística*. 1984. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 1984.

NINA, T. de J. C.. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. 1980. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS, Porto Alegre, 1980.

PAIVA, M. C.. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, p.71, 1992.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). *Mudança Lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 2003.

PAREDES, Vera Lúcia. A abordagem Laboviana. In: Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL. Porto Alegre, 1992.

PEREIRA, Andréa Kluge. *As concordâncias nominal, verbal e nos predicativos em função das situações da fala de um único falante*. 1993. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Brasília - UnB, Brasília, 1993.

PINTZUK, S. *Varbrul programa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

POPLACK, S.. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish; competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

POWELL, J. F.; NEVES, W. A.. Craniofacial morphology of the first Americans: Pattern and Process in the peopling of the New World. *Yearbook of Physical Anthropology*, n. 42, p. 153-188, 1999.

PROJETO VARSUL - Variação Linguística Urbana da Região Sul (UFSC); e, os dados de Tubarão (SC).

PROCOTEXTOS/AMUREL - Projeto de Coleta de Texto de Informantes da AMUREL

RIBEIRO, J.. *Gramática portuguesa*. 39. ed.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da, *Gramática normativa da língua portuguesa*. 44. ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ROSSEAU, P.; SANKOFF, D.. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, D. (Ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978.

SANKOFF David; CEDERGREN, Henrietta (Eds.). *Variation Omnibus*, Canadá, Linguistic Inc., p. 85-93, 1981.

_____, D. (1988). Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTHEIER, Klaus j> (eds.) *Sociolinguistics – An International handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, p.984-998.

SCHERRE, M. M. P.. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1978.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

_____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 52-70, 1991.

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) – Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. Dez. de 1994.

_____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, Giselle M. de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos* - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p.41-62, 1996. Tempo Brasileiro.

_____. A norma do imperativo e o imperativo da norma – uma reflexão sociolingüística sobre o conceito do erro. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. [Org] São Paulo, SP: Loyola, 2002.

SILVA, Giselle M. de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos* - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, no prelo, 1998. (Série Universidade)

TARALLO, F.. *A Pesquisa sociolingüística*. 5. ed.. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

_____, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, J. A.. *O falar mineiro*. Sep. *Revista do Arquivo Municipal*, v. 45, São Paulo, 1938.

TRUDIGILL, P. & CHAMBERS, J. D. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

WAGNER, N. F.. *Concordância nominal na Região Sul*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory in language change. In: LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y.. (Eds). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

ANEXO I – Descrição da organização social da população

Para a descrição da organização social da população, foram observados os seus diferentes estilos de vida.

1. Condições de habitação

a) Localização/Bairro

- Altamente valorizado
- Relativamente valorizado
- Pouco valorizado

b) Propriedade

- Imóvel próprio (propriedade/escritura publica) financiado ou quitado.
- Imóvel próprio (posse/invasão)
- Imóvel alugado
- Imóvel cedido

c) Padrão da edificação/moradia

- Edificação projetada.
- Dimensão/área construída (tamanho do lote, tamanho do prédio/apartamento).
- Padrão da construção (alto, médio, baixo).

2. Profissão

- Retribuição: normalmente é rentável, normalmente não é rentável.
- Valor Social: exige ou não escolaridade.

3. Acesso

a) bens (móveis/imóveis),

- outros imóveis (casa, apartamento, sítios, lojas etc.),
- automóveis, moto, caminhão etc.

b) cultura (estuda em escola),

- pública (nível baixo, médio ou alto),
- particular.

c) lazer

- frequenta eventos culturais tais como teatro, cinema, shows, etc.
- tem acesso a jornais, livros, revistas, etc.
- viagens (quantas vezes ao ano ou não viaja?).
- círculo de amigos.

ANEXO II – Fotos do município de Pedro Leopoldo



A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, A "CASA DE FERNÃO DIAS", A LAGOA E A LAPA DO SUMIDOURO FORMAM UM IMPORTANTE CONJUNTO ARQUITETÔNICO, ARQUEOLÓGICO E PAISAGÍSTICO, TOMBADO PELO INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS, ATRAVÉS DO DECRETO Nº 17.729, DE 27 DE JANEIRO DE 1976.

A CAPELA FOI ERGUIDA PELAS IRMANDADES DO ROSÁRIO E DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO E PELAS MÃOS DOS ESCRAVOS QUE TRABALHAVAM NA MINERAÇÃO NO VALE DO RIO DAS VELHAS.

A ÁREA ONDE SE LOCALIZAM A CAPELA E A "CASA DE FERNÃO DIAS" CONSTITUI-SE DE POUSO DA EXPEDIÇÃO BANDEIRISTA DE DESBRAVAMENTO DO TERRITÓRIO MINEIRO NO FINAL DO SÉCULO XVII. ESSES POUSOS, EMBORA DE CARÁTER TEMPORÁRIO, EVOLURAM E TORNARAM-SE OS PRIMEIROS NÚCLEOS URBANOS E MARCOS DA FORMAÇÃO DA CULTURA E DO TERRITÓRIO MINEIRO.

A CAPELA ESTÁ ENTREAS PRIMEIRAS DAS GERAIS QUE SE VINCULAM AO PERÍODO MINERADOR. DE PROPORÇÕES MODESTAS, POSSUI ORNAMENTAÇÃO INTERNA DE GRANDE VALOR ARTÍSTICO, SENDO O RETÁBULO-MOR A PEÇA DE MAIOR REPRESENTATIVIDADE DO CONJUNTO CONFECCIONADO EM MEADOS DO SÉCULO XVIII, O RETÁBULO E FILIADO ESTILISTICAMENTE AO MODELO D. JOÃO V, SEGUNDA FASE DE NOSSO BARROCO.

Fotos: 4 - 5 - 6: Boneco representando Fernão Dias (o matador); Casa Fernão Dias e Igreja Nossa Senhora do Rosário em Quinta do Sumidouro – Distrito de Pedro Leopoldo (acervo pessoal)



Fotos: 7 - 8 - 9: Praça da Quinta do Sumidouro; Gruta da Lapinha e Fazenda Samambaia – Patrimônio histórico – Quinta do Sumidouro, distrito de Pedro Leopoldo (acervo pessoal).

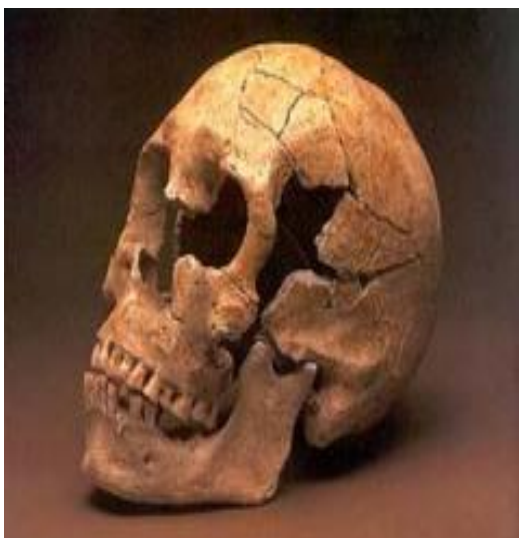


FIGURA 10 Crânio e mandíbula de um homem de Lagoa Santa e LUZIA - Em 1975, missão francesa descobre o esqueleto com traços negróides, de mulher que seria a mais antiga das Américas 11, 5anos.

Fonte: [HTTP//3.bp.blogspot.com/1wk9AnL2DTI](http://3.bp.blogspot.com/1wk9AnL2DTI)



FIGURA 11 e 12: Lagoa de Fidalgo – Fidalgo distrito de Pedro Leopoldo e Capela Nossa Senhora do Rosário – Quinta do Sumidouro. Fonte: Acervo pessoal



FIGURA 13: Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição e construções antigas no centro de Pedro Leopoldo. Fonte: Acervo pessoal.



